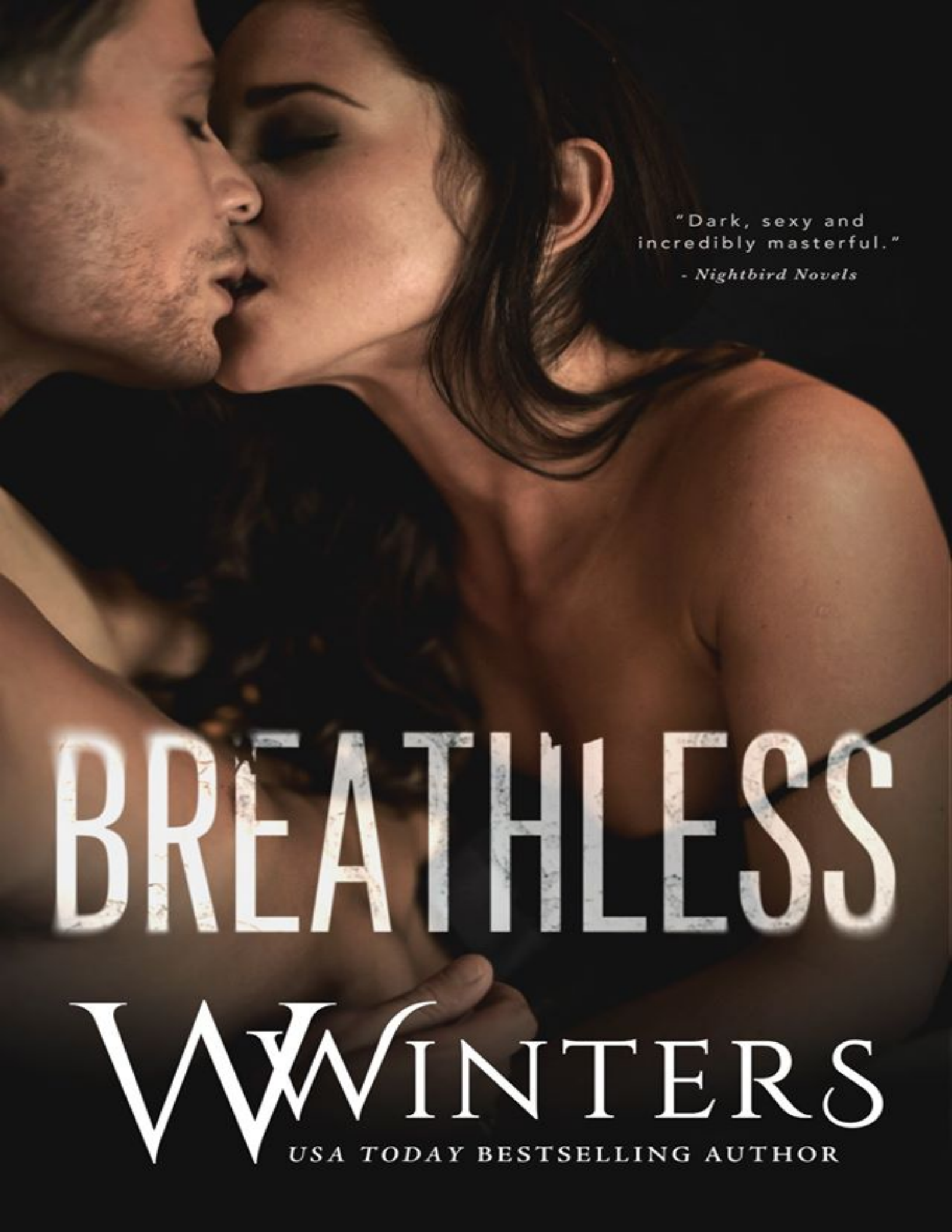

"Dark, sexy and incredibly masterful."
- Nightbird Novels
BREATHLESS
WINTERS
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR



Não há uma rosa ou um beijo que os tornem príncipes

Tradução: Ariella

Revisão Inicial: Clau & Ariella

Revisão Final: Karol.

Leitura Final: Juh G.

Conferencia: Ellen Araujo

Formatação: Ariella



ORDEM DE LEITURA

Marcus & ....

Do You Want Me (This Love Hurts Duet #1) - Ainda não lançado nas Gringas.

This Love Hurts (This Love Hurts Duet #2) - Ainda não lançado nas Gringas.

Sebastian & Choel

A Kiss to Tell (A Kiss #1) - Lançado

Daniel & Adison

Possessive - Lançado por Flor de Lotus & Was Traduções

*Seductive *Epilogo Prolongado**

Carter & Aria

Merciless (Merciless #1) - Lançado

Heartless (Merciless #2) - Lançado

Breathless (Merciless #3) - Lançado

Endless (Merciless #4) - Em breve

Sebastian & Choel

*A Kiss to Keep (A Kiss #2) *Epílogo prolongado* - Em breve*

Jase & Bethany

A Single Glance (Irresistible Attraction #1) - Em breve
A Single Kiss (Irresistible Attraction #2) - Em breve
A Single Touch (Irresistible Attraction #3) - Em breve

Seth & Laura

Longing to Hold (Hart to love #0.5) - Em breve
Hard to Love (Hard to Love #1) - Em breve
Desperate to Touch (Hard to Love #2) - Em breve
Tempted to Kiss (Hard to Love #3) - Em breve
Easy to Fall (Hard to Love #4) - Em breve

Declan & ...

Tease Me Once - Em breve

SEUS LÁBIOS TINHAM GOSTO DE CABERNET E SEU TOQUE ERA COMO FOGO.

Eu estava cego pelo que ela fez comigo. Eu facilmente me apaixonei por algo que pensei que nunca teria.

Eu era fraco por ela e deveria ter a conhecido melhor. Eu deveria saber que ela nunca poderia amar um homem como eu.

Ela trouxe um lado meu que eu gostaria que tivesse ficado morto.

Eu não vou cometer o mesmo erro duas vezes.

Eu não me importo com o quanto ela me implore.

EU NÃO ME IMPORTO QUE EU ANSEIE POR ELA MAIS DO QUE QUALQUER OUTRA COISA...

DEDICADO A BETHANY.

Obrigada por ler meus cartões.

E tudo que veio com isso.

Xoxo

Um agradecimento especial à minha equipe de edição e aos betas que fazem dos meus livros o que eles são.

Donna, Chris, Becca, Teresa, Katie, TJ e Sophie - eu não poderia fazer isso sem vocês.

#TeamWillow

CARTER

JÁ FAZ muito tempo desde que alguém se atreveu a tentar me matar em minha própria casa.

Ainda mais tempo desde que alguém apontou uma arma para mim e viveu para contar a história.

Eu mal posso ouvir uma coisa por causa do zumbido nos meus ouvidos. Esperei por este momento, mas não era assim que pensei que seria.

Ela me ama, eu *me* lembro. Ela porra me ama. Eu sei que ela faz.

O rosto de Aria está vermelho, e sua mão treme enquanto ela luta para manter a arma firme.

Eu dou um passo em direção a ela e ela se inclina. O clique preenche a sala. Qualquer que fosse a semelhança de um coração que eu tivesse quebrado em meu peito, os pequenos fragmentos disparando ondas de dor através do meu corpo.

O sorriso doentio no meu rosto diminui enquanto eu me esforço para segurá-lo no lugar, focando naqueles lindos olhos cor de avelã. Olhos que me atraíram para ela, que me pediram misericórdia, me fizeram sentir mais do que senti em anos.

Olhos que me enganaram.

"Soltem suas armas," exige Aria, sua voz trêmula, mas clara e alta, independentemente. É fodidamente insano que neste momento ela me parece absolutamente linda. Em sua força, ela está mais bonita.

"Larguem elas!" Ela grita com mais força e a arma vacila. É óbvio que ela nunca fez algo assim antes, ou pelo menos nunca disparou uma.

No entanto, ela está apontando para mim. Pode acidentalmente, me matar. *Ela se arrependeria disso?* Eu questiono e sinto um forte puxão no meu peito. Um poço de emoção ameaça quebrar minha compostura. Cada centímetro de pele está entorpecido enquanto olho para ela, sentindo tudo desmoronar ao meu redor.

Na frente do inimigo.

Na frente dos meus irmãos.

Na frente dela.

"Carter?" Eu ouço Jase sem vê-lo, perguntando se eles devem ouví-la ou não.

Dois dos meus irmãos, Jase e Declan, estão atrás de mim com armas apontadas para três homens ajoelhados no chão. Dois deles são primos dela, e o terceiro homem é seu ex-amante e amigo. O nome pelo qual ela orou enquanto estava

na cela, o único nome que estou cansado de ouví-la falar que pertence a ele.

Todos os três são homens que queriam nos matar apenas alguns momentos atrás. Homens que Aria está protegendo e querendo me matar para salvar.

Esses malditos pedaços se aprofundam em qualquer ferida que eles tenham feito no meu peito.

Engolindo o nó na garganta junto com a angústia que estou sentindo, eu respondo a Jase, embora eu não tire meu olhar de Aria. "Largue elas." Instantaneamente, o alívio aparece no rosto de Aria, e ela até relaxa o aperto na arma até que eu acrescento: "Mas não deixe que esses filhos da puta as tenham. Ninguém mais segura uma arma," eu engulo em seco e acrescento, forçando um sorriso no rosto, "exceto Aria."

O controle ainda está na minha demanda. Eles vão me ouvir, todos que valem a pena nesta sala vão... mas com o passar do tempo, eu posso sentir isso escorregando. Eu só posso imaginar o que a família dela pensa, mas é o que meus irmãos estão vendo que me tritura. Eles sabem que eu a amo.

E agora eles estão vendo-a trair todos nós.

"Deixe-os ir," Aria ordena em um tom mais fraco, um preenchido com um apelo. Visivelmente engolindo, ela finalmente quebra meu olhar para olhá-los. Sua respiração assustada e aguda no que ela vê me destrói. Sua misericórdia e compaixão por eles são repugnantes.

Eles vieram me matar. Ela sabe disso.

Ela ainda pode me matar.

Eu a amava. Eu sei que a amava e esse foi o meu primeiro erro.

A raiva aumenta e chega no meu sangue. Minha sanidade finalmente volta para mim, me endurecendo e me lembrando de quem eu sou e tudo pelo que trabalhei.

Tudo vai desmoronar. Tudo por causa dela.

Eu teria feito *qualquer coisa* por ela.

"Vamos lá." Eu ouço a voz de Nikolai, baixa e cheia de dor. O sangue ainda está vermelho do corte no lábio e uma contusão já se formou em seu rosto. Meus dedos ficam brancos quando meu punho se aperta. Tudo que eu preciso é de um momento para tirar cada pedacinho da minha agressividade contra ele. Eu quero quebrar sua mandíbula por ousar falar essas palavras para minha Aria.

Eu nunca senti raiva como eu sinto agora quando ele chega para ela como se ele pudesse levá-la para longe de mim.

Porque ele pode.

Porque ela está disposta.

"Vão," diz ela, e a voz de Aria é forte quando ela olha para ele. Mais uma vez, a arma está frouxa em seu aperto. Ela não

parece notar o quão solta a arma está em suas mãos. Eu poderia pegar. Eu poderia arriscar. Mas arriscaria colocá-la em perigo, e meu olhar cai com o pensamento.

"Agora," um de seus primos assobia, puxando o braço de Nikolai. A camisa aperta em volta do pescoço quando o tecido é puxado. Espreitando-o da minha periferia, estou enojado, assim como Nikolai, a julgar pela expressão dele.

"Venha conosco," insiste Nikolai, levantando a voz para comandá-la, mas também implorando, e eu tomo meu foco de Aria, olhando para o homem que Nikolai é.

Ele me lembra do garoto que eu já fui.

Tolo e imprudente. Mas ele nunca passou pela merda que eu tive. Ele foi criado nesta vida, ele não foi jogado nela e forçado a lutar para sobreviver a cada maldito dia.

No entanto, ele acha que pode levá-la.

"Eu vou ficar." Aria diz com autoridade antes que eu possa dizer qualquer coisa. Sua declaração faz Nikolai se encolher. Um pouco de esperança vibra no meu peito. Minha garganta aperta e meu peito dói, sentindo como se estivesse prestes a rasgar. *Ela está ficando.*

"Não temos tempo para isso!" Um de seus primos grita, olhando ao redor da sala como se a qualquer momento, eu mude de ideia e mate todos.

Ele estaria certo se não fosse por Aria.

Ela os queria. Ela os escolheu.

"Eu não vou sair sem você." Rosna Nikolai e espreita para Aria, pronto para levá-la. Essa é a minha sugestão para pegar minha arma.

O reencontro deles durou tempo suficiente e eu me recuso a deixá-lo levá-la. Ninguém vai tirá-la de mim. Ninguém.

A adrenalina corre pelo meu sangue, minha respiração fica mais pesada quando minha mandíbula se aperta. A arma está quente na minha mão. Mais quente do que já foi antes. Está apontado para Nikolai. Aria com a dela apontada para mim.

Minha voz é profunda e áspera quando digo aos três: "Vocês tem dois minutos para correr."

"Carter," diz ela, e a voz de Aria é um apelo desesperado, mas ela não tem espaço para negociar e eu não tenho piedade restante, nem mesmo para ela. Eu a ignoro, sentindo a raiva do que ela fez se infiltrar na medula dos meus ossos quando eu termino de dizer, "e então vamos abrir fogo."

Meus irmãos se movem lentamente, pegando suas armas enquanto a expressão de Aria se encolhe de dor e ela balança para trás em direção à parede, com seu nervosismo evidente.

A mandíbula de Nikolai está tensa, seus olhos azuis claros brilhando de ódio. "Venha comigo," diz ele em voz baixa. "Leve ela!" Ele comanda seus aliados.

Mas eles correm, deixando-o sozinho e deixando-a para trás. "Ela teve sua chance!" Um dos homens grita atrás dele. Seus tênis rangem quando seus passos batem no chão recém-polido. Covardes. Os homens de Talvery são covardes.

"Aria, por favor," Nikolai implora como se isso partisse a porra do seu coração. Foda-se ele.

"Um minuto," eu cerro entre os dentes e ele finalmente olha para mim. Meu aperto na arma aumenta. Um aperto do gatilho e eu me livraria dele para sempre. Estou tão perto de puxar, só para acabar com tudo. Ele me olha nos olhos e eu desejo que o olhar que eu lhe dei de volta fosse o suficiente para matá-lo.

"Vá," ela choraminga, seus olhos piscando da minha arma para ele. "Saia daqui!" Ela grita com ele.

"Eu voltarei por você," ele diz a ela como se ela fosse seu amor há muito perdido.

Espero que ele volte para ela. Minhas narinas se abrem e meu peito dói enquanto ela fica sem fôlego ao vê-lo sair*. Volte para ela, Nikolai. Volte, então eu posso quebrar seu maldito pescoço.* Eu mordo minha língua, sentindo o gosto metálico de sangue na minha boca.

Eu vou matá-lo nem que seja a última coisa que faço.

Ele ainda está fugindo dela. Minhas unhas grossas cravam em minhas palmas enquanto meus punhos se apertam e a raiva e ciúme se fundem em uma mistura mortal.

O vermelho sangra na minha visão e é tudo o que posso fazer para não puxar o gatilho enquanto ele segue seus movimentos.

"Eu queria dizer a você," Aria soluça quando o som de Nikolai desaparece no corredor. "Eu não pensei..."

"Me dizer o que?" Eu pergunto a ela.

"Que eles estavam vindo," diz ela com uma dor em sua voz que corresponde a um turbilhão em seus olhos. Ela está se quebrando, mal respirando e eu posso ver o arrependimento, o remorso. Mas apenas uma coisa ressoa comigo.

"Você sabia?" Eu a questiono e sinto um arrepio pelo meu corpo que afunda até os ossos.

Ela nunca me amou. Ela nunca fez. Você protege aqueles que você ama. Sempre. E ela não me protegeu.

Eu era um idiota e ela não é a mulher que eu pensava que ela é. Ela é uma mentirosa.

"Estamos realmente deixando-os ir?" A pergunta de Declan corta a névoa da descrença e da traição.

"Você sabia?" Eu pergunto a ela novamente, meu temperamento voltando.

"Eu, eu..." Ela gagueja sobre suas palavras, seu olhar correndo pelo meu rosto, medo e dor em seus olhos cor de avelã para o vidro com lágrimas. Ela abaixa a arma até o fim, não ousando apontá-la para mim e eu solto a minha

enquanto me aproximo dela, cada passo pesado soando mais agourento do que o anterior.

"Carter?" Declan grita meu nome, exigindo uma resposta.

Com cada passo mais perto dela, ela leva um no sentido inverso até que seus ombros atinjam a parede.

Eu jogo minha arma antes de arrancar a dela das mãos dela, embora ela não lute. "Carter," Declan chama de novo, não se importando com tudo que a mulher que eu amava me preparou. Ela sabia que eles estavam vindo para me matar, para matar todos nós, e ela não fez *nada*. "Vamos deixá-los ir ou não?" Declan pergunta.

Com uma mão apoiada na parede acima da cabeça de Aria e a outra presa no quadril, eu olho-a mortalmente nos olhos, ignorando tudo sobre o seu olhar que me atrai. Ela não pode mais ter isso. Eu estou levando esse poder embora.

Sentindo o domínio do ódio fluir através de mim e querer machucá-la enquanto ela me machuca, eu respondo a Declan com uma voz profunda que é quase inaudível. "Mate todos."

***

JASE

Eu sou rápido em seguir Declan para fora da sala, mesmo sabendo que é um erro deixar Carter sozinho com Aria.

Eu serei rápido. Eu tenho que fazer algo para parar isso.

"Declan." Levantando minha voz, chamo meu irmão e o som de seus passos ecoando no corredor para instantaneamente. Ele se vira para mim, raiva e tensão ainda em seus ombros.

Ele mal consegue me olhar nos olhos.

"Sim?" Sua voz é tensa enquanto eu faço o meu caminho até ele, fechando a distância o mais rápido que posso.

Eu mantenho minha voz o mais baixa possível e ignoro as batidas do meu coração contra as minhas costelas enquanto olho por cima do meu ombro para ter certeza de que ninguém seguiu, para ter certeza de que ninguém pode me ouvir desafiar as ordens do meu irmão.

"Não diga a eles para atirar para matar." Eu começo a falar antes mesmo de encará-lo completamente. Minhas palavras estão misturadas com o meu tenso fôlego da adrenalina que flui através do meu sangue. "Se disparam, diga-lhes para se certificarem de que falhem."

Declan me ouve. Eu sei que ele faz pelo choque em seu rosto. O rugido de raiva vindo do foyer atrás de mim me lembra de como Carter se tornou desequilibrado. Ele vai fazer algo idiota. Algo que ele nunca será capaz de levar de volta.

"Eu estou voltando para eles," digo a Declan e me viro apenas para ele apertar meu braço e me puxar de volta para

ele. Ele não diz nada a princípio, mas eu posso ver a pergunta em seus olhos, a sensação de traição dele.

E isso me despedaça.

"Você sabe que ele a ama," digo a ele, sentindo a dor da tristeza crescendo dentro de mim. Doeu em Carter, mas é mais que isso. Ela traiu a todos nós.

"Não depois disso," Declan quase sussurra. Balançando a cabeça ligeiramente com uma expressão derrotada em seu rosto, ele continua: "Não depois dela..."

"Não é culpa dela que ela teve que escolher," eu empurro as palavras através dos meus dentes cerrados, sabendo no meu intestino que ela está lutando com o que é certo versus onde suas lealdades devem estar. "Ela nunca deveria ter sabido."

A tensão no olhar de Declan oscila, e ele olha para trás antes de alcançar meus olhos novamente.

"Ela fez uma escolha para ficar. Deixe Talvery saber disso. Ela escolheu ficar. Isso matará Nikolai e fará com que a rachadura em suas facções seja muito mais profundo. Nikolai tem que viver."

Eu sei que Carter vai ficar puto comigo, mas ele vai superar isso. Ele vai me agradecer quando tudo estiver dito e feito. Tem de ser assim. Eu não posso deixá-lo estragar tudo.

Com um aceno de cabeça apertado, Declan corre o polegar sobre o queixo, mas não diz uma palavra.

"Diga aos guardas para deixá-los voltar para Talvery. Mas certifique-se de que todos sabem que ela escolheu ficar. Ela escolheu Carter."

ARIA

Eu sempre soube que Carter era uma fera. Mal contido e esperando por uma saída para liberar sua raiva. Enquanto seu peito sobe e desce com cada ingestão pesada de ar e seus músculos se contraem, seus ombros ficam cada vez mais tensos. Com cada segundo de ansiedade passando entre nós, sei que não há nada que o detenha.

"Você os escolheu." Suas palavras são calculadas, ditas com controle, embora ele pareça tudo menos no controle. A tensão serpenteia mais forte e meu corpo fica mais quente com cada baque duro no meu peito.

"Não," eu tento dizer a ele, embora minha garganta se contraia ao ponto onde eu acho que não posso respirar. Eu começo a balançar a cabeça, mas ele solta um grunhido, sacudindo a mesa da frente em um movimento rápido. A antiguidade de madeira esculpida bate na parede com um estrondo alto que força meu corpo a tremer quando ele grita: "Saia!"

A cadência rústica de sua voz percorre a sala e eu recuo para longe dele, meus ombros se curvando enquanto o medo me consome.

Lágrimas picam meus olhos e tento falar, para dizer a ele que não tive escolha. Eu apenas fiz o que achei que precisava. "Eu nunca teria..."

Ele se vira para mim, dando três passos largos à frente, as veias em seu pescoço tensas e salientes enquanto seus olhos escuros penetram em mim.

"Atirado em mim?" Ele me pergunta com nada além de descrença e raiva queimando em seus olhos.

A intensidade de seu olhar só me deixa acovardada.

"Carter," Jase fala atrás de nós, mas Carter não se afasta de mim. Ele olha para mim como se eu tivesse traído ele. Como se o que eu fiz fosse o pecado final.

Ele esqueceu que eles são minha família? Que eu implorei a ele para poupá-los e ainda assim ele iria executá-los? Ele esqueceu que me roubou deles e me trancou em uma cela por semanas?

Ele olha para mim como se ele me odiasse.

Eu sinto. É cru e palpável.

Neste momento, sinto que ele realmente me odeia. E é isso que me quebra.

Porque não importa o que ele fizesse comigo, nunca o odiei. *Eu o amo.*

Lágrimas fluem de mim facilmente quando Carter informa a Jase da maneira mais insensível que devo ser removida das instalações.

Meu coração se desfaz e desmorona, mas meus pés se movem, meu corpo me empurra para frente. E Carter segue, me impedindo de correr pelo corredor até o quarto.

"Eu pensei que você me amava," ele zomba de mim e eu cubro minha boca com a mão para conter a agonia.

Eu o amo. Eu faço.

Eu juro que amo esse homem.

Mesmo se ele me machucasse e mesmo se eu o machucasse agora.

Não consigo pronunciar uma única palavra enquanto seu hálito quente cobre meu rosto e meu corpo se arrebenta com um soluço.

"Carter!" Jase grita, agarrando seu ombro e forçando-o a olhar para qualquer coisa que não seja eu.

No momento em que ele faz, eu corro. Eu me viro para passar por Jase. Não me atrevo a tentar passar por Carter. Ele poderia me bloquear, me pegar e me jogar fora. Ele podia cuidar de si mesmo para me banir de sua casa.

A sala de refúgio passou pelo quarto, de modo que o espaço também não é uma opção. E dado o estado em que Carter está, não confio nele para manter sua palavra e me deixar recuperar do que aconteceu, para então poder tentar explicar.

Em vez disso, corro o mais rápido que posso, com as pernas trêmulas e com a adrenalina correndo por mim, na direção oposta. Os músculos das minhas coxas gritam de dor quando eu subo as escadas de dois em dois. As batidas do meu coração e dos meus passos são impressionantes. Estou quente e suando e não estou bem em qualquer sentido da palavra. Eu tenho que fazê-lo entender de alguma forma.

Ele começa a me perseguir, embora a seu próprio ritmo lento e provocante. No segundo que ouço Carter atrás de mim, escorrego. Meu cotovelo e minha mão batem nas duras escadas de madeira, assim como meu joelho, enviando dores no corpo. Eu poderia chorar, e eu me odeio por isso. Eu fiz isso. Isto é minha culpa. Eu olho para trás e vejo Carter começar a subir as escadas. Uma máscara de raiva e dominação aparece em pedra em seus belos traços.

A cela.

O pensamento me atinge naquele momento. Eu me forço a levantar e correr para a cela. Eu sei que está por trás de uma pintura. Ele não seria capaz de entrar se eu corresse para a cela e me trancasse. Levará tempo para pegar uma chave, tempo que eu preciso desesperadamente. Ele precisa se acalmar e eu preciso de tempo. Tempo para que eu possa descobrir como explicar as coisas para ele de uma forma que ele entenda.

Subindo as escadas e usando esse impulso para empurrar a parede no topo, eu continuo pelo corredor.

Qual era a pintura? Minha respiração é instável e um suor frio rompe cada centímetro da minha pele. Meu coração não para de correr, batendo de forma caótica. Eu mal posso ver direito.

Há seis grandes pinturas no corredor e meus dedos se agitam em torno da primeira, tentando levantá-la para o lado, mas não é o caminho certo. Eu tremo quando meu olhar é chicoteado em direção ao som dele chegando.

A segunda pintura eu empurro com tanta força que cai, quase caindo em cima de mim. Tem pelo menos cinco pés de comprimento e quatro pés de altura. E não é a certa também. A armação se divide e racha e eu tenho que passar por cima dela, raspando minha canela enquanto vou, mas não me importo. *Cadê? Eu preciso encontrar, por favor.*

"Você não pode fugir de mim." A voz profunda de Carter reverbera pelo corredor e, olhando para trás, vejo sua sombra enquanto ele sobe as escadas.

Thump, thump, meu coração bate mais e mais forte. Eu mal posso respirar.

Eu não sei qual é a cela. Eu não sei.

A Caixa.

O pensamento me faz correr pelo corredor até o último lance de escadas. Mais um andar e do lado esquerdo. Corro o mais rápido que posso, ofegando. Apenas a ideia de Carter

não me dar a chance de sequer falar com ele, explicar, pedir perdão, está me esmagando a cada passo.

Ele só precisa de tempo. Ele tem que entender. Eu posso fazê-lo entender.

Visões de seu rosto quando eu apontei a arma para ele passa através da minha mente enquanto eu corro.

Carter, aparentemente acima do desejo de se mover devagar e me deixar fugir dele, pega seu passo quando eu chego ao corredor. Eu posso ouvir seus passos subindo as escadas, então corro o máximo que posso, quase batendo na porta fechada de seu escritório. Lágrimas picam com a dor e traição do que eu fiz em conjunto.

Eu brinco com a maçaneta tão desajeitadamente no meu próprio caos que acho que está trancada, mas não está.

Está aberta e uma onda de alívio passa por mim, embora seja de curta duração. Nada está bem neste momento. Não há nada de errado.

Não perco tempo. Eu não me incomodo de fechar a porta do escritório também. Correndo para a caixa, eu rasgo o topo aberto e praticamente caio nele, raspando minhas coxas e costas. Um grito é arrancado de mim, mas é meramente instintivo. Eu não me importo com a dor. Eu não me importo com nada além de fechar a tampa e me trancar.

Eu tenho que estender a mão para abaixar o topo e, quando o faço, vejo Carter na porta. O medo me paralisa

quando vejo seu rosto, contorcido com um olhar de indignação e vermelho de correr. Minha pele está gelada quando eu pego a tampa. Minhas pontas dos dedos se sentem dormentes enquanto eu a abro.

Há um estalo, eu ouço, mas não sei o que é. Ele vem com um puxão na parte de trás do meu pescoço que é acompanhado por um aperto que eu tento ignorar enquanto meus dedos deslizam ao longo da borda da tampa procurando pela fechadura.

Envolta em trevas, luto para encontrar a fechadura, ouvindo os passos de Carter se aproximando cada vez mais, mas meus dedos trêmulos a encontram e os vários cliques garantem que estou presa.

Tudo o que posso ouvir é a minha respiração desconcertada por um momento e depois outro.

Com um rugido ensurdecedor de raiva, a caixa só sai do chão uns centímetros, se isso. Através das minhas lágrimas ainda escorrendo pelo meu rosto quente, eu posso ver Carter levantando-a com todas as suas forças, mas é para sobreviver a tais atos e assim acontece.

Agachada na caixa e segurando em mim mesma, eu prendo a respiração sabendo que ele não pode fazer nada sobre isso.

É só então que ouço o rolar das contas. É só então que sinto as pérolas rolando ao meu redor. Eu grito de terror a

princípio, pensando que algo está vivo e no escuro comigo. Mas é só meu colar. As contas que caíram da corrente quebrada.

Lágrimas vazam livremente com a conclusão.

Meu peito se contrai quando eu cubro minha boca para não chorar mais.

A caixa se move um pouco mais e eu fecho meus olhos até que ela cai, fazendo meu corpo balançar e cair na pequena quantidade de espaço que tenho. Um pequeno grito me escapa, mas me concentro em me acalmar. Estou à beira de um ataque de pânico ou pior.

Meus olhos estão mais fechados do que nunca. Choque e horror ainda ameaçam sufocar-me enquanto eu me esforço para inalar.

Alguns minutos se passam e tudo que consigo ouvir é a respiração caótica de Carter. Por um momento alguém chega, eu acho que é Jase, falando baixinho e tentando dizer a Carter para se acalmar, mas a porta se fecha com um clique alto e depois há silêncio de novo.

Nada além do silêncio e da batida do meu próprio coração e do pulsar de sangue nos meus ouvidos.

Tudo vai ficar bem, tento me tranquilizar. *Ele tem que entender.* Até o pensamento é passageiro em minha mente. Tudo o que Carter sabe é que eu os escolhi, minha família e seus inimigos. Eu apontei uma arma para ele e inclinei-a.

Oh, meu Deus. Minha cabeça gira enquanto a memória volta para mim.

Eu ameacei a vida do único homem que já amei.

Quando finalmente abro os olhos, os de Carter estão fixos diretamente nos meus. Como se ele pudesse me ver, mesmo sabendo que é impossível. Seus olhos escuros atravessam-me, prendendo-me onde estou e provocando um novo tipo de medo.

Sua voz profunda envia um pico de desespero através de mim quando ele diz em voz baixa: "Você não pode ficar aí para sempre."

CARTER

Eu nunca na minha vida me senti assim antes.

O relógio marca enquanto o tempo passa. Eu posso contar em uma mão toda vez que fui traído, mas nunca me senti assim porque nenhum deles estava perto de mim. Eu nunca deixei ninguém entrar.

Não os guardas dos quais dependi, não os garotos que eu escolhi para ajudar. Eu não me senti traído por eles quando eles apenas roubaram de mim ou tentaram negociar com alguém que me queria morto.

Eu nunca deixei uma alma perto de mim além dos meus irmãos. Então, ninguém pôde me machucar.

Nenhum estranho esteve perto de mim... exceto ela, a única mulher que amei.

Um arrepio percorre meu corpo como as marés implacáveis do oceano. A adrenalina diminui enquanto eu me sento aqui na cadeira, olhando para aquela maldita caixa. Meus dedos estão machucados e cortados, mas eu continuo colocando pressão sobre eles, para me impedir de pensar em uma dor diferente, a dor no meu peito.

Toda vez que eu pisco, o cano de sua arma está lá, olhando para mim.

"Carter." A voz de Daniel me tira dos meus pensamentos e me traz de volta a essa realidade. Isso machuca. Cada pedaço de mim dói. Sentando-me ligeiramente na cadeira, eu finalmente tiro meus olhos da caixa, longe de Aria. Eu inclino minha cabeça enquanto pego meu irmão e o homem ao lado dele. Eli é um dos nossos guardas e chefe de segurança.

"Eli terminou o passeio." Ele está lutando para manter os olhos em mim. Eu posso ver na maneira como ele engole visivelmente e aperta as mãos dele. Até a voz dele está tensa.

Ela fez isso. Eu sei que Daniel se importava com ela. E ela o traiu como ela fez comigo.

Eli dá um passo à frente para falar, me contando sobre cada uma das bombas que encontraram e descartaram e onde exatamente os homens de Talvery correram. Sem surpresas e nada que eu dou a mínima neste momento. Não quando a mulher que causou tudo isso ainda está bem na minha frente, mas se escondendo em segurança à vista de todos.

"Todos eles?" Eu só pergunto para fingir estar presente, pressionando minha ferida de volta na cadeira e ainda olhando para a porra da caixa. Eu mal posso ver Eli acenar na minha periferia quando ele responde: "Sim, senhor." Com os ombros retos e as mãos atrás das costas, ele parece o soldado que costumava ser.

Mas ele me desafiou.

"Você os deixou viver," eu digo sem rodeios, voltando minha atenção diretamente para ele por apenas um segundo, para que ele possa ver o quão irritado eu estou, endurecendo o meu olhar e minha carranca. Então eu olho de volta para a caixa. A caixa que tirei de um homem a quem me recusei a mostrar misericórdia. Aria respira e se move dentro de seus pequenos confinamentos.

"Eu ordenei que Eli e os guardas os deixassem viver." A voz de Jase envia uma gota fria pelo meu pescoço. É difícil de engolir quando meu sangue esquenta de raiva.

Um por um, todos eles estão virando as costas para mim.

Aria se move dentro da caixa novamente. Eu posso ouvir ela chorando. É então que Eli percebe que ela está na caixa. Olhando para ele, posso ver sua expressão cair, o quebra-cabeça em sua cabeça se formando quando cada uma das peças se encaixa.

Leva um momento para ele consertar a porra da cara e enxugar o olhar de desgosto.

Ela fez isso. Ela sofrerá as consequências.

Eu dei a ela uma chance. Eu teria dado a ela qualquer coisa se ela simplesmente tivesse me escolhido. Eu fui estúpido por sempre amá-la. Ou por pensar que ela me amava.

"Saiam," eu mordo o comando, sentindo a palavra crua arranhar contra a parte de trás da minha garganta. Eli é o

primeiro a virar-se bruscamente e partir imediatamente. Daniel e Jase dão um passo à frente em vez de recuar e meus músculos ficam tensos, meus dentes rangendo enquanto me inclino para a frente no banco que não saio há quase uma hora.

"Carter," meu irmão diz, e a voz de Jase é forte e exigente. Não como o jeito que Aria está dizendo isso quando ela choraminga na caixa, implorando para eu entender. Eu não vou ouvir isso. Não há desculpa.

"Foda-se." É tudo que posso dizer de volta para ele. A raiva explode dentro de mim, me comendo vivo que todos eles me desafiaram.

"Carter." O tom de Daniel é mais suave, mais apaziguador. "Apenas relaxe por um minuto. Acalme-se," ele me diz.

Eu mal posso inalar, recusando-me a acreditar em tudo o que aconteceu.

"Você ouviu isso, passarinho?" Eu pergunto a ela, em vez de enfrentar meus irmãos. As pernas da cadeira arranham o chão enquanto me inclino para frente, procurando uma fenda na caixa onde acho que ela pode me ver. Eu olho para ela com uma amargura implacável quando digo a ela: "Eu só preciso me acalmar."

Eu posso sentir a profundidade da emoção rugindo dentro de mim quando Jase fala: "Foi um evento infeliz, mas

podemos usar isso a nosso favor."

"Infeliz?" Eu não posso esconder a descrença e veneno em minha voz enquanto eu olho para ele, finalmente me levantando do meu lugar. A força do movimento abrupto empurra a cadeira para trás. Tudo que eu posso ouvir é o meu coração batendo no ritmo dos meus passos pesados enquanto me aproximo do meu irmão.

Mesma altura que eu, a mesma determinação em sua voz.

"Pare com isso," Daniel diz e caminha entre nós, separando-nos com uma mão dura em ambos os nossos peitos. "E quanto a Aria?" Ele diz rapidamente enquanto me empurra de volta. Seu olhar implora para que eu pense em algo diferente de sua aparente traição. "Ela não está bem." Ele abaixa a voz para me dizer o óbvio e depois deixa seu olhar se mover para ela antes de olhar para mim.

"O que tem ela?" Eu pergunto a ele em um tom duro. Minhas mãos formam punhos tão fortes que posso sentir a pele dos meus dedos quase estalar e os cortes que estão lá se dividem ainda mais.

Um gemido da caixa chama a atenção dos meus irmãos, os dois olhando para ela enquanto eu olho para eles.

"Que porra você se importa?" Eu zombo de Daniel. Eu levanto minha voz para lembrá-los da dura verdade: "Ela os escolheu."

Os soluços voltam da caixa atrás de mim e isso me enfurece. "Agora ela chora," eu digo, falando com ela mais do que com eles enquanto eu ando mais perto de onde ela está. A caixa está fora do centro agora, torta e fazendo com que o fim do tapete fique irregular devido às minhas tentativas inúteis de abri-la, embora eu saiba que isso não pode ser feito.

"Ela não estava chorando quando segurou uma arma na minha cabeça!" Tudo se transforma em ruído branco. O que quer que meus irmãos digam, o implacável choro da mulher que eu amava enquanto ela se esconde de mim por medo de sua própria vida, tudo isso.

Eu odeio tudo neste momento. Eu odeio todo mundo. Mas eu me odeio mais.

"Ela não estava chorando quando descobriu que sua família estava vindo para nos matar. Para matar todos nós!" A última parte sai mais alta e mais áspera do que eu posso controlar, e eu alcanço acima da caixa para as estantes de livros, empurrando para o lado uma fileira deles. As capas duras e as páginas voam em uma vibração antes de bater no chão.

"Eu fiz!" Mais uma vez, eu a ouço gritar: "Eu estava!"

Mas tudo o que isso faz é me alimentar para continuar destruindo cada prateleira acima dela. Todos os livros caindo ao redor dela, alguns deles batendo contra a caixa, só a fazem gritar mais alto.

Eu a odeio.

Eu odeio todos eles.

Eu odeio tudo.

É preciso que meus dois irmãos me puxem de volta contra a janela do escritório e para longe das prateleiras. Enquanto recupero o fôlego, penso em destruir tudo isso. Destruindo cada pedaço desse rico interior. Isso zomba de mim. É uma fachada de controle e eu não tenho mais nada. Nem um pingo de controle.

"Você nunca me amou!" Eu grito com ela. "Eu deveria ter mantido você naquela porra de cela até que você soubesse que não deveria me desafiar!"

"Por favor, Carter, deixe-me explicar," ela chora.

"Eu era muito bom para você," eu zombo dela o mais alto que posso, sentindo a minha compostura se deteriorar, assim como qualquer grama de misericórdia. Eu grito no topo dos meus pulmões, querendo destruir algo. Cada pedaço da minha humanidade fará.

"Pare," diz Daniel, com a cabeça perto da minha. Quando ele usa toda a sua força para me empurrar contra a janela de vidro frio, ele está tão perto que eu posso sentir a queimadura do calor do seu corpo.

"Está tudo bem," ele me diz enquanto Jase grunhe, sua expressão tensa e seu rosto vermelho de esforço. Cada

centímetro da minha pele está dormente com uma dor que eu nunca senti antes.

Eu quero dizer a todos que nada está bem e que eu nunca vou parar. Nunca. Não há mais nada de mim senão essa concha de homem. Mas antes que eu possa dizer a eles que eu vou encontrar os homens que eles deixaram escapar e eu vou arrancar suas malditas gargantas antes que eles possam respirar uma palavra de como Aria me traiu, uma pequena voz vem da porta.

"Porra." Daniel mal respira a palavra antes de me liberar para correr para ela, para Addison, mas ele está muito atrasado.

Eu não sei o quanto Addison viu, ou o que ela viu, mas seu rosto está pálido.

Aria ainda está chorando incontrolavelmente, e é óbvio. É óbvio que estou machucando-a e que ela está com medo. Ela está com medo de mim porque eu perdi isso. Nada mais importa.

Não há como esconder agora. Não dos meus irmãos, não dos Talverys. Não de Addison, a única conexão que ainda tenho com meu irmão Tyler.

Vergonha e nojo são um coquetel doloroso de engolir, mas eu engulo.

"O que diabos você está fazendo?" A voz de Addison vacila entre força e pânico quando ela está na porta do meu

escritório. Seus olhos disparam de mim para Daniel.

"Há quanto tempo você está aí parada?" Daniel pergunta para Addison.

"Tempo suficiente... para..." Addison se esforça para sequer olhar para Daniel. "Você está machucando-a," Addison mal olha em minha direção.

Os soluços de Aria são pontuados com soluços quando ela respira pesadamente, como se ela estivesse desesperada para parar, desesperada para acalmar seus gritos.

"Aria?" O tom de Addison reflete um desespero que eu nunca ouvi nela antes, e eu me quebro por dentro. Seja qual for o pouco de raiva que se demorou, se fragmenta e espalha na boca do meu estômago. Sugando uma respiração profunda e trêmula, seus olhos se arregalam de medo e ela dá um passo para trás.

"Daniel," diz ela hesitante, com os olhos arregalados de vergonha e descrença quando seu corpo treme tão fortemente que eu posso ver do outro lado da sala. "Você não pode ficar bem com isso?"

Porra. Porra. Está tudo fodido!

Eu endireito minha postura quando Jase me solta, saindo do caminho e dando alguns passos para mais perto de Aria, longe de mim e fora de vista de Addison. Mas o movimento o torna muito mais óbvio para ela.

"Saia de perto dela," diz ela, e sua demanda é forçada pelo véu do medo. Ela está apontando para a caixa, mas não se atreve a deixar que ela roube seu olhar de Daniel.

"Addison, fique fora disso," Daniel diz a ela quando ele dá mais um passo mais perto dela, com as mãos no ar.

"Você está falando sério?" Enquanto cada palavra se quebra com desdém, a dor cresce em seu rosto. "Daniel, ajude-a." A última palavra sai em um resmungo quando ela se afasta dele, mais para dentro do escritório e mais perto das prateleiras. Ela quase tropeça nos livros caídos, mas consegue se manter em pé. Ela só tira os olhos dele para ver onde Jase e eu estamos. Nenhum de nós está se movendo enquanto ela se esforça para se aproximar da caixa, mais perto de Aria que está quieta, e por um momento, eu me preocupo se ela está bem.

"Por que ele disse cela?" Addison pergunta, e nem posso começar a pensar quando falei essa palavra ou como a usei. Tudo o que posso ver é vermelho e minha memória é um nevoeiro branco.

"Addison, por favor," implora Daniel.

"Ele está machucando-a, colocando-a em uma cela?" Ela grita e depois transforma qualquer remorso ou desgosto em raiva. "Você está permitindo isso! Você sabia!"

"Ela se colocou lá," eu digo, interrompendo o interrogatório dirigido a Daniel e sentindo a necessidade de

nos defender contra os pensamentos não ditos de Addison, ainda que muito claros. "Diga a ela, Aria." Eu levanto minha voz, sentindo meu sangue frio preencher minhas veias e rezar para ouvir sua voz.

"O que você fez com ela?" As palavras ofegantes de Addison estão cheias de acusações.

"Nada." A voz de Aria é finalmente ouvida, embora trêmula e baixa em comparação com a nossa.

Com uma mandíbula endurecida, eu me atrevo a olhar para ela, estreitando meu olhar e não permitindo que ela me culpe por isso.

"Ela correu até aqui e se escondeu porque segurou uma arma na minha cabeça." Cada palavra sai mais difícil, mas eu fico onde estou com Addison mais perto de Aria.

"Addison," diz Daniel, enquanto ele tenta argumentar com ela, mantendo a voz baixa, mas não deve ser negado, "saia."

"Foda-se," ela cospe para ele e, finalmente, coloca a mão na caixa.

"Aria," ela grita para ela, batendo a palma da mão na caixa atrás dela, embora ela ainda enfrente Daniel com uma expressão desafiadora em seu rosto.

Aria choraminga para Addison ir, deixá-la sozinha e ficar de fora.

"Eu não vou a lugar nenhum," Addison é rápida para responder, lágrimas escorrendo pelo rosto.

"Não chore," Daniel implora com ela, dando um passo à frente e tentando alcançar Addison. O tapa resultante é tão duro, tão cruel, eu praticamente sinto isso contra a minha própria pele. A bochecha de Daniel instantaneamente fica vermelha, sua cabeça girando devagar para encará-la enquanto Addison grita para ele: "Não me toque!"

"Addison, você precisa." Daniel mal dá outra palavra antes que Addison perca sua merda completamente. Sua voz três oitavas acima do que deveria ser, todo o seu corpo tremendo com um novo tipo de vingança, ela só está ficando mais agitada.

"O que ele fez com ela?" Ela balança com raiva quando os soluços de Aria ecoam na voz de Addison.

O que eu fiz para ela? Para Aria?

Eu a amava da única maneira que sabia. Minha cabeça parece leve e tudo o que acho que sei não significa nada.

Eu deveria saber que nunca ficaria bem. Eu estou muito fodido para manter uma mulher como ela. Para manter qualquer uma. O que eu fiz para ela? Eu a levei a me trair, a ameaçar me matar.

"O que acontece entre eles..." Daniel começa a tentar se defender, não eu. Não o relacionamento que tive com Aria.

Porque não há como defender isso. Eu sei disso no fundo do meu intestino.

Eu tento dar um passo à frente, em direção à porta para sair, mas paro quando Addison grita com Daniel, empurrando-o para longe enquanto ele tenta mais uma vez ir até ela.

"Por favor, apenas vá!" Aria implora e isso só faz Addison mais inflexível em tirá-la da caixa.

Enquanto Addison grita para Daniel, eu forço minhas pernas pesadas e dormentes a avançarem. "Você sabia! Você sabia o que ele estava fazendo com ela!"

O gelo em minhas veias congela meu sangue e meu coração se recusa a bater sem o calor. "Como você pode?" Ela geme.

Em um único dia, tudo caiu.

Mesmo quando saio do escritório, fechando a porta atrás de mim e ouvindo os fracos gritos vazarem para o corredor estéril, sei que tudo está arruinado e nada será o mesmo.

Tudo está quebrado e não tenho como consertar uma única parte dele.

Tudo está frustrado além do reparo.

ARIA

Eles não iam matá-los. Eu quero pensar que Carter e seus irmãos nunca fariam isso. *Eles não executariam minha família na minha frente.* É tudo que eu continuo pensando enquanto meus olhos queimam na escuridão da caixa.

Nikolai faria isso, no entanto.

Ele mataria os irmãos Cross, todos eles, para me libertar. Mas ele não os conhece e tudo o que aconteceu. Eu não tive a chance de convencê-lo do contrário. Tudo o que ele sabe é que eu fui levada. Com cada segundo que passa, eu acalmo o meu pânico, sabendo que tenho que falar com Nikolai e parar isso. Preciso que tudo pare e que eles me escutem. Para que um desses homens de cabeça dura apenas me ouça.

Nada disso estaria acontecendo se eles me escutassem.

Um fôlego estremecido força meu corpo a tremer contra a madeira áspera e meu pescoço arqueia com uma respiração súbita e profunda.

Eu não sei se é um ataque de pânico ou uma ruptura aguda da realidade que está me fazendo tremer como eu estou.

Ou o medo. O medo cru e paralisante do que eu sei que Carter é capaz e o que eu acho que ele vai fazer comigo quando eu sair dessa caixa.

"Eu te amo," eu choramingo de novo, fechando os olhos com força e forçando as palavras para fora. Eu gostaria de poder levar tudo de volta, mas a alternativa era ver minha família morrer bem na minha frente. Assistindo Nikolai levar um tiro na parte de trás da cabeça. Eu cubro meu rosto quente com as mãos, balançando a cabeça como um lunático com o pensamento.

"Eu não quero que ninguém morra." Minhas palavras estranguladas mal são ouvidas quando a caixa treme e depois uma mão bate no topo.

"Aria, por favor." O tom de Addison é desesperado e estou tão envergonhada. Eu não quero sair dessa caixa. Eu me sinto como uma criança novamente, me escondendo no armário e dizendo a mim mesma que não é real se eu não sair. Se eu ficar aqui, nada disso é real.

"Ele machucou você?" Ela pergunta, mas sua pergunta é mais uma declaração. A pergunta vem de uma amiga para uma amiga. Dirigida a uma mulher se escondendo de alguém, alguém que ela ama e chorando histericamente. Uma adulta crescida, escondida em uma caixa. Eu sei exatamente como isso parece, mas eu não sei como explicar isso para ela, então ela entenderia. Ela não é deste mundo. E ela não conhece Carter como eu também. Embora, nada disso faça isso direito. Nada disso. "Há quanto tempo ele está fazendo isso?" Sua voz se quebra com a pergunta e a ouço chorar por mim.

Eu gostaria de poder morrer aqui mesmo.

"Saia!" Ela grita para mim, sua voz soa irregular enquanto ela bate na caixa.

Eu sei que estamos sozinhas, Jase fez Daniel sair e eu ouvi a porta se fechar, o que parece ser horas atrás, mas provavelmente foram apenas alguns minutos. É apenas Addison no cômodo agora, chorando enquanto ela segura a caixa e se desculpa para mim como se tivesse feito algo de errado.

"Ele não me ouviu," eu sussurro para ninguém na escuridão da caixa. Toda vez que eu tentava explicar, ele não me ouvia. Ele me cortou e me disse para sair. Assim como ela. Neste ponto, eu não acho que há uma defesa que eu poderia ter que faria o que eu fiz ser perdoado nos olhos de Carter.

"Saia!" Ela grita ainda mais alto. Sua voz soa rouca a essa altura, e a ouço deitada sobre a caixa pesadamente, caindo sobre ela e chorando. "Como ele pôde fazer isso?" Ela sussurra e depois funga. Eu não sei se ela está falando sobre o que Carter fez comigo, ou como Daniel permitiu e defendeu isso. Eu sei que vê-lo nessa luz... mudou como Addison o vê, e essa porra me mata.

"Eu nunca quis que isso acontecesse," digo-lhe fracamente, fechando os olhos e sentindo-os queimar de horas de esforço para ver na escuridão e derramando lágrimas quentes.

Eu posso ouví-la se mover de novo, mas eu não sei o que ela está fazendo, e sua voz não vai longe. "Eu sinto muito. Eu

não sabia... não sabia."

Levantando lentamente, eu forço meus dedos dormentes a destrancar a caixa com um estalo alto que faz meu coração bombear forte, tão forte que parece que vai parar de bater por completo.

Quando levanto a parte de cima, a luz entra e eu aperto os olhos. Porra dói. Meus olhos parecem que estão queimando, mas eu forço o topo a abrir ainda mais quando Addison se levanta na minha frente com as pernas trêmulas e envolve seus braços em volta de mim. Eu a seguro de volta, apertando-a e juntando o algodão fino de sua camisa em minha mão enquanto ela me puxa com força em seu peito. "Não é sua culpa," é tudo o que posso dizer, e as palavras são tão chatas, tão carentes para os meus ouvidos, que eu as endureço, puxando-a para trás e encarando seus olhos verdes como floresta.

"Você não fez nada de errado," digo a ela.

Ela fica lá com uma expressão preocupada, enxugando as lágrimas e balançando a cabeça. "O que ele fez pra você?" Ela me pergunta baixinho, ainda me segurando enquanto eu saio da caixa com as pernas trêmulas, olhando para a porta fechada. Eu sinto frio, está tão frio.

Não há um pedaço de mim que não pense que Carter está assistindo. Eu sei que ele deve estar. Meu primeiro instinto ao pensar que ele sabe que estou fora da caixa é me segurar. Para envolver meus braços em volta dos meus ombros e

esperar que ele me castigue. Eu mal posso ficar olhando para a porta fechada.

Addison me agarra com uma força contundente, me sacudindo até que eu olho em seus olhos. "O que ele fez pra você?"

Eu só quero chorar. Não sei por onde começar, mas a vergonha entope minha garganta e me impede de falar.

"Não há problema em me dizer," ela sussurra, embora as palavras mal saem. Lágrimas frescas escapam dos cantos de seus olhos enquanto ela fala tão calmamente para mim. "O que quer que ele tenha feito, você pode me dizer. Está tudo bem."

"É minha culpa," eu começo, e um horrível suspiro a deixa quando ela cobre a boca. Dói, tudo dói, mas o jeito que ela olha para mim como se eu estivesse ferida, e eu não conheço melhor, eu não posso explicar a dor que isso causa.

Ela balança a cabeça violentamente, olhando para mim.

"Você não entende," eu tento raciocinar com ela, mas minha voz racha e tudo que posso pensar é continuar repetindo que é minha culpa. É, verdadeiramente.

"Eu sabia que ele me odiaria. Eu sabia..." Eu não posso terminar a frase quando a porta do escritório se abre. O medo me atinge e eu pulo para trás, batendo na parte de trás das minhas pernas contra a caixa e quase caindo. Addison me protege contra quem entra como se ela fosse minha protetora.

"Saia!" Ela zomba de quem quer que tenha entrado e com igual quantidade de curiosidade e terror, eu espio por cima do ombro dela. Mesmo que eu esteja me sentindo fraca e patética, meus dedos entorpecem e meu peito arfando.

É só o Daniel.

"Addison, por favor." Os olhos de Daniel estão vermelhos e estou chocada. "Vamos sair daqui ok?" Ele fala suavemente com as mãos levantadas, aproximando-se de nós como os dois animais feridos que somos. "Nós podemos sair," ele oferece a ela.

"Sinto muito," eu digo e mal consigo pronunciar as palavras, procurando o olhar de Daniel, então ele sabe que eu estou falando sério. "Eu sinto muito." Minha voz é miserável.

"Olha para ela." A voz de Addison ricocheteia no escritório enquanto ela caminha na direção de Daniel. "Olha para ela!" Ela grita em seu rosto e ele abaixa a cabeça, sacudindo e tentando falar. Addison não entende, tudo que ela vê é a dor. E há muito disso.

"Não era o meu lugar," Daniel diz a ela com firmeza, mas sua expressão está implorando para ela entender. Como ela pode, quando ela não sabe nada?

"Ela não está bem e seu irmão fez isso com ela." Ela dá outro passo à frente e aponta para mim, ainda de pé atrás dela. Seu lábio inferior treme quando ela grita: "Você não fez nada!" Eu agarro meus ombros com mais força e me sinto tão

pequena. É difícil saber mais o que pensar, mas sei o que ela vê e isso parte meu coração.

"Ele não tinha escolha..."

"Besteira!" Ela o interrompe, gritando mais e mais alto: "Você o deixou machucá-la!"

O silêncio comprime o tempo, forçando o relógio a marcar mais rápido. O momento passa rapidamente quando minha cabeça fica tonta e eu não consigo impedir minha respiração de chegar tão rápido.

Eu me seguro mais forte, lutando para permanecer em pé.

"Estou saindo e vou levá-la comigo." A raiva se foi, só há decisão na voz de Addison. "Então Deus me ajude, se você ficar no meu caminho, eu nunca voltarei para você. Nunca, Daniel."

"Você está me deixando?" Ele pergunta, o olhar em seus olhos endurecendo, as pratas brilhando, mesmo quando os tremores de intensa emoção percorrem seu maxilar duro. Sua determinação ainda está lá, ainda inflexível.

"Como eu poderia ficar com você?" Ela pergunta, tentando disfarçar a tristeza em seu tom enquanto enxuga apressadamente as lágrimas. "Como eu poderia ficar aqui, sabendo disso?"

Qualquer semelhança de raiva desaparece de Addison, a percepção de como ela está fazendo para romper sua raiva e

desgosto. Ela está deixando-o.

"Não faça isso," eu finalmente falo, empurrando para frente e agarrando o braço de Addison. Eu imploro a ela: "Você não precisa ficar no meio, você não precisa..."

"Não é sobre o que eu preciso fazer," Addison fala tão suavemente, mas com uma uniformidade que está em desacordo com a sua expressão desanimada. "É sobre o que eu quero fazer." Sua voz não vacila quando ela se vira para Daniel, agarrando minha mão na dela e dizendo-lhe mais uma vez: "Estou indo embora e vou levá-la comigo." Com uma rápida ingestão de ar e lágrimas transbordando em seus profundos olhos verdes, ela hesita, mas depois acrescenta: "Não me siga, Daniel."

"Você sabe que eu vou," ele diz a ela sem remorso, mas também sem objeção a ela deixando qualquer um.

Minha mão está tão fria na de Addison e tento falar de novo, mas ela me cala. "Por favor, não faça isso mais difícil por mim," ela fala para mim, embora pareça uma oração desesperada.

Está quieto por tanto tempo, a agonia persistente no ar. Meu olhar se lança entre os dois, ele está olhando para ela, mas ela está olhando para a porta aberta.

"Eu preciso sair," ela diz a ele novamente, apertando minha mão e eu aperto de volta, por ela. Eu continuo orando para ouvir os passos de Carter ou sua voz. Qualquer parte

dele para vir até mim e consertar isso. Para consertar a bagunça que causei.

"Eu não quero que isso aconteça," eu digo, e as palavras são duras sob a minha respiração enquanto eu puxo a mão de Addison para ela olhar para mim. E ela faz. Eu posso sentir os olhos de Daniel em mim, mas não olho para ele, em vez disso, suplico a Addison, desejando que ela acreditasse em mim. "Ele não sabia," eu minto. Eu contaria mil mentiras para impedir que os dois se separassem.

Eu posso ver Daniel se mexendo desconfortavelmente com o canto do olho, mas não reajo. A expressão de Addison fica suave e simpática quando ela aperta minha mão novamente. "Você não precisa mentir por eles." Sua voz está coberta de uma tristeza que prende minhas entranhas. Ela me dá um sorriso suave que é falso e ele hesita quando ela me diz: "Eles são garotos grandes e sabiam o que estavam fazendo." Virando-se para Daniel, ela acrescenta: "Ele sabia que eu nunca ficaria bem com algo assim." A emoção destrói cada uma de suas palavras e, por sua vez, a dureza do olhar de Daniel. Não suporto olhar para ele, observando as palavras dela destruí-los e qualquer amor que tenha sobrado entre eles.

"Acabou. E eu quero sair," ela diz em duas respirações que se prolongam entre eles. "Deixe-me ir, Daniel. Por favor. Você precisa me deixar ir desta vez." Mesmo quando as lágrimas caem pelas suas bochechas, ela fica forte. Eu olho além de Daniel, recusando-me a olhar para qualquer um

deles enquanto a minha visão se enche de lágrimas. A dor que sinto por eles aumenta quando percebo que ela está me levando com ela, e Carter não está aqui.

Ele não está lutando por mim.

Ele não me quer mais.

Eu cubro meu rosto, puxando minha mão para longe dela e deixando escapar a dor torturada de deixá-lo, mas no fundo da minha mente eu ouço as vozes sussurrando, ele não vai deixar isso acontecer. Ela não poderá sair tão facilmente.

Elas são silenciadas com as únicas palavras de despedida de Daniel. "Eu vou ter Eli te levando."

Ele não a toca, ele não espera nem mais um segundo. Em vez disso, ele simplesmente se vira e nos deixa sem outra palavra, o que só faz a dor ficar mais forte.

Carter, por favor, venha me buscar. Por favor.

Addison luta para controlar sua compostura, assistindo Daniel sair sem sequer um único adeus.

"Eu sinto muito," eu digo a ela de novo, abraçando-a de volta enquanto ela me abraça apertado.

"Você continua se desculpando quando isso não é sua culpa." Suas palavras são suaves e interrompidas pelo som de passos.

Eu mal espreito o homem chamado Eli, vestido com um terno cinza justo, sem gravata ou abotoaduras que fazem parecer mais casual, e com sapatos pretos desgastados que estão gastos, mas de alguma forma combinam com ele.

É o seu olhar que me força a desviar o olhar. Afiados olhos azuis pálidos que não têm nada além de simpatia neles.

Eu não quero isso. Tenho vergonha quando Addison me leva para trás de Eli e outro homem chamado Cason.

Ele é mais baixo que Eli, mas não muito, e com músculos volumosos que o fazem parecer maior. Ele é o único que carrega duas malas que ele diz que são para nós, mas eu não sei o que há nelas. Addison chora mais forte, embora ela acene com a cabeça. Sua força neste momento é algo que eu admiro. Eu gostaria de poder seguir em frente, tomar a decisão de sair mesmo sabendo do que os irmãos Cross são capazes.

Com Cason para trás e Eli na frente, nossos passos ecoam no saguão silencioso. Em cada esquina, eu espero que Carter esteja lá para me impedir e rezo para que ele não seja, para que eu possa escapar e me esconder dele.

Cada segundo mais perto da porta parece que puxa meu coração despedaçado.

Carter nunca vem, e isso faz com que o frio do lado de fora fique muito mais frio.

As peônias morreram durante a passagem da estação, elas nunca duram muito tempo, e a lua pálida está cheia, iluminando cada pedacinho do elegante sedan preto que nos espera, embora a noite ainda esteja começando.

Enquanto olho para a casa, procurando por Carter em qualquer uma das janelas, Addison espera que eu entre no carro com lágrimas silenciosas ainda caindo. Ele não está lá. Ele não está assistindo.

"Nós não temos que sair," eu digo a ela suavemente mais uma vez, desesperadamente querendo que Carter saia e diga que ele entende e que ele me perdoa. Como eu perdoo ele. Em todos os sentidos.

Pelo que aconteceu na cela. Pelo que aconteceu hoje. Está tudo fodido e não há nada de bom em nada disso, mas eu juro que o amo. E o amor é perdão, não é?

Eu o perdoo por qualquer coisa que ele tenha feito. Eu só quero ele de volta. Eu quero que ele me ame novamente.

Por favor, Carter.

Mas não vê-lo aqui... Ele sabendo que eu estou saindo, e não se incomodando em dizer adeus ou tentar lutar por mim no mínimo, eu sei que ele não me quer. Isso me esmaga.

Esse pensamento é o que me força a entrar no carro, minhas costas batendo no couro com um forte golpe. O som da abertura do porta-malas e os murmúrios de Addison e Eli falando não significam nada.

Não sei para onde vou ou o que vou fazer.

Minha pele está dormente e mal posso respirar.

Quantas vezes tentei fugir? No entanto, aqui estou eu e daria qualquer coisa para que Carter pisasse em nossa direção e me arrancar do meu salvador para me jogar de volta na cela.

Os assentos de couro protestam quando Addison entra e aperta o cinto de segurança. Eu falo sobre o clique. "Eu o amo," eu digo, engolindo em seco. "Eu amo Carter."

Ela mal olha para mim, seus olhos vermelhos e manchados e suas bochechas ainda coradas de chorar.

"Eu também amo Daniel." Sua voz está rouca quando ela inclina a cabeça para trás, descansando e olhando para o teto do carro. "Mas o amor não é suficiente às vezes. Eles não podem fazer isso com você."

Tenho vergonha da resposta dela. Tenho vergonha que preciso salvar.

Eu tenho vergonha que eu permiti e com um único momento, ela aparentemente acabou com isso.

Eu gostaria de poder arrancar meu coração e nunca mais sentir amor novamente. Quão fácil a vida seria se você pudesse ser verdadeiramente sem coração.

Horas atrás, eu estava apaixonada por um homem que eu sei que nunca deveria ter deixado perto de mim.

E agora ele está me vendo sair com zero objeções, e isso me destrói. Eu nunca senti dor e arrependimento assim. Não importa o que aconteceu entre nós hoje. Eu estaria sentindo essa lágrima na minha alma, independentemente do que eu fizesse.

Eu deveria saber que o conceito de um feliz para sempre nunca se concretizaria quando meu sobrenome é Talvery.

CARTER

ELA ESTÁ SAINDO MESMO.

Ela foi embora. Direto pela porta da frente. Nunca teria visto acontecer dessa maneira. Ela estava sempre correndo e se escondendo nas sombras. Eu sabia que ela iria embora um dia, no fundo do meu estômago, mas eu nunca imaginei que seria assim. Eu nunca imaginei que isso machucaria desse jeito também.

Engolindo em seco e ignorando a dor, eu pego outro livro do chão, um livro de capa dura do *Lorde das Moscas*. É uma edição de colecionador e eu vejo enquanto a acompanho com meus dedos enquanto pergunto a Daniel: "Você ligou para Sebastian?"

Ele está encostado no peitoril da janela, mas eu não posso vê-las sair como ele está.

Eu não vou vê-la se afastar de mim.

"Ele já sabe." Sua voz é baixa, não cheia do ressentimento que eu continuo esperando que ele jogue em mim.

Por ser o homem duro que ele é, Daniel sempre tem perdão para sua família. Eu queria sentir o mesmo.

"Como isso é possível?" Pergunto ao colocar o livro na prateleira e estender a mão para outro. Alguém poderia cuidar disso e arrumar minha bagunça, mas eu não quero que eles

façam isso. Eu preciso fazer algo sem sentido antes de lidar com as consequências. Toda vez que me curvo é outra respiração profunda. Cada livro na prateleira é uma peça colocada de volta no lugar.

Eu preciso fazer isso antes que eu possa lidar com o que Jase fez nas minhas costas e tudo o que aconteceu nas últimas horas. Ninguém sairá ileso. Ninguém.

Rangendo meus dentes juntos, eu mantenho minhas costas para Daniel enquanto ele me responde.

"Addison estava pronta para sair. Eu pude ver isso." Ele parece cheio de culpa e remorso enquanto olha pela janela, observando as luzes do carro morrerem no meio da floresta enquanto se movem mais longe na estrada.

Tirando elas de nós.

Levando-a para longe de mim.

Mesmo olhando para as luzes, tão pequenas e fracas ao longe, empurra a faca mais fundo no meu peito.

"Então, liguei para ele e perguntei se ele se importaria." Ele dá de ombros, tentando refutar a devastação do que aconteceu. Está claramente escrito em sua expressão, mas ele continua: "Ele nunca usou e está perto, é contido e facilmente defende."

"Elas realmente acham que nós as deixaríamos ir?" Pergunto a ele, sentindo uma onda de controle novamente.

Ela nunca vai me deixar. Nunca.

"Tenho certeza que Addison sabe mais." A urgência na voz de Daniel me obriga a olhar para ele. Ele está encostado na janela agora, de frente para a porta do meu escritório e olhando para ela sem rumo. "Ela vai tentar sair, então precisamos vigiar isso também."

"Sempre observando..." Eu murmuro e então acrescento: "Para os inimigos que vêm e para as nossas mulheres saindo."

"Olhe para você, mesmo agora você se importa com ela," ele aponta e a observação de Daniel me pega desprevenido. "Mais do que você admitiu para ela."

"Eu só não quero que eles a tenham."

Um sorriso triste puxa os lábios de Daniel, fazendo-o parecer ainda mais infeliz. "Nossas mulheres." Ele repete minhas palavras e a tensão aperta meu peito. "Há alguma diferença entre o que há entre Addison e eu, Aria e você?" Ele me pergunta com uma voz cheia de acusações.

"Eu amo Addison," ele me diz antes que eu possa responder, sua respiração acelerando enquanto ele se esforça para esconder a dor de vê-la deixá-lo.

Ele olha para o chão apenas por um momento, enfiando as mãos nos bolsos antes de olhar para mim e perguntar-me francamente: "Você ainda a ama?"

Uma batida passa, mas apenas uma. Uma única batida dentro do meu peito e eu sei a resposta. Eu respiro a palavra ao mesmo tempo em que a porta se abre e um dos meus homens entra.

"Chefe," Jett chama meu título enquanto batia na porta aberta.

"Você tem uma atualização?" Eu pergunto a ele com uma sobrancelha arqueada, olhando para os nós dos dedos na porta e me perguntando porque ele se deu ao trabalho de bater.

Assentindo com a cabeça e endireitando os ombros, Jett me responde sem hesitar. Daniel está inquieto, inclinando-se contra a janela, em seguida, chutando-a enquanto ouve o soldado. Jett é um dos homens de Eli. Eli é um tenente, o posto dado aos homens em quem confiamos implicitamente para liderar outros homens em nossa família do crime. E Jett é o soldado que ele deixou para trás para ver que tudo se encaixou com ele.

Nós quatro, meus irmãos e eu, cada um de nós tem dois tenentes e a área que afirmamos é dividida de quatro maneiras. Isso mantém as coisas limpas e organizadas. Todos os homens que trabalham para nós me chamam de chefe. Eu sou o único chefe.

No entanto, esse filho da puta ouviu Jase. Jase deu uma ordem que diretamente contrariava a minha, que deveria ter sido absoluta, e esse imbecil ouviu-o.

Um tique no meu maxilar começa a se contrair quando me lembro, sentindo o calor e a raiva do que aconteceu há apenas algumas horas, provocando ódio no meu sangue mais uma vez.

Eu posso ver o momento em que Jett percebe que não superei essa pequena façanha. Suas pupilas se dilatam e ele gagueja sobre uma palavra antes de falar mais rápido. Isso é o que acontece quando você está com medo.

Eu tenho que me lembrar que eles não sabiam. Jase é o único responsável.

"Eli e Cason estão no primeiro carro, e há três carros iscas, embora não haja nenhum sinal de alguém assistindo ou seguindo." Ele engole, e eu posso ouvir o gole seco de sua garganta enquanto eu imagino o rasgando.

Jase me desafiou.

Eles seguiram suas ordens e não sabiam das minhas.

Eu me lembro desse fato, me abaixando para pegar outro livro do chão e controlar a raiva. Alguém precisa ter o mijo batido fora deles para o que aconteceu.

Batendo o livro na prateleira, vejo o rosto de Jase. Ele os soltou. Todo mundo vai saber que ela colocou uma arma na minha cabeça por causa dele.

"Você gostaria que eu ajudasse..."

"Não," eu o interrompi em um único suspiro baixo, desprovido de qualquer emoção.

"Alguém incluiu os homens de Romano?" Daniel pergunta e eu vejo a reação de Jett, colocando outro livro na prateleira. "Ou melhor ainda, quem sabe para onde Aria e Addison estão indo e que deixaram o local? Nomeie cada homem solteiro."

"Os homens de Eli e Cason, os dez de nós," Jett é rápido para respondê-lo e depois fica em silêncio em atenção novamente. Seu olhar corre entre nós dois, esperando por qualquer outra pergunta ou ordens. Ele está firme e ereto, igual a Eli. Mas há um nervosismo nele que eu não gosto.

"Eu quero trinta homens espalhados nos quarteirões ao redor da casa de Sebastian em quinze minutos," Daniel diz a Jett, embora eu saiba que ele está falando comigo. "O Red Room fica no lado norte, de modo que a rua já é movimentada, mas os outros três lados do nosso território são mais leves nos homens e mais perto de Talvery do que eu gosto."

"Precisamos de cinquenta," eu o corrijo. Os lados leste e sul precisam ter uma segunda linha. Se Talvery vier por elas, se meus inimigos descobrirem onde Addison e Aria estão, quero mais homens.

"Nós podemos ter cinquenta fácil," responde Jett como se fosse uma questão e não uma demanda. Ele continua: "Só precisamos recuar no lado leste mais baixo, mais próximo de Crescent Hills." Jett lambe o lábio inferior enquanto olha para

mim, usando os dedos para calcular os homens distraidamente.

Eu levo um momento para realmente considerá-lo enquanto ele me diz que "lugar" está sempre causando problemas, mas se nós desistirmos dos problemas, teremos de qualquer maneira. Como se permitíssemos que as pessoas que tendemos a controlar em Crescent Hills, simplesmente matem as pessoas que causam problemas se não intervirmos.

Eu sei que ele está certo porque é de onde eu sou e foi assim quando eu cresci, mas isso me irrita. A ideia de que podemos sair de áreas que apenas começamos a assumir e deixá-los matar uns aos outros porque não vale a pena... isso me atinge de uma forma que não deveria.

Só porque é um lugar que eu costumava chamar de lar. Eu sei que é por isso, mas isso não ajuda a controlar a raiva que ferve dentro de mim.

"Cinquenta então," responde Daniel e cruza os braços. Daqui eu posso sentí-lo olhando para mim, mas ainda estou focado em Jett enquanto ele fala sobre quais homens podem ir aonde. Vou começar a chamá-lo de Mr. Calculus se ele não calar a boca logo. Meu maxilar está cerrado com tanta força que acho que meus molares vão quebrar a pressão.

Eu podia me ver tirando meu descontentamento em Jett. Eu já posso sentir como sua mandíbula iria quebrar debaixo do meu punho. Levaria mais do que um soco sem minhas juntas de latão.

"Carter," diz Daniel, e isso quebra a visão de mim batendo o título de mijo fora desta merda. Um idiota que não cresceu do mesmo jeito que eu e não dou a mínima para ninguém naquela cidade.

"O que?" Eu não escondo a irritação quando a palavra vem do fundo do meu peito.

"Ponha o pobre livro para baixo," ele me diz, olhando para o livro que estou praticamente rasgando na minha mão. Batendo-o em seu lugar na prateleira, eu corro minha mão pelo meu rosto e, em seguida, apoio minhas mãos contra os detalhes de madeira esculpida da estante. Eu olho para o lugar vazio ainda esperando os livros serem realocados.

"Sempre a porra de um comediante," murmuro sob a minha respiração, tentando relaxar e ignorar a necessidade de deixar toda a minha raiva sair.

"Fique de olho nas duas e nos diga se elas saírem," Daniel dá a Jett suas ordens, mas o que o idiota diz em seguida me empurra para a borda.

"E se Aria quiser ir para casa?" Jett pergunta, preocupação evidente em seu olhar.

"O que é isso?" Eu posso sentir meu próprio olhar estreito nele enquanto eu me empurro longe da estante. A sala parece mais quente, menor e a adrenalina corre pelo meu sangue.

O soldado não percebe minha raiva. Ele não entende que o que ele está sugerindo vai bater com a sua cabeça contra a

porra da parede.

"Saia," Daniel fala enquanto dou dois passos em direção a minha presa.

Jett fica parado ao comando de Daniel, olhando para ele como se estivesse se perguntando se ouviu direito. "Ela não vai a lugar nenhum," Daniel diz a ele enquanto ele se aproxima, empurrando a mão contra o meu peito pela segunda vez hoje à noite. O lado mais duro e escuro de sua alma mostra quando ele agarra Jett pela garganta e o empurra contra a parede. Tão forte que ouço um estalo, embora não tenha certeza do que foi que fez o som doentio.

O corpo de Jett afunda ao alcance de Daniel.

"Ambas as mulheres estarão lá temporariamente." Embora sejam de estatura semelhante, parece que Daniel está se elevando sobre Jett quando ele balança a cabeça e rapidamente concorda com Daniel, olhando-o nos olhos e certificando-se de que sua voz esteja clara.

"Claro. Elas estão lá temporariamente. Eu sei disso."

"Certifique-se de que você não se esqueça disso." As palavras de despedida de Daniel são zombadas quando ele solta Jett e o homem luta para firmar os pés. "Saia daqui." Observá-lo gritar no rosto de Jett alivia um pouco da tensão. Apenas um pouco.

Jett não faz uma pausa ou espera por qualquer outra coisa de qualquer um de nós. Ele deve ter algum senso nele

depois de tudo.

"Eu queria bater em sua cabeça," digo a Daniel como o som daquele filho da puta correndo pelo corredor para fugir escurece.

"Eu sei," diz Daniel com as costas ainda para mim enquanto ele arregaçava as mangas. "É por isso que eu tive que fazer isso."

O tique-taque do relógio marcha constantemente entre suas últimas palavras e o próximo. "Com a guerra chegando, precisamos de todos os homens que podemos conseguir."

ARIA

Quando ouvi Eli dizer que íamos a uma casa segura, não era isso que eu esperava.

É na extremidade da cidade, longe da agitação, em uma área mais tranquila e perto da rua principal, com algumas lojas a uma curta distância. Há algumas casas pitorescas que se alinham na rua, mas quase um quarto de milha separa cada uma delas nesta rua.

Isto não é como a casa segura que meu pai tem. Esta casa está à vista de todos, mas é construída para a guerra se você olhar bem de perto o exterior.

O prédio de três andares é feito de pedra, com uma cerca de concreto ao redor da propriedade, coberta por uma linda hera. A porta da frente é toda em aço, mas lindamente gravada com o que parece ser um padrão celta. Eu só tenho um breve vislumbre antes de ser levada para o segundo andar, e cada andar parece ser auto-suficiente, então várias famílias poderiam morar aqui e nem mesmo se verem. Estou absolutamente maravilhada, embora não diminua a dor.

A cozinha está aberta para a sala de estar. O centro da sala é focado em torno de uma lareira de pedra com um manto de madeira recuperada, manchada e escura. Sua robustez coincide com o lustre de ferro e madeira. Mas está

em desacordo com a elegância limpa da cozinha toda branca, logo atrás de nós.

Estamos presas aqui, com um grande sofá de chenille em forma de L e poltronas iguais que abraçam a lareira até que os guardas digam o contrário.

"Apenas alguns minutos," é o que Cason disse. Mas mais do que alguns já passaram enquanto nos demoramos na bela gaiola dourada.

Eu estou mordendo minha língua, embora. Não me atrevo a dizer uma palavra a Addison enquanto ando atrás do sofá. Addison ainda está chateada, mas parece falso para mim. Como se ela estivesse apenas tentando ficar com raiva de estar trancada aqui em vez de ficar de coração partido com o que aconteceu.

Ela está olhando nos últimos dez minutos para as roupas que ela jogou no sofá, tentando não chorar. Eu não suporto vê-la no limite desse jeito.

Eu sou uma idiota, mas eu admito que sou grata por ser distraída por ela. Se eu estivesse sozinha, eu estaria encolhida em uma bola chorando no chão.

"Isso é besteira," ela grita as palavras, ainda olhando para as roupas. "Isso não é o que eu quis dizer quando disse que estava saindo!" Ela grita para ninguém.

"Ele disse que seria apenas uma semana ou mais, certo?" Pergunto-lhe com cuidado, tentando acalmá-la um pouco.

Ela balança a cabeça e visivelmente engole antes de revirar os olhos, aparentemente lembrando que ela está irritada por estar aqui, em vez de dar livre-arbítrio para ir embora.

"Para nossa proteção." Addison pega um vestido e coloca-o nas mãos antes de jogá-lo de volta no sofá. Empurrando o cabelo para fora do rosto, ela inclina a cabeça para trás e respira fundo. Ela faz muito isso, inclinando a cabeça para trás e respirando fundo. Eu já vi ela fazer isso algumas vezes quando ela fica nervosa.

"Isso é como uma prática de meditação ou algo assim?" Eu pergunto a ela, querendo mudar o tópico se eu puder, para algo... menos devastador. Estou exausta de chorar, mas cansada de estar exausta de chorar. Eu não quero me machucar agora. Eu preciso de uma distração por apenas um momento. Apenas um momento para respirar antes de encarar minha realidade novamente.

Ela balança a cabeça, mal saindo da posição e demora um pouco para me dizer: "É uma coisa de ioga, na verdade, não sei se posso meditar," ela pega a mochila no chão e pega as roupas no sofá, uma peça de cada vez, para jogá-las de volta. "Minha mente está sempre vagando e eu tenho que me levantar e fazer alguma coisa."

Eu quase sorrio, feliz por ela estar falando comigo sobre outra coisa. Ela ficou em silêncio no carro até aqui e a tensão tem me sufocado.

"Sim, eu entendo," eu respondo a ela. "Eu tentei meditação há um tempo atrás e não era minha cuppa."

"Cuppa[1]?" Ela pergunta com a testa franzida, e eu abro um pequeno sorriso em sua expressão curiosa.

"Xícara de chá." Eu dou de ombros e acrescento: "Não era a minha xícara de chá." Olhando para a minha própria mochila na poltrona, acrescento casualmente, mesmo quando sinto o peso do meu coração aumentar e afundar no meu estômago: "Eu gosto mais de cartas de tarô."

"Oh!" A empolgação na voz de Addison não é nada do que eu esperava. Talvez ela seja melhor em fingir que a vida está bem quando está em desordem do que eu. "E com leituras de palma?"

Eu tenho que sorrir com o entusiasmo dela.

Ela continua falando enquanto termina de recolher as roupas. "Eu fui ver uma cigana em Nova Orleans uma vez." Ela olha para mim enquanto eu ando mais perto, me sentando na outra extremidade do sofá. Eu sento, então eu posso ouví-la sobre o som dos guardas ainda andando pela casa segura para se certificar que tudo está no lugar. Como câmeras. Eu sei que esses filhos da puta estão colocando câmeras.

Eu tenho que manter minha boca fechada, meus dentes rangendo um contra o outro com o pensamento, e manter a raiva de mostrar enquanto ela me conta sua história da

mulher que ela conheceu pelo Café du Monde. Eu engulo em seco enquanto ela me fala sobre Nova Orleans, um lugar que eu nunca estive.

Ela ainda está fingindo uma atitude otimista e estou tentando acompanhar. Eu me pergunto se ela pode fingir assim quando ela se deitar. Quando não há distrações e o sono a evita. Apenas o pensamento do que minha mente vai fazer comigo esta noite, me faz pegar o cobertor no sofá e enrolá-lo em volta de mim como se pudesse me proteger.

"Eu queria que meus grãos de café fossem lidos e tudo isso também, mas não tive tempo."

"Sete crianças?" Minhas sobrancelhas não se moveram de sua posição levantada desde que ela mencionou casualmente aquele pequeno fato que a leitora de palma disse a ela. "Ela disse que você vai ter sete filhos?"

Eu não ouvi o resto do que ela disse sobre a leitura enquanto eu olhava distraidamente, fingindo ouvir, mas realmente pensando nesta noite e como eu sei que vou chorar de novo. Eu me sinto impotente, sem esperança e patética.

A expressão de Addison empalidece e ela franze os lábios antes de dizer cuidadosamente: "Gravidez." Ela não esconde a dor em seus olhos quando ela esclarece. "Ela disse sete gestações. Ela também disse que eles não nasceriam."

Porra. Eu não posso nem olhar nos olhos dela enquanto luto para dizer a ela que sinto muito. Ela só dá de ombros

antes de puxar a bolsa para fechá-la.

O som dela fechando a bolsa é acompanhado pelo som de Eli voltando para a sala. Com as mangas da camisa social enroladas, as tatuagens no braço estão em plena exibição. Elas são todas em preto e branco com muitos detalhes. Uma bússola que desvanece o braço esquerdo me chama a atenção, mas o tom de sua voz eleva meu olhar para o dele.

"Os quartos estão prontos. Nós estaremos lá embaixo o tempo todo." Eli é franco e tem um toque de sotaque. Irlandês ou britânico, talvez eu não saiba distinguir. É sutil, mas está lá.

"Eu não quero ficar aqui," Addison diz a ele novamente. Seus ombros se levantam e caem rapidamente enquanto sua respiração se acelera. "Eu não estou mais com Daniel." Sua voz racha, mas ela continua: "E eu não preciso de uma casa segura. Eu preciso sair."

A expressão de Eli é imóvel. Eu quase questiono se ele a ouviu enquanto o silêncio se estica entre eles. Os únicos sons são dos outros homens atrás de Eli no corredor enquanto descem as escadas até a seção da casa segura. "Compreendo." A resposta inicial de Eli leva Addison de surpresa. Ela até se encolhe um pouco, mas ele acrescenta: "Há algumas precauções que precisam ser tomadas primeiro. Mas em uma semana, mais ou menos, vamos levá-la para onde você quiser e deixá-la em paz."

Sozinha.

Eu odeio essa palavra.

"Então, nós devemos ficar trancadas nesta porra de casa?" A raiva de Addison aumenta quando ela faz a pergunta, cada palavra ficando mais alta que a anterior. Observo suas unhas contundentes cravarem-se em suas palmas enquanto ela não consegue refrear sua raiva.

"A Main Street tem várias lojas e alguns restaurantes. Não temos objeções para vocês andarem no quarteirão... no entanto, alguém estará com vocês o tempo todo."

Minha mente tem se recuperado a noite toda com tudo o que aconteceu. Estou aqui há quase duas horas, e só agora estou percebendo por que temos que ficar aqui em prisão domiciliar com guardas por uma semana. *E então podemos nos libertar.*

Uma semana.

"Ele vai matá-los." Com o meu olhar fixo na cortina transparente, envolta pelo luar do lado de fora da janela, a sensação esmagadora no meu peito retorna. "Uma semana até a guerra acabar."

Addison se vira lentamente para me encarar e eu afundo ainda mais no sofá.

"Estou sendo mantida como refém até que minha família esteja morta." Minha garganta se fecha lentamente como se estivesse me sufocando, e meus olhos ardem mais quentes quando a dor se difunde através de mim.

Eu perdi o Carter. Perdi a chance de influenciá-lo porque falhei.

E agora estou presa neste lindo lugar enquanto todos que eu amo são assassinados. Minha visão é turva quando imagino a casa em que cresci, o sangue nas paredes, buracos de bala nas portas. Lambendo meus lábios, eu provo minhas lágrimas salgadas. "Eli, você pode me responder uma pergunta?" Pergunto a ele com um breve suspiro que mal posso segurar.

A tontura inunda minha mente quando ele balança a cabeça, sim.

"Existe alguém para limpar tudo o que você deixa para trás?" Eu me esforço para respirar quando olho nos olhos dele e continuo: "Ou quando eu pedir para ir para casa em uma semana, será que vou limpar os corpos da minha família?" Minha voz treme na última palavra, mas ele me ouve. Eu sei que ele faz.

Imagino meu primo, Brett, sua esposa e seu bebê. Em um momento, eles estão exatamente onde eu os vi pela última vez durante as férias. E em um piscar de olhos, eles estão deitados mortos no chão, seus olhos olhando para mim como se estivessem me vendo por quem eu realmente sou.

E eu odeio o que eles veem.

Alguns da minha família podem ser cruéis como Carter, mas nem todos são e muitas pessoas morrerão. Eu sei o que

esperar. Eu já vi isso antes. Eu não posso sentar aqui e não fazer nada.

Eu me recuso.

Eli olha de volta para mim, avaliando-me e me julgando, mas não me importo. Contanto que eu possa manter a força da minha mentalidade, não me importo com o que ele pensa. Sabendo que não posso e não vou sentar e não fazer nada é tudo o que importa.

"Eu sei que é guerra, mas eu preferiria estar com eles agora," eu digo a Eli, limpando as lágrimas enquanto percebo que é onde está o meu lugar. "Eu acho que seria melhor se você me mandasse de volta para minha casa."

"Talvez quando a semana acabar, você queira ir a outro lugar," é tudo o que Eli me dá.

Não é até que ele se foi que eu percebo que Addison está chorando silenciosamente.

Ela nem consegue olhar para mim, mas eu não me importo.

Eu não me importo mais com nada.

"É como é essa vida," digo solenemente, lembrando-me de todas as noites em que os homens enchiam a cozinha no andar de baixo, tilintando suas cervejas e dando tapinhas nas costas um do outro. "Eu tinha um tio chamado Pierce." Eu não tenho pensado nisso faz tempo, mas agora estou

revivendo uma certa noite quando eu tinha quinze anos de idade. A noite que marca a primeira vez em que compreendi plenamente o que minha família fazia para ganhar a vida e comecei a ver realmente as consequências que daí advinham. Eu posso sentir como minha garganta está crua quando eu paro para engolir. De gritar, de chorar.

"Eu desci enquanto ele estava segurando algo no ar e todos os outros na sala estavam aplaudindo." Suas vozes ecoam na minha cabeça. "Eu lembro de sorrir, tão feliz que meu pai estava de bom humor." Não sei se ela está ouvindo, mas continuo falando.

"Meu tio ficou tão feliz em me ver." Eu lembro do jeito que seu sorriso se alargou antes de colocar o que quer que ele estivesse segurando pra baixo e me abraçar como se ele não tivesse me visto em anos. "Eu me senti como parte da família naquela noite. Meu pai até me deu uma taça de vinho, apesar de eu ter apenas dezesseis anos." Eu me lembro da maneira como provei, e como me senti quando ele derramou da sua garrafa e me deu o copo na frente de todos. "Ele disse, hoje à noite nós bebemos. Esta noite, nós celebramos os Talvery." E todos aplaudiram novamente quando tomei um gole.

Eu olho para Addison, que está ouvindo atentamente e esperando pela piada.

"Não foi até alguns dias depois que Nikolai me disse que era uma língua humana. A língua de um informante que foi assassinado e eles estavam celebrando porque as acusações

foram retiradas sem nenhuma testemunha viva para testemunhar," eu tive que implorar para Nik me dizer, ele me disse que eu não gostaria de saber, mas eu o pressionei. Depois que ele me contou, eu sabia que podia confiar em sua resposta se algum dia quisesse saber algo de novo.

Eu olho para a lareira, desejando que ela crepitasse com uma chama suave, mas está vazia e não há madeira aqui para começar o fogo.

"Talverys e os irmãos Cross são os mesmos. E eles vão se matar ou morrer tentando." É uma verdade que eu queria evitar por tanto tempo, mas agora parece que eu só posso tentar limitar o dano que eles causarão.

"Não é assim que eles cresceram," Addison me diz com lágrimas nos olhos. "Eles eram boas pessoas."

"Minha família é cheia de pessoas boas também." Meu intestino se agita tentando defender esta vida para ela. Para alguém que não cresceu nele. "Eles apenas fazem coisas ruins. Como meu tio. Ele amava sua esposa, amava seus filhos e teria feito qualquer coisa por mim se ainda estivesse vivo."

Está quieto por um momento enquanto Addison se senta lentamente ao meu lado, segurando em si mesma como se ela caísse em pedaços se não o fizesse.

Ela não fala há muito tempo, nenhuma de nós faz. Mas nenhuma de nós se levanta também. "Eu não entendo como

Daniel entrou nisso. Isto não é como eles eram antes. Eu juro para você. Eles eram bons e... e... eu não sei como isso aconteceu." Ela parece perdida como se não tivesse ideia. Eu vi mulheres antes que estão em negação, que fecham os olhos. Mas ela está realmente chocada. Talvez ela não tenha percebido o quão real esta vida pode ser. Quão perto da morte é.

"Eu sei."

Minha resposta chama sua atenção e ela espera por mais, mas eu não sei o quanto ela realmente quer saber, ou o que ela precisa saber.

"Por muito tempo, não havia ninguém ao sul de Fallbrook. É de onde eu sou e basicamente o território que meu pai mantém. Meu pai falou sobre levar muito isso." Eu me lembro de quando era pequena, como eu me sentava em seu escritório e ele teria conversado sobre os acontecimentos em Back Ridge. "Não havia ninguém morando lá, nenhum negócio, mas então," eu limpo minha garganta e digo a ela, "os progressos aumentaram e havia mais pessoas. Mais oportunidades, como meu pai chamava."

"Ele e Romano tinham dois territórios lado a lado e ambos o queriam. Mas as áreas são como uma cruz, mais ou menos." Quatro quartos, eu desenho no cobertor no meu colo, do jeito que Nikolai me explicou. "A área de Carter é a parte inferior esquerda, mas a parte dele é maior agora. A parte inferior direita é Crescent Hills e não é reivindicada, apenas

uma cidade de merda sem que ninguém a policie, ninguém a protegendo. Carter e sua equipe continuam se aproximando cada vez mais, mas eles só o pegam pouco a pouco. Meu pai tem o canto superior esquerdo e Romano no canto superior direito. Ambos queriam o território onde Carter está agora, mas enquanto travavam uma guerra fria um contra o outro por causa da minha mãe..." Engulo um nó seco sem saber se ela sabe, mas não está em condições de explicar. "Carter assumiu. Um a um, matando os homens que trabalhavam para meu pai que tentavam detê-lo, ou, às vezes, Carter enfrentava os soldados de meu pai, provando que ele seria implacável e que a área era dele, mas ele tinha misericórdia daqueles que ficaram com ele."

"Então, foi Carter?" Ela pergunta, e eu posso ver nos olhos dela que ela não quer acreditar que Daniel estava envolvido.

"Eu ouvi muito os nomes de Jase e Carter." Eu quase digo mais, mas eu seguro, engolindo minhas palavras. "Mas Carter é o único nome que todo mundo conhece. É Carter ou os irmãos Cross."

A testa de Addison está apertada, mas sua expressão está cheia de angústia quando ela diz: "Eu não sei por que Carter faria isso. Não sei por que ele gostaria de viver assim."

Mais uma vez, quase digo "sim," mas não sei. É porque meu pai sabia do que Carter era capaz. Ele sabia que eles assumiriam. Meu pai tentou matá-los antes que pudessem se

tornar a poderosa família que eles são agora, mas ele falhou. Sua tentativa fracassada é o que fez Carter quem ele é.

A verdade, e encarando a verdade, faz com que uma frieza flua pela minha pele e eu puxo o cobertor com mais força ao meu redor.

"Eu entendo se você nunca puder ser amiga de alguém como eu. Alguém cuja família ganha a vida através da morte e do pecado. Alguém que..." Eu paro, parando por um momento antes do que estou prestes a dizer em seguida. Eu tenho que fechar meus olhos para dizer: "Alguém que separou você e Daniel."

"Pare com isso," Addison suspira o comando com uma seriedade que eu não estava esperando. "Você não nos separou e ainda é minha amiga." Ela aperta minha mão entre as suas enquanto eu olho para ela, esperando que ela ainda se sinta assim pela manhã. Porque eu não tenho ninguém agora e, em uma semana, posso ter menos do que ninguém.

"Vai ficar tudo bem e nós vamos cuidar uma da outra. Você tem que olhar para aqueles que você gosta. Sabe?" Seu olhar me implora para concordar com ela, para ficar forte. Mas eu não sou como Addison.

Lágrimas imploram para correr pelo meu rosto, mas eu as mordo de volta, me recusando a chorar mais esta noite. Em vez disso, aceno com a cabeça e tiro minha resposta, embora as palavras estejam estranguladas. "Eu estou tentando. Mas o

que posso fazer quando os que me importam querem um ao outro morto?"

O silêncio vem novamente, mas ela é rápida para terminar desta vez.

"Vamos tomar um drink." Ela está fora do sofá antes que eu possa dizer a ela o quanto eu preciso de um.

Eu só posso acenar com a cabeça em concordância, ainda envolvendo minha cabeça em torno da espiral de eventos horríveis que me levaram até aqui.

Não posso pensar em nada além de Carter quando a ouço abrir uma garrafa de vinho e as taças tilintarem no balcão. Em vez disso, tudo o que posso fazer é imaginar o rosto de Carter no exato momento em que perdi a confiança dele e ele perdeu a cabeça.

Vai me assombrar para sempre.

Se não isso, então a visão da minha família em caixões.

Não havia como eu ganhar.

Eu não quero mais fazer isso. Eu não posso mais lidar com isso.

Eu preciso parar isso.

CARTER

Está mais quieto aqui do que eu pensei que estaria. Sebastian escolheu uma área agradável. Ele teve o lugar construído há dois anos, mas nunca voltou. Não sei se é a lembrança dele ou de tudo o que aconteceu esta noite que faz meu coração torcer como se alguém estivesse torcendo-o de dentro do meu peito.

O uísque não melhorou a dor. Não o primeiro copo, não o segundo. Não quando joguei a garrafa na janela, quebrando-a e enchendo a sala com o cheiro de licor. Mais cedo, passei muito tempo encostado na parede, sentado no chão do escritório, olhando para a caixa. A caixa que ainda está aberta, vazia e empurrada contra o tapete. Eu não posso movê-la de volta. Eu não consigo me mover de volta como se ela nunca estivesse lá.

Tudo está me dizendo para deixá-la ir.

Lógica e razão. Ela nunca vai me amar por causa da maneira como começamos. Ela nunca vai me amar depois que eu matar sua família. Ela nunca me amará por causa do homem que eu sou.

Eu sei que tudo isso é verdade.

Mas a ideia de deixá-la sair dói.

"Você quer que eu vá com você?" Daniel me pergunta do assento do motorista, rasgando meu olhar da frente da casa e cortando meus pensamentos.

"Você tem certeza de que está bem em vê-la?" Ele me pergunta a verdadeira questão.

"Eu não vou machucá-la," digo a ele enquanto olho de volta para a casa, rezando para que eu esteja dizendo a verdade. Eu quero que ela sinta essa dor. Eu quero que ela saiba o quanto isso dói.

"O que você vai fazer?" Ele me pergunta, suas mãos deslizando pelo volante de couro.

"Eu vou dar a ela o que ela quer," eu minto. Eu nunca vou deixá-la me deixar.

A voz do meu irmão é severa e alta na cabine do carro quando ele diz: "Você está cometendo um erro."

Fico surpreso com a crítica dele, olhando para ele enquanto o céu escuro escurece. "Você pode fazer o que quiser com Addison. Eu não vou te julgar. Mas fique fora disso quando se trata de mim e Aria." É tudo que posso dizer a ele porque não sei o que fazer com Aria. Não sei o que posso fazer com uma mulher que me trairia como ela.

"Você realmente vai deixá-la ir embora?" Quando eu não respondo a sua pergunta, ele me empurra dizendo: "Ela não terá ninguém quando isso for feito. Ninguém."

Eu levanto a minha voz para responder e terminar esta conversa. "Eu disse que vou dar o que ela quer. Eu não disse que a deixaria ir." Meu sangue corre em meus ouvidos enquanto os olhos de Daniel se estreitam na escuridão.

"Você está vindo?" Eu pergunto a ele, recusando-me a deixá-lo continuar.

"Não, ela não está dentro. Ela andou até a loja de bebidas para mais vinho quando Aria foi para a cama." Ele se recosta no banco e olha direto para a estrada para acrescentar: "Vou dirigir até lá e ficar de olho nela de longe."

Parando, ele olha para mim antes de acrescentar: "Cason está com ela e há olhos nela, mas ainda assim..."

"Ela deve saber que você vai estar olhando para ela," eu digo distraidamente, lembrando de tudo o que aconteceu meses atrás.

Seu aceno é solene. "Eu sei que ela faz. Tenho certeza que ela também odeia isso."

Dando-lhe uma inclinação da cabeça para me separar, eu pego a maçaneta para abrir a porta, mas as palavras de Daniel me impedem. "Eu me pergunto se ela vai saber quando eu chegar a ela."

Com meus dedos enrolados na alça, continuo perguntando: "O que você quer dizer?"

"Ela costumava saber de alguma forma. Anos atrás, quando Tyler morreu. Toda vez que eu chegava perto dela, ela se virava como se soubesse que eu estava lá. Não importava a que distância eu estava ou quantas outras pessoas estavam ao nosso redor. Ela sempre soube, naquela época."

Ele finalmente olha para mim, o sorriso triste ainda em seu rosto. "Eu me pergunto se vai ser o mesmo agora."

Eu não sei que conselho dar ao meu irmão. Eu posso sentir sua dor e não há palavras para ajudá-lo.

"Apenas tenha certeza que ela está segura," digo a ele, lembrando de todos aqueles anos atrás e tudo o que aconteceu entre eles... entre todos nós.

"Sempre," ele me diz e bate as costas da mão contra o meu braço. "Não estrague tudo." Ele força um sorriso fraco no rosto, embora não alcance os olhos. Eu não posso dar o mesmo de volta para ele.

Os sons da noite me cumprimentam quando a porta do carro se abre e depois se fecha facilmente. Os grilos e o vento são tudo que consigo ouvir. Os homens postados na lateral do prédio me veem e eu os reconheço com um simples aceno de cabeça. Eu abotoo meu paletó e subo a calçada até a varanda. A cada passo, a ansiedade sobre meus medos cresce. O medo de que eu a perdi para sempre. Que ela nunca me amou, e eu nunca realmente a tive. O medo que esta noite destruiu tudo e qualquer coisa que esteja entre nós.

Não há como voltar atrás do que aconteceu. Não há como negar que ela está nublando meu julgamento e mantendo-a significa perder a confiança e o respeito de meus homens.

O desamparo é algo que não sinto há muito tempo, mas está comigo agora enquanto vou em direção à casa segura.

Eli está na porta da frente o dia todo com o fone de ouvido e o telefone exibindo os monitores. Ele se ergue com a ponta das minhas botas nos degraus de pedra enquanto eu caminho em direção a ele.

"Aria está no quarto norte no segundo andar. Addison está na..."

"Na loja de bebidas," eu termino a frase para ele.

"Chefe," diz ele e me recompensa com um lampejo de um sorriso. "Claro, você sabe." Ele abre a porta da frente maciça, é de aço sólido de dois metros e meio de altura e um metro de largura. A luz brilhante do hall de entrada reflete-se no piso de madeira recém-polido. Tem sido um tempo desde que eu estive aqui e a lembrança de estar neste limiar com Sebastian me faz parar.

Chloe, a esposa de Sebastian, é quem escolheu tudo para esta casa. Ela queria voltar. Eu realmente pensei que eles estavam voltando para casa anos atrás quando esta casa foi construída, mas eles não fizeram.

De pé, lembro da minha infância como se fosse ontem, quando eu era uma pessoa diferente. Antes de toda aquela

merda acontecer com o pai de Aria, antes que meu melhor amigo fosse embora e minha mãe falecesse, deixando-me sozinho para cuidar do meu pai bêbado e dos meus quatro irmãos. Eu nunca pensei nisso e senti vergonha. Mas quando estou aqui, penso em quem eu costumava ser e sei que odiaria o homem que me tornei. Eu odiaria quem eu me transformei e o que fiz.

Você não pode voltar embora. Você nunca pode voltar.

"Existe alguma coisa que eu possa fazer por você?" Eli pergunta baixinho, com cuidado.

"Como ela está?" Pergunto-lhe. Conheço Eli há quatro anos. Ele me ajudou a conquistar a maior parte deste território e ele é a única razão pela qual eu me mudei mais para Crescent Hills, de onde eu sou. Não há lei em Crescent Hills, então mudar meu império é uma tarefa mais difícil do que a maioria, e a renda não justifica isso. É um inferno que ninguém quer, mas achei que Sebastian acabaria voltando e me ajudaria a fazer isso. Eu pensei errado.

"Ela vem chorando desde que Addison saiu." O olhar de Eli não fica no meu enquanto ele relata Aria para mim. Ele olha para os sapatos e engole antes de me olhar de volta nos olhos. "Ela viu algumas das novidades. Eu não tenho certeza com o que ela está mais chateada. Deixar você ou perder sua família."

A raiva é uma ferida lenta. Eu não deveria ter esperado para puxar o gatilho. "Se eles já estivessem mortos, eu não

teria esse problema."

Eli acena concordando. "Estamos prontos quando você estiver, chefe."

"Romano já está tomando as ruas no leste."

Eli acena novamente e diz: "Tem estado em todos os noticiários hoje. Eu imagino que Romano irá atingi-los do lado sul esta semana."

"Talvery estará esperando isso."

"Isso é bom para nós aqui. As chances são boas, ele vai levar seus homens nas ruas mais ao norte e bater nele com mais força."

"Ambos reagem de maneira previsível."

"E ambos vão cair... previsivelmente." O sorriso em seu rosto estaria refletido no meu, mas tudo o que posso pensar é como Aria realmente me odeia. Ela estava disposta a me ameaçar para salvá-los. No fundo do meu intestino, eu sei que a ideia de vingança é algo que vai cruzar sua mente. E isso me mata.

"Eu não sei se posso confiar nela novamente," eu falo a revelação em voz alta e me arrependo imediatamente. O que diabos está errado comigo?

"Ela vai superar isso. Eu a ouvi explicando coisas para Addison, ela entende por que isso tem que acontecer."

O ar da noite se agarra a mim, me segurando aqui no limiar, em vez de seguir em frente para encarar Aria.

"Onde você achou aquele fodido idiota do Jett?" Pergunto-lhe para sair do assunto e lembrá-lo quem eu sou. Seu chefe do caralho.

"Ele é um bom tiro, só um pouco de merda quando se trata de sua boca. Eu acho que ele tem Asperger ou algo assim." Ele olha para mim e para a noite por um momento antes de continuar. "Ele não é muito bom em ler pistas sociais, mas na guerra, ele esperou três dias para obter uma chance contra os insurgentes no Afeganistão. Por três dias ele ficou no mesmo bunker, pouco maior que um barraco. Ele não se mexeu até que os três em sua lista de alvos estivessem em sua mira." Ele bufa uma risada curta, embora não tenha um humor genuíno. "Eles saíram para fumar, achando que estavam limpos desde que ficara quieto por três dias. Levou apenas vinte segundos para colocar todos os três no chão."

"Eu ainda quero rasgar a porra da sua garganta," eu digo a ele distraidamente, embora o meu respeito por Jett cresça enquanto imagino o que ele passou.

Eli encolhe os ombros. "Eu já disse a ele antes que ele ainda poderia disparar sua arma se eu cortasse sua língua." Ele ri e acrescenta: "Brincando, é claro. Eu lhe devo minha vida."

"Vou manter isso em mente na próxima vez que eu quiser socar o rosto dele." Minhas palavras saem sem graça, sem a

convicção que eu tinha antes.

"O que ele disse?" Ele me pergunta.

"Nada," eu lhe respondo, sabendo que não quero ter essa conversa com ele. Eu respeito Eli, mas ele não é meu amigo. Isso é negócio.

Ele acena uma vez, abrindo a porta apenas mais um fio de cabelo e o som suave dela rangendo é alto em meus ouvidos.

"Diga aos homens para não entrarem e protelarem Addison até que eu termine aqui," eu digo, olhando para a escada em espiral que leva ao segundo andar, onde meu pequeno passarinho está agora enjaulado. "Eu não quero que ela ouça isso."

"Sim, chefe."

Dou um tapinha no ombro dele enquanto entro, mas não olho nos olhos dele. Mesmo que eu esteja olhando para a escada, tudo que eu posso ver é tudo que aconteceu horas atrás. A arma apontada para mim, a caixa para a qual ela correu e se escondeu. A visão do carro quando se afastou e como ela não se opôs.

Minha garganta está apertada e o martelar do meu coração fica mais rápido e mais doloroso quando eu subo as escadas. O corrimão está escorregadio sob minha palma quente.

Ela é minha.

Ela vai saber que eu a possuo quando a deixar hoje à noite.

Mesmo que ela ainda me deixe, ela sempre pertencerá a mim.

Sempre.

O pensamento faz o jorro de sangue em meus ouvidos muito mais alto. Cada passo mais perto da porta meu pau fica mais duro, pensando em todas as reações que ela terá para mim.

Raiva, ódio mesmo.

Ou talvez ela me implore para perdoá-la.

Eu fecho meus olhos, descansando o lado plano do meu punho contra a parede à direita da porta do seu quarto ao pensar nela implorando por misericórdia. Algo que ela se recusou a fazer na cela.

Meus olhos se abrem lentamente ao som da cama rangendo logo depois da porta.

***

ARIA

Eu ouvi seus passos antes da porta se abrir.

Eu não posso explicar porque eu rezei para que fosse Carter. A última vez que o vi, tudo que eu tinha era medo dele.

Com a janela aberta, o vento entra, tirando as cortinas do lugar e deixando a luz do luar sobre a forma dominante de Carter.

Meu coração pisca em uma estranha batida irregular e me lembro da primeira vez que o vi. O mesmo medo corre através de mim, mas também o sentimento de que ele poderia me salvar.

Se ele quisesse, mas pelo olhar penetrante em seus olhos, não é isso que ele planejou para mim.

Neste ponto, estou bem com isso. Ele pode fazer o que ele quiser comigo porque eu já sei que vou me submeter a ele. Eu já sei que ainda o amo. Não importa o quão fodido seja.

"Carter," eu sussurro o nome dele enquanto me sento na cama, deixando os lençóis caírem em uma poça ao meu redor. Um arrepio enfeita minha pele enquanto o vento faz cócegas no meu ombro.

O chão range com seu passo pesado e a sombra em seu rosto se move, abraçando as linhas afiadas de sua mandíbula enquanto ele se aproxima de mim.

"Fique de joelhos," ele me ordena com uma voz áspera. Essa é a única saudação que ele me dá e me lembra como era a vida na cela com ele.

Desafio corre profundamente no meu sangue e aumenta a raiva no meu peito quando minha mandíbula aperta.

"Isso é o que você tem a dizer para mim?" Eu o questiono com minha voz vacilante. Ansiedade e mágoa estão igualmente presentes, fazendo meus dedos se enrolarem e meus punhos enrolarem os lençóis de seda. Eu mal posso respirar quando eu mordo as palavras: "Você não veio para mim."

Ele faz uma pausa no final da cama, mas apenas por um momento, uma única batida do meu coração desgraçado. Ele fala suavemente, mas com força enquanto tira o paletó e coloca-o cuidadosamente no final da cama.

"Eu tenho muitas coisas para dizer a você, Aria Talvery," ele praticamente cuspiu meu nome e eu rosnei de volta. "Foda-se," sentindo o ódio por ele se intensificar.

Eu sempre soube que ele era meu inimigo, mas nunca senti como se ele me visse assim. As marés mudaram.

Seus dedos hábeis desabotoam sua camisa e meus olhos deixam os dele para assistir enquanto ele tira a roupa.

"Eu te disse para ficar de joelhos," ele me lembra em uma voz que pinga dominação e sexo. Ele joga sua camisa em cima de sua jaqueta, perdendo o controle que tinha um momento atrás.

Meus olhos são atraídos para o couro de seu cinto quando ele solta o cinto e, em seguida, rapidamente o puxa de seu

lugar, deixando o couro assobiar pelo ar.

Minha boceta aperta quando ele dobra o couro em um loop e espera que eu o obedeça. "Você já me questionou, me desafiou e mentiu para mim hoje. Você realmente vai me desobedecer de novo?"

Eu engulo em seco, sabendo que quero sua punição e quero muito. Mas eu não menti para ele.

"Eu nunca menti para você e nunca vou," eu digo a ele rapidamente, sentindo meu pulso acelerar.

"Você não me contou a verdade. Isso é estar mentindo," ele diz, sua voz mais alta e ele não esconde sua raiva no mínimo.

"Eu não vou..." Eu paro e me perco. Mordendo meu lábio inferior, odeio que o único conflito que temos que nos separará, de novo e de novo, é aquele com o qual nunca concordaremos. "Eu não vou sentar e deixar você matá-los. Eu não vou."

Os movimentos de Carter são mais rápidos do que eu pensava ser possível, enviando um pico de medo através de mim. O cinto bate na cama enquanto ele agarra meu queixo e abaixa seus lábios nos meus. Meu coração dispara e a luxúria se mistura com o terror. "Você não tem escolha," ele sussurra contra meus lábios.

Eu me questiono mesmo quando as palavras deixam meus lábios. "Você está errado."

Eu posso sentir seu calor. Eu posso ouvir seu coração martelar em seu peito enquanto olho em seus olhos escuros. Eu poderia me perder neles para sempre e neste momento, eu gostaria de poder. "Eu gostaria que as coisas fossem diferentes," digo a ele enquanto seu silêncio aumenta.

"Eles serão em breve," diz ele. As palavras faladas sombriamente vêm com uma ameaça. "De joelhos, passarinho."

É seu apelido para mim, seu aperto no meu queixo, seus lábios tão perto dos meus e o ritmo acelerado de seu coração, que tudo me faz mover.

Eu mantenho meus olhos nos dele o máximo que posso enquanto fico de quatro e o deixo lentamente tirar minha calça de mim. Ele a puxa para baixo devagar, provocando enquanto seus dedos roçam minha pele sensível.

O ar frio é tudo que posso sentir por um momento e sei que o cinto está chegando. Eu me preparo para isso, mas não há nada para o que parece ser para sempre.

"Você acha que merece isso?" Ele me pergunta com a voz baixa e nem um pingo do ressentimento que eu esperava.

Eu suspiro a palavra com facilidade, sinceramente. "Sim."

O cinto morde a carne da minha coxa direita por trás e eu grito em agonia. Ele não perdeu um segundo.

Minhas coxas tremem enquanto eu tento ficar de quatro.

Smack! As bordas do cinto raspam contra a minha bunda e enviam uma onda de dor através do meu corpo enquanto estou queimando onde elas cortam minha pele. Não consigo controlar o soluço que sobe pela minha garganta. Meus dedos enrolam quando aperto os lençóis com mais força e luto contra as lágrimas.

Eu pulo com o toque suave da mão de Carter contra a minha carne aquecida, desejando que eu dissesse não, mas então eu seria a mentirosa que eu alegava não ser.

"Você sabe o que acontece com os homens que apontam uma arma para mim, Aria?" A voz de Carter é atada a uma ameaça mortal quando ele se inclina sobre mim, seu pau duro cavando em minha bunda e apenas a sensação disso envia um desejo profundamente enraizado de surgir em meu sangue.

A luxúria quase abafa a dor. Está tão perto, e eu gostaria que fosse, mas Carter não terminou de me punir ainda.

Seus lábios roçam o meu ouvido quando ele me diz: "Eles não vivem para puxar o gatilho."

Eu tenho que engolir antes que eu possa responder. Minha pele alterna entre dor e prazer nos lugares onde a mão dele ainda esfrega círculos suaves. "Eu nunca teria puxado." Eu lhe respondo com uma voz suave enquanto balança meus quadris contra ele. Eu sempre fui uma prostituta para ele. Eu me curvo a ele e amo isso. Algum lado doente de mim deseja isso. Eu imagino que sempre amarei.

"Você não se importa que todo mundo viu, não é?" Ele me pergunta e o peso do que fiz parece mais pesado.

"Eu sinto muito. Eu não queria fazer isso." Eu engulo em seco, em conflito pela minha exaustão, minha dor, minha ganância por mais de seu toque. "Você não me deixou escolha."

Ele se afasta instantaneamente, deixando meu corpo sentindo o frio do ar entre nós. Eu posso ouvir a fivela de metal do seu cinto tilintar e vê-lo levantar o braço nas sombras que tocam na parede à minha frente.

Eu fecho meus olhos com força, mas isso não ajuda em nada.

Smack! O cinto morde minha bochecha esquerda e, em seguida, imediatamente se move para a direita.

Eu mordo o máximo que posso em nada e tento segurar meus gritos enquanto o cinto grita no ar e pousa golpe após golpe contra minha carne tenra.

Meus braços se dobram quando a dor me rasga. Lágrimas vazam incontrolavelmente dos cantos dos meus olhos.

Carter segura o cabelo na base do meu crânio e me força a olhar para ele.

Seus olhos são escuros e rodopiando com uma emoção torturada. "Eu preciso ver você, Aria. Você não pode se esconder de mim."

Minha cabeça treme antes que eu perceba que me movi, a dor ardente fazendo até mesmo o pequeno movimento de roçar minha coxa contra sua absoluta agonia. "Eu não posso," eu choramingo.

Eu nunca senti uma dor assim. Eu tento segurar as lágrimas enquanto meus ombros tremem, mas elas vêm de qualquer maneira.

"Você pode pegar isso," Carter me diz, agarrando a carne avermelhada da minha coxa e apertando-a. A pressão força a dor a destruir todo o último controle que eu tenho.

Com a mão direita na minha coxa, ele cobre minha boceta com a esquerda.

Minhas costas se curvam instantaneamente e eu caíria ao meu lado se ele não estivesse me segurando no lugar. O prazer é inimaginável. Cada centímetro do meu corpo sente isso. Meus mamilos, mas meu pescoço arqueia e meu corpo implora por mais.

"Você pode pegar isso, Aria." A voz de Carter é gentil, suave e profunda enquanto ele esfrega os dedos no meu clitóris sensível. Pelo jeito que ele soa agora, quase me pergunto se a luxúria que ele já teve por mim agora se foi, mas sei que isso não pode ser verdade. Isso não pode ser o caso da maneira como ele começa a me tocar.

Ele aperta meu clitóris e um raio de prazer emociona todas as terminações nervosas do meu corpo. Estou com calor

e frio ao mesmo tempo. Tremendo por baixo do homem que me dá dor que não posso suportar e prazer que é igualmente consumido.

E eu anseio mais dele. Eu preciso dos dedos dele dentro de mim.

Ele se afasta enquanto o prazer entorpecente corre através de mim e eu o vejo alcançar o cinto novamente.

"Carter," eu choramingo um pedido. Eu amo o prazer, mas a dor é aterrorizante. "Por favor," eu imploro a ele.

Ele hesita. Com a minha bochecha no travesseiro, olhando para o homem quebrado que só sabe como quebrar os outros, eu imploro novamente. "Por favor, me perdoe."

"Eu já te perdoei," são as únicas palavras que ele me dá antes de apertar o cinto com mais força.

Eu fecho meus olhos, esperando por mais punição, esperando por Carter para me levar como ele acha que precisa.

Em vez disso, uma mão suave corre ao longo do mergulho na minha cintura, e por mais que eu queira me afastar, sabendo que seu toque gentil vai causar onde ele me bateu ainda mais dor, eu fico quieta por ele. Eu o deixei acariciar onde o cinto encontrou minha pele e trazer a dor para a superfície ainda mais.

"Eu só quero você," eu sussurro no travesseiro. Parece úmido debaixo da minha bochecha, encharcado das minhas lágrimas. "Por favor, Carter."

"Este sou eu, Aria. Esse é quem eu sou."

Suas palavras são um fogo que lambe as feridas do meu coração, dividido em duas metades de quem eu sou. A primeira metade de mim é uma mulher que está quebrada e apaixonada por um homem que foi ferido mais vezes nesta vida do que eu poderia suportar. E a outra metade é uma mulher que quer ser forte e se recusa a permitir que sua vontade seja ignorada por mais tempo.

"Você não sabe mais quem você é, Carter. Não mais do que eu sabia quem eu era quando eu segurava a arma," digo a ele com uma voz trêmula. "Tire de mim o que você quiser," eu admito. Fechando meus olhos, eu enterro minha cabeça no travesseiro, mas depois lembro o que ele disse. E então, eu me posiciono de quatro, mesmo quando minhas pernas tremem. "Eu vou dar tudo para você."

O cinto cai na cama com um baque e antes que eu possa virar a cabeça para olhar por cima do meu ombro para Carter, ele mergulha dentro de mim, seu pênis me enchendo e me esticando sem piedade. Uma de suas mãos agarra meu quadril para me manter de pé enquanto a força de seu impulso quase empurra meu corpo para uma posição propensa do golpe. Porra! É muito rápido. O grito que está rasgando de mim é silencioso.

Com a outra mão, ele aperta meu clitóris com força e a força do prazer rasgando através de mim faz minhas costas se curvarem enquanto eu grito seu nome.

Seu polegar esfrega meu clitóris implacavelmente enquanto ele passa pelo meu orgasmo, me fodendo como se fosse a última coisa que ele poderia fazer.

E eu levo tudo. Mordendo o travesseiro para emudecer os gritos e contorcendo-me debaixo dele da mistura de dor e prazer que confunde meu corpo, eu pego tudo nele.

De novo e de novo.

Eu levo isso até que eu acho que ele vai me quebrar. Até que meu corpo me implore para fugir, mas mesmo assim ele não para. Ele é um homem brutal, com instintos brutais e eu não sei se ele vai ter piedade de mim novamente.

Eu mal estou sã, mal coerente quando sinto seu pau grosso pulsar dentro de mim. A cabeça do seu pau é pressionada profundamente dentro de mim, e eu nunca antes queria um momento para durar para sempre como eu faço agora. Sentindo o orgasmo mais intenso que eu já tive enquanto Carter geme meu nome e, em seguida, abaixa os lábios para beijar meu ombro.

Ele respira pesadamente enquanto coloca seu peito nas minhas costas, movendo uma mão para se preparar e a outra para segurar minha barriga, mantendo minha pele pressionada contra a dele.

O último beijo que ele me dá é longo, seus lábios no meu ombro. Como se ele não quisesse acabar.

"Eu me apaixonei pela ideia de você," ele sussurra depois de puxar o beijo para longe de mim. "Então eu me apaixonei por te foder." Há uma agonia gravada em suas palavras. Parece que ele está me dizendo adeus e só agora percebi isso.

"Carter," eu digo quando me viro em seus braços, ignorando a dor do cinto que ainda está presente, trazendo minhas mãos para os lados de sua mandíbula e tentando beijá-lo de volta, mas ele se afasta.

"Eu pensei que amava você." Cada pedaço do homem que traz terror a todos que o desafiam se foi. Há uma suavidade em seus olhos que me pede para aceitar tudo, curvar-me a ele e me curvar à sua vontade. Não importa o que seja.

Mas eu não posso. Não mais. Não depois do que aconteceu, e vi a verdade do que está por vir. E se isso significa que este é o fim...

Eu olho em seus olhos enquanto ele encara os meus, e posso sentir as palavras não ditas. Ou me submeto a ele ou sou sua inimiga.

"Eu amo você, Carter. Mas eu não serei mais seu passarinho. Não quando você escolheu ignorar a única coisa que eu preciso de você."

"Você quer que eu me renda e isso é algo que eu não posso fazer." Ele engole em seco, o tom duro em seu tom

tornando-se mais áspero. "Você está tornando impossível para nós estarmos juntos."

A tensão entre nós é muito real, tão espessa e tão sufocante. "Assim como você," digo a ele. "Eu te amo, mas vou entrar em guerra contra você." Minhas palavras são trêmulas quando elas saem dos meus lábios. "Eu ainda amo você, Carter. E ainda quero você." As últimas palavras saem apressadas e peço-lhe que acredite em mim.

"Eu vou matar todos os homens do exército que apoiam você, Aria. Eu vou destruir todos eles até que não haja mais motivo para lutar." Ele não menciona nada sobre amor. Apenas guerra.

"Eu vou morrer para protegê-los," digo-lhe a verdade. Eles são minha família. E eles me protegeram. "Eu tenho que fazer isso." Eu imploro a ele para entender.

Ele não esconde a dor que minha resposta lhe causa. E isso só faz meu próprio sofrimento crescer. "Onde está essa lealdade por mim? Pelos meus irmãos?"

"Eu nunca vou machucá-los ou a você." O pensamento deles morrendo nas mãos da minha própria família agarra meu coração em um aperto. Minha voz falha quando falo: "Eu só disse que protegeria a minha."

"Pequeno passarinho ingênuo... eu queria que você pudesse ver."

ARIA

Toda vez que faço o menor dos movimentos, a dor entre as minhas pernas consome meu corpo.

Eu odeio isso e amo isso. Eu amo o lembrete de que Carter veio por mim. Eu odeio que eu seja novamente confrontada com a realidade que não posso superar.

Eu tenho assistido as notícias e ouvindo os guardas. Eu sei que sangue já foi derramado. Ontem eu tive um vislumbre disso, mas eu não tinha certeza. Hoje Addison manteve a notícia e sei com certeza que a guerra começou.

Eu reconheço os nomes de alguns dos homens do exército do meu pai. Os soldados. Homens que se reuniram na minha cozinha tarde da noite. Homens que compartilharam o jantar com minha família de vez em quando.

Homens que foram gentis comigo.

Homens que cuidaram de mim quando meu pai não estava lá.

Homens que têm filhos e esposas.

E os nomes que eu não reconheço dos homens que vivem no lado leste do estado... Eu imagino que eles também têm famílias. Ou tinham. Antes disso acontecer.

Meu pai me fez ir ao funeral sempre que alguém morria. Sempre. Eu nunca senti falta de nenhum deles. Ele disse que eles eram da família e mereciam esse respeito. Por mais que eu odiasse meu pai e por mais que eu ache que não sou nada além de um aborrecimento para ele, ou talvez uma lembrança ruim da minha mãe, eu sempre respeitei os mortos e suas famílias.

Desta vez eu não vou conseguir, e por alguma razão isso me machuca mais do que eu acho que deveria.

Dois nomes que não surgiram são Nikolai e Mika.

O primeiro, um homem que amei de mais de uma maneira.

E o segundo, um homem que eu sonhei que iria me matar.

Neste mundo, há homens que são bons e há homens que são maus. Eu não serei convencida do contrário. Na guerra, os dois tipos de homens morrem. E ambos os tipos de homens povoam todos os exércitos.

"Como você está esta manhã?" A pergunta de Addison puxa meu olhar da cafeteira para ela. Eu queria ligá-la e nunca o fiz. Não consigo me concentrar em mais nada além da guerra.

Parece que ela não dormiu nada. Os círculos escuros sob os olhos dela são uma oferta inoperante. "Eu cheguei a verificar você na noite passada, mas você já estava dormindo."

Meus pulmões se agarram pensando como estou grata por ela não ter vindo enquanto Carter estava lá. Eu nunca me senti tão dilacerada na minha vida como na noite passada. É uma situação impossível.

"Sim, eu desmaiei." Eu ofereço a desculpa esfarrapada e parece falsa na minha língua sabendo que estou escondendo a verdade dela. Eu finalmente apertei o botão para ligar a máquina, mas depois tive que checar para ter certeza de que adicionei água. Eu fiz.

Todo o tempo, Addison vai para a geladeira como se fosse qualquer outra cozinha, sabendo que Eli a estocou na noite passada.

Eu quase digo a ela que Carter veio puramente por culpa, mas eu engulo minhas palavras. Ela não vai entender. Ela limpa a garganta e fala antes que eu possa confessar.

"Eu vi Daniel... foi o que me levou tanto tempo."

As lágrimas não derramadas brilham em seus olhos e ela bate a porta da geladeira antes de jogar a manteiga no balcão para que ela tenha as duas mãos livres para pressionar as palmas das mãos nos olhos. "Eu sinto muito."

"Você não tem razão para estar aqui. Fora todos os envolvidos, você não tem razão." Eu digo e desejo que ela pudesse entender como eu sou empática com ela. "Entendi. Deixe sair," eu digo a ela enquanto ponho minha mão em seu ombro e corro para frente e para trás para tentar acalmá-la.

"Eu simplesmente não posso acreditar que ele estaria bem com o jeito que Carter tratou você. Que ele não faria nada."

Eu solto um longo suspiro, entendendo porque ela está tão fortemente contra Daniel, mas odiando que eu seja uma parte dessa razão.

"Eu cheguei a um acordo com duas coisas," digo a ela, esperando que isso a ajude. "Uma, eu amo Carter mesmo que ele me odeie." A primeira confissão traz seus olhos para os meus. "Dois, não vou me sentar e não fazer nada. Eu nunca deixarei que ele faça algo que me machuque ou a minha família sem lutar com ele."

"Como você pode estar com ele, sabendo...?" Ela não termina, mas ela não precisa.

"Eu não sei como. Eu sinceramente não sei. E eu não sei se isso realmente importa." Eu inclino minhas costas contra o balcão e aperto por trás. "Eu não posso parar esta guerra. Eu não posso proteger todos. Não posso impedir que as pessoas que amo morram." Quando eu digo a última parte, minha mãe vem à mente e eu tento bloqueá-la. Eu já estou gasta com a emoção e tentando equilibrar o certo e o errado, o amor e a guerra, que qualquer menção a ela será minha ruína e não são nem dez horas da manhã.

"Esta vida é brutal," eu sussurro e, em seguida, limito minha garganta para enfrentar Addison novamente. "Mas é a minha vida. E quero estar no controle de minhas próprias decisões."

"Você sabe que ainda estamos trancadas, certo?" A julgar pela sugestão de um sorriso em seus lábios, suas palavras são destinadas a me fazer rir e elas fazem, um pequeno suspiro de risada.

Alcançando a manteiga e o conteúdo para deixar a conversa morrer, ela acrescenta: "Vamos comer antes de pensarmos em como vamos escapar."

"Eu posso ouvir vocês," uma voz diz atrás de nós e assusta a merda fora de mim. Eli está na porta, um sorriso nos lábios e se ele estivesse mais perto eu ficaria tentada a bater em seu rosto.

"Tenho certeza que todos vocês podem," eu respondo e olho em direção ao teto. "Eu não encontrei as câmeras ainda."

Ele não responde aos meus golpes enquanto vejo a cafeteira cuspir o último gole do meu vício em cafeína em uma caneca de cerâmica. Em vez disso, ele me diz: "Você tem uma mensagem."

Ele é tão alto, leva apenas quatro passos para ele fechar a brecha entre nós e me alcançar, segurando um pedaço de papel dobrado.

"Você leu?" Eu pergunto a ele antes de pegar o pequeno pedaço de pergaminho.

Seu olhar é duro e implacável quando ele responde: "Sim," puta com a falta de privacidade, eu facilmente pego o precioso pedaço de papel no balcão. Eu não tenho ideia de quem é,

mas continuo me movendo em volta do guarda para procurar por açúcar nos armários.

"Carter sabe?" Pergunto quando finalmente encontro. Eu fecho a porta lentamente, segurando a caixa de açúcar mais apertada do que deveria.

"Sim."

Eu aceno e então pergunto: "É dele?"

Eu ficaria surpresa se fosse, já que ele não tinha muito mais a dizer na noite passada, e Eli prova minha suposição correta com uma única palavra.

"Não."

Eu engulo a súbita pontada de ansiedade, imaginando de quem é e o que diz, mas não me atrevo a ver Eli.

"Você não tem que me odiar," diz ele enquanto eu continuo a andar em torno dele e Addison enquanto ela frita algo no fogão.

"Você não tem que ver," eu respondo a ele imediatamente.

Sem outra palavra, ele sai e me sinto culpada, embora saiba que não deveria.

"O que você está cozinhando?" Eu pergunto a Addison depois que ele saiu, olhando para o pedaço de papel sem abri-lo.

"Ovos, você quer um pouco?" Ela pergunta, espiando para mim e depois para o jornal. Estou surpresa que ela não pergunte sobre isso. Eu posso ver a pergunta nos olhos dela.

"Claro," eu respondo apenas para ser amigável. Eu não acho que eu poderia comer se eu tentasse, embora. Eu já estou doente do meu estômago.

"Como você gosta deles?" Ela pergunta antes de virar os seus na panela.

"Gemas moles, por favor, e obrigada," digo a ela, tentando manter minha voz otimista e esperando para abrir o bilhete quando ficar sozinha.

"Gema?" Addison faz uma careta. "Eca. Realmente não sei mais se podemos ser amigas." Ela só está brincando. Eu sei que ela está, mas o pensamento de perdê-la envia uma onda de náusea através de mim.

"Tudo bem," digo a ela com a voz mais brincalhona que consigo controlar, "vou comê-los como você quiser. Eu gosto de ovos, independente de como eles vierem." Eu minto. Eu sempre comi ovos com gema mole. Eu nem como ovos cozidos. Não posso justificar por que minto para ela ou por que estou tão nervosa e me sentindo tão sozinha. Mas eu faço e estou.

"Eu posso fazê-los como você quiser." Addison dá de ombros e depois acrescenta: "Gema mole é a maneira mais fácil de qualquer maneira. Só não gosto do sabor das gemas."

Sua resposta calma acalma os nervos que ainda correm através de mim, mas olho de novo para o bilhete e percebo quando seu olhar me segue até lá. Ainda assim, ela não faz perguntas e sinto que é um hábito dela.

Observo enquanto ela quebra dois ovos ao lado da panela e depois dá uma mordida do que há no prato do lado direito do fogão.

"Eu posso cozinhá-los se você quiser comer," eu ofereço, me sentindo culpada. Eu não posso agitar todos esses sentimentos horríveis correndo por mim.

"Eu gosto disso," Addison me diz e, em seguida, dá outra mordida. A frigideira chia enquanto a tensão corre pelos meus ombros e a nota olha de volta para mim.

"Posso te dizer outra coisa?" Addison me pergunta, raspando o garfo no prato em vez de olhar para mim. Quando eu não respondo, ela espia para mim e eu sou rápida em acenar com a cabeça.

"Eu gosto que eles estão aqui, de certa forma."

"Quem?" Eu pergunto a ela, sentindo minha testa enrugar com confusão.

"Eli e Cason." Ela não esconde a culpa em seu tom. "Eu sei que eles basicamente nos mantêm reféns, mas vendo todas aquelas pessoas na TV esta manhã..." Ela faz uma pausa e visivelmente engole. "Ouvindo a atualização sobre o número de mortos nesta guerra de gangues?" Ela revira os

olhos enquanto repete o que o repórter chamou. Olhando por cima do ombro para mim e, em seguida, pegando outro prato, ela me diz: "Pelo menos eu sei que estamos a salvo."

Eu só posso acenar e aceitar o prato. Eu estive 'segura' toda a minha vida. Não existe algo seguro, apenas a ilusão disso. Dizer isso para Addison não vai ajudá-la, embora.

Meu garfo embaralha os ovos ao redor do prato enquanto Addison observa, mas ela não diz nada sobre isso. Eu tento dar uma mordida e depois outra, mas é sem sabor e só faz a boca no meu estômago se sentir mais pesado.

"Você vai ler?" Ela me pergunta e depois inclina a cabeça na direção da nota.

Eu aceno uma vez e finalmente alcanço, mas depois que eu li, eu não digo a ela de quem é. Eu não digo a ela o que diz também.

Tudo o que sei é que Eli leu e não sei o que isso significa para mim.

ARIA,

Me encontre amanhã à noite. Eu só preciso te ver. Eu preciso saber que você está bem.

Encontre-me na loja de doces na Main Street. Você pode andar até lá. Eu estarei lá. Eu prometo.

Amanhã. Oito da noite.

Seu,

Nikolai

"Você está bem?" Ela me pergunta quando sinto o sangue escorrer do meu rosto.

O som do meu garfo abruptamente raspando contra o prato abafa a minha resposta para ela. Eu murmuro. "Eu só preciso de um segundo," enquanto passo por ela com a nota apertada na minha mão. Parece que estou traindo Carter ao ver Nikolai. Mas eu preciso. Eu tenho que ver ele. Eu tenho que saber que ele está bem.

Meus passos são deliberados enquanto ando o mais rápido que posso em direção à escada, com a intenção de procurar Eli. Eu não tenho que procurar longe. Ele está me esperando no topo da escada.

"Eli," falo o nome dele rapidamente, como se eu não conseguisse soltá-lo rápido o suficiente. A incerteza que estou sentindo faz minha pele formigar enquanto eu seguro a nota.

"Aria," ele diz meu nome de volta facilmente e como se nada estivesse errado.

"Você leu isso?" Pergunto a ele, embora ele já tenha me dito que sim.

Ele apenas acena com a cabeça.

"Você vai me impedir de vê-lo?" Pergunto a ele, a força na minha voz ameaçando desaparecer a qualquer momento.

"Depende."

"De que?" Eu pergunto a ele sem paciência alguma.

"Do que Carter vai me dizer para fazer," ele responde, e eu fico aqui indefesa na frente dele.

"Você vai matá-lo?" É o próximo pensamento lógico.

Ele hesita e eu imploro a ele: "Eu não vou fugir de você se você me deixar ir até ele. Eu preciso vê-lo."

Ele leva apenas um momento para responder: "Estou esperando para ouvir a decisão de Carter," e não posso mais conter minha frustração.

"Você vai em frente e espera. Minha decisão foi tomada." Eu sei que minhas palavras não significam nada para o grupo de soldados que me cercam. É uma falsa ameaça, mas terminei de jogar esses jogos em que sou uma donzela presa em uma torre.

"Antes de você se afastar," Eli começa com uma cara séria antes que eu possa virar as costas para ele e fazer exatamente o que ele achava que eu faria, fugir.

Ele segura um pacote e eu olho para ele com cautela, em vez de tomá-lo. "O que é isso?" Pergunto-lhe.

"Você não confia em mim agora?" Ele pergunta com uma sugestão de um sorriso assimétrico.

Eu não respondo. Isto não é um jogo para mim, é a minha vida.

"É de Carter." Ele segura para mim e eu finalmente aceito, me recuperando de emoções que nem posso começar a descrever.

"O que é isso?" Eu pergunto a ele, mas ele só encolhe os ombros. A caixa não é particularmente grande ou pequena, então nem posso começar a adivinhar o que ela contém.

"Diga a ele que quero ver Nikolai... por favor."

Com um breve aceno de cabeça, ele coloca as mãos atrás das costas e toma sua posição como se guardar as escadas fosse o que lhe disseram para fazer. E talvez fosse. Talvez Carter tenha pensado que eu desceria as escadas e sairia pela porta no momento em que recebi uma nota de Nikolai.

Eu não espero chegar ao quarto para abrir o pacote. Eu retiro a fita enquanto ando e abro a caixa.

Dentro há um telefone, simples e preto, e materiais de arte, um bloco de desenho e lápis de cor.

Essas são pequenas coisas, mas eu fico olhando para elas na cama por muito tempo em silêncio, desejando não ter

crescido neste mundo.

CARTER

Horas se passaram, mas ela não se moveu da cama. Ocasionalmente, ela abre o caderno de desenho, mas não desenha como antes.

Principalmente ela olha para o telefone, esperando que ele toque.

Ela está me esperando. Ela está esperando por minha mudança, mas não sei qual é a melhor ação a ser tomada.

Toda vez que meu telefone toca e recebo informações sobre onde estão os homens e para onde estão indo, minhas ordens são imediatas, confiantes e não devem ser questionadas. Todos os que estão no meu caminho irão cair.

Mas o que Aria quer... Sento-me no meu lugar, observando-a enquanto ela olha para o caderno em seu colo. Eu não sei quanto espaço dar a ela. Livre de sua gaiola, meu passarinho pode muito bem nunca voltar para mim, dado o que eu estou planejando fazer. E eu não posso ter isso. Aria é minha.

"Quantos homens Romano enviou lá?" Daniel pergunta enquanto entra no escritório sem avisar. Nenhuma batida que seja. Eu acho que algumas coisas não mudam.

Tomando uma respiração profunda que me estica as costas, eu respondo: "Quatro."

"E ele quer que nós mandemos uma dúzia?" Seu tom é incrédulo, mas eu tive a mesma reação e lhe dei um olhar que diz o mesmo.

Voltando minha atenção para Daniel, eu vejo seus olhos escuros e a barba áspera que está crescida em sua mandíbula. Ele ainda está na mesma camiseta que ele estava vestindo ontem também.

"Você dormiu?" Eu pergunto a ele, e ele balança a cabeça negativamente, mas ele leva a conversa de volta a questões de negócios. De volta a ocupar-se e acabar com a besteira que o impede de ter Addison de volta.

"Jett desceu ontem à noite para Carlisle. Ele disse esta manhã que contou pelo menos vinte e dois soldados Talvery que vieram e desceram o quarteirão."

"Isso é certo dentro da fronteira norte entre nós dois, não entre Romano e ele."

"Certo," ele me responde, mas eu não precisava que ele dissesse nada, eu só precisava de um momento para pensar.

"O resto das áreas é de alta densidade como essa?"

"Alta densidade?" Ele ecoa, não entendendo. Ele não voltou há muito tempo e ainda está se recuperando.

"Em vez de espalhar seus homens, ele os mantém pesados e agrupados em uma área? Ou esta é a única rua assim?" Cruzando meu tornozelo direito sobre meu joelho esquerdo,

eu me inclino para trás na cadeira e pego uma caneta para bater na mesa enquanto penso.

"É como a três quarteirões da divisão entre Romano e Talvery no lado leste superior. Bedford, acho que sim."

"Onde estão os outros?" Pergunto-lhe. "Eu quero uma contagem e paradeiro de seus homens em todos os momentos."

"Precisamos de mais olhos se quisermos essa informação. Jett não pode se mover se ele quiser pegá-los."

"Então pegue-os."

"A maioria dos nossos homens está cercando a casa segura..." Pela primeira vez desde o início desta conversa, ele abaixa a voz para confessar: "Eu não quero movê-los."

"Então, precisamos assumir um exército com apenas um punhado de homens."

"Homens habilidosos contratados para esse propósito expresso. Homens que estão esperando por isso há quanto tempo?" Daniel me lembra. A maioria dos homens que apanhamos veio conosco por um motivo. O ódio é um motivador melhor do que o medo e Talvery fez mais inimigos em suas décadas de reinado do que eu gostaria de dar crédito a ele. Enquanto ele envelhecia, ele ficou mais duro.

Eu não fui o primeiro garoto que ele espancou quase até a morte por ter lidado em seu território. Os outros tinham

famílias, famílias que sabiam exatamente quem era o responsável. Famílias que vieram até mim, sabendo que compartilhamos um inimigo comum.

Eu olho para o monitor, para o meu pássaro que está olhando para o nada e consumida por seu desamparo. Por uma fração de segundo, me pergunto se ela sabe tudo o que seu pai fez. Mas eu já sei que ela não sabe.

Daniel continua a conversa, empenhado em chegar a um plano. "Jett acha que poderíamos usar oito homens no total, dois em cada canto daquela rua e os outros quatro no outro lado para limpar a área."

"Oito homens, para assumir seus vinte?" Minha voz é plana, meu olhar fixo no dele, mas tudo que consigo ver é como isso vai diminuir. Como podemos tirar cada um deles.

"Romano deveria mandar quatro nos próximos dois dias para entrar, já que ele quer mortes limpas para evitar as notícias e ter que pagar mais policiais. Mas acho que devemos acertá-los amanhã à noite com os fuzis automáticos que acabamos de pegar nas docas.

Eu aceno com a cabeça em concordância. As mortes limpas levam mais tempo, tempo que eles usarão para reagir. "Por que esperar até amanhã?" Pergunto-lhe.

"É domingo," Daniel me lembra. Um bufo me deixa, um tanto sarcástico, um pouco patético. Existem regras nesse setor, se você pode chamar assim. Sem mulheres, sem filhos.

Dê paz nos funerais. E deixe os domingos para as famílias. Elas são sinais de respeito e limites. A única razão pela qual eles são mantidos é que às vezes os inimigos se tornam aliados e é facilmente justificável dizer que o inimigo sempre respeitava.

Eu conheço apenas um homem que desafiou as leis e minha pequena ave canora esfaqueou aquele filho da puta até a morte. Nenhuma alma o defendeu. E quem faria, quando sua morte, foi justificada por quebrar uma regra sagrada?

Bem, esse homem... e depois eu mesmo. Eu levei Aria de Talvery.

"Amanhã à noite então." Os olhos de Daniel brilham com o desafio de fazer isso.

"Jett pode ficar onde está e tirar qualquer um dos homens de Talvery que sobrevivem ao ataque. Precisamos que a polícia fique para trás por pelo menos oito horas. Em vez de entrar para ver quem ainda está respirando, deixamos os homens tentarem sair para ler a situação, e Jett vai pegá-los.

"Eles serão fáceis de pagar. Eu sei que o policial Harold os deterá por um minuto."

Daniel considera isso e depois oferece outro plano. "A alternativa seria usar explosivos. Mas a rua é uma boa localização e isso é uma bagunça que vai chamar muita atenção."

"Mate-os amanhã à noite com as automáticas. Pague a polícia por quatro horas e chegaremos à linha Talvery no norte como uma distração com o RDX, meu explosivo de escolha, cortesia da merda que Talvery nos fez passar. Dispare os explosivos lá ao mesmo tempo que a batida na rua de Carlisle. Deixe que eles se concentrem nos bombardeios enquanto destruímos a linha de frente deles."

Daniel concorda com a cabeça, relaxando na cadeira, embora seu pé não pare de bater no chão, demonstrando sua ansiedade.

"Quem está lá?" Eu pergunto a ele quando meus próprios escrúpulos se aproximam de mim.

"O que você quer dizer?"

"Dos homens de Talvery, quem...?" Faço uma pausa para engolir em seco e pergunto ao meu irmão: "Algum deles é da família de Aria?"

"O primo dela, Brett, vai pela padaria de manhã. Parece o ponto de encontro habitual deles. Ele está lá todas as manhãs nos últimos três dias, de acordo com Jett. Mas à noite não. Nada do sangue dela. O que ela considera família é discutível."

"Você pensaria que Talvery estaria saindo com força total contra Romano," eu respondo de volta em vez de entreter seus pensamentos sobre quem é a família de Aria.

"Ele foi até ontem. Ele levou os homens para Carlisle, para a nossa fronteira na noite após o jantar." Ele esclarece em que noite ele está se referindo quando eu lhe dou um olhar questionador. "Na noite em que matou Stephan e Romano passou a mensagem para ele. Então, ontem, algo mudou."

Eu fecho meus olhos lembrando daquela noite, lembrando do sentimento de orgulho e luxúria que eu tive por ela crescer naquela noite que ela acabou com a vida de Stephan. "Quando foi confirmado que tínhamos Aria."

"Sim, foi quando ele mudou mais de seus homens para o nosso lado."

"Então, agora ele está vindo atrás de nós?" Eu não posso ajudar quando eu sorrio, amando o desafio e o fluxo de adrenalina no meu sangue.

"Há números iguais de homens postados nas duas fronteiras. Mas se eu fosse ele, estaria atirando em você."

"Ele sabe que a deixamos matar Stephan."

"Talvez seja por isso que é igual e por que todos os seus homens não estão invadindo nosso território?"

"Um homem com dois inimigos, ambos apontando armas para ele, quem sabe o que ele está pensando?"

O tom de Daniel se torna sombrio. "Eu tenho que te dizer algo que você não vai gostar."

"E pensar que... você está interrompendo essa conversa agradável..."

"Olha quem está fazendo piadas agora."

"Talvez eu esteja aprendendo uma coisa com você."

"O que aconteceu ontem à noite que o levou a aproximar mais homens de nós?"

Eu pergunto ao meu irmão: "É isso que você tem para me dizer?" Bato a caneta contra a mesa enquanto penso em tudo que Romano me contou sobre seus planos de dizimá-los em apenas quatro dias.

Daniel se reposiciona e acena, mas seus olhos estão cheios de preocupação. "Romano e Talvery sabem onde estão as garotas." Ele visivelmente engole e acrescenta: "Eles nos seguiram."

Eu só aceno, não querendo reconhecer essa verdade. "Você tem certeza?" Eu pergunto a ele, sentindo a tensão aumentar nos meus ombros.

"Sim," ele responde com uma voz cansada, a inquietação de seu pé finalmente parando quando ele me pergunta: "O que fazemos com as mulheres?"

"Se elas não vierem de boa vontade... Eu quero a minha de volta na cela quando isso acabar."

A expressão de Daniel endurece. Sua decepção e raiva são evidentes. Eu não ligo para o que eu disse a ela, que

promessas eu fiz ou quão fodida é a posição que ela me colocou. Eu não me importo com nada disso. A possessividade se agita no meu sangue e eu me esforço para me conter, então me conto redirecionando Daniel. "O que você faz com a sua é problema seu."

"Você não pode fazer isso com ela." Daniel ousa me dizer o que posso fazer. "Você não pode trancá-la e esperar que ela não revide."

"Você está chateado, isso está afetando você e Addison, e eu sinto muito por isso, mas eu não vou deixar Aria se afastar de mim. Eu não vou permitir isso." A última frase mal é dita com os dentes cerrados enquanto meu ritmo cardíaco acelera e minhas mãos se fecham em punhos brancos.

"Você quer uma prisioneira ou uma parceira?" A pergunta de Daniel me pega desprevenido.

"Ela nunca vai me ver como seu parceiro. Eu sempre serei o inimigo." Eu falo a verdade que me enche de pavor. Esta guerra tem que acontecer. Eu vou matar o pai dela. E ela nunca vai me ver como nada além de um inimigo, uma vez feito.

"Não se você a tratar como parceira."

"Eu quero alguém que me quer de volta," confesso a ele. "Eu quero que ela me queira de volta, e isso nunca acontecerá uma vez que esta semana terminar."

"Você está tão cego pelo ódio que não vê" Daniel me diz como se eu fosse um idiota.

"Você e Addison são diferentes. Não olhe para mim como se estivéssemos na mesma situação. E você sabe que é verdade." Ele balança a cabeça, mas permanece em silêncio.

"Vou colocá-la de volta na cela, se for preciso," digo a ele com determinação, olhando para ele e para a porta fechada. Ela me quis uma vez e eu farei isso acontecer novamente. Ela aprenderá a perdoar.

"O que você está fazendo? Eu nunca vi você assim." A expressão de Daniel está preocupada, mas mais do que isso, simpática.

"Eu a amava," digo, e minha resposta é dura. Eu posso sentir meu controle escorregando novamente. Desliza tão facilmente com ela.

"E?" Ele me pergunta como se ele não entendesse. Como se não fosse óbvio que a mulher que eu amo é o inimigo. Mesmo quando todos eles estiverem mortos e eu a trouxer de volta, eu sempre serei o inimigo para ela e não há nada que eu possa fazer sobre isso. Nem uma maldita coisa.

"Você ainda a ama, então por que você faria isso com ela?"

"Eu não sei o que é amor."

"Você está sendo idiota e esse ‘eu não sei’ é uma besteira que não fica bem em você, Carter."

"Foda-se," eu vejo quando digo ao meu irmão. "Addison vai correr, e você vai seguir como um cachorrinho, mas ela vai voltar para você porque você não fez nada para ela. Aria..." Minha garganta fica mais apertada enquanto falo, ameaçando me estrangular se eu falar as palavras em voz alta. "Eu vou matar a família dela. Eu tranquei ela, eu a castiguei."

"O que vocês têm é diferente, mas é óbvio para ela que você a ama. Você verá."

"O amor não é suficiente às vezes. Eu não sei como você ficou preso em uma fantasia, Daniel. Eu vivo no mundo real, onde eu sou o vilão. Então, vá em frente e me diga que ela vai me amar depois disso. Continue dizendo a si mesmo isso também. Tudo o que ajuda você a dormir."

Daniel não responde. Um momento passa e depois outro antes queele se levantar abruptamente e me deixara sozinho.

No segundo em que a porta se fecha, volto para os monitores, concentrando-me neles enquanto meu sangue se forma e meu intestino começa a se agitar.

Meu corpo está tocando com raiva, desprezo e medo. Não sinto medo há tanto tempo. O verdadeiro medo ameaça me consumir com a real possibilidade de perdê-la.

Não se você a tratar como parceira. As palavras de Daniel ecoam na minha cabeça, mas como ele pode dizer isso quando sabe o que isso significa neste mundo em que habitamos?

Aria ainda está olhando para o telefone e, sem hesitar, eu pego o telefone na minha mesa e ligo para ela.

Ainda ontem, ela estava na minha mesa enquanto eu brincava com sua boceta e sua bunda, sabendo que a amava e pensando que me amava.

Um dia pode mudar tudo.

A linha toca apenas uma vez antes de responder, segurando o telefone com ambas as mãos.

"Olá?" Apenas o som de sua voz é reconfortante. Tudo nela é um bálsamo para a raiva ardente dentro de mim.

"Você me odeia?" Eu pergunto a ela, precisando saber.

"Você matou eles?"

Um sorriso triste chuta meus lábios enquanto toco as pontas dos meus dedos na tela. Eu posso vê-la engolir enquanto o silêncio se estica, eu posso vê-la começar a desmoronar quando eu não respondo imediatamente. E eu odeio isso. Eu odeio que isso é o que vai acontecer com ela.

"Não." No momento que eu falo a palavra, sua cabeça cai para frente e a ouço respirar fundo. "Mas você sabe que tem que acontecer," eu a lembro quando ela se senta mais ereta, ainda de pernas cruzadas na cama.

"Eu sei," ela responde. Observo enquanto ela pega o edredom e depois reajusta, mas estremece ao se mexer. Sem dúvida, os vergões do cinto estão causando sua dor. Eles mal

deixaram uma marca nela. Eu me segurei, mas mesmo assim, eu sei que ela ainda está sofrendo com isso.

Eu me esforço para respirar quando ela me pergunta: "Então, é inevitável que eu odeie você então?"

"Essa é sua escolha."

"Eu conheço alguns dos homens que já morreram," ela confessa com dor gravada em sua voz. Suas palavras são tão estranguladas e pouco dispostas a serem ditas que quase não a ouço. Leva-me um segundo e depois outro, os ponteiros do relógio marcando cada um deles.

Ela cobre a boca com a mão, puxando o telefone para um lado enquanto recupera a compostura, mas mantém a outra extremidade pressionada perto de sua orelha.

"Sempre há perda neste negócio," é tudo que posso dar a ela até que eu acrescente: "Sinto muito."

"Eu também sinto muito," ela me diz depois de um momento.

"Isto não é diferente do que antes quando os homens que estavam na frente de seu pai foram baleados, por assim dizer. Eles lutam por ele e morrem por ele. Tudo aconteceu antes."

"Eu vou te dizer uma coisa que talvez você não ache óbvio, Carter." Aria encontra sua força e me dá esperança até que ela fale. "Eu odiei os homens que os mataram antes. Eu só não tinha um rosto para associar com as mortes deles."

"Romano."

"O que?" Ela questiona e, mesmo em uma única palavra, sinto a esperança começar a surgir dentro de mim novamente.

"Dirija seu ódio a ele, não para mim." Talvez eu seja um covarde por me esconder atrás de Romano enquanto posso, mas ela não pode me odiar. Eu não sei o que vou me tornar se ela fizer.

Ela deita devagar na cama, muito devagar, e olha para o teto antes de perguntar: "Isso, não era você?"

"Eu não tive que fazer nada ainda, mas as coisas mudaram."

"O que mudou?" Ela pergunta imediatamente, mas sua voz é uniforme, desprovida de emoção. Eu posso ouvi-la engolir enquanto ela me pergunta: "O que exatamente mudou?" Ela embrulha o lençol de cima na mão distraidamente, esperando pela minha resposta.

Eu questiono dizer a ela por apenas um momento. Mas no final, eu decido dar a ela o que ela quer. Para tratá-la como uma parceira nisso.

"O número de homens do seu pai que se aproximaram da Carlisle Street."

"Onde é Carlisle?" Ela pergunta com a mão caindo de volta na cama, mas ainda segurando o lençol.

Por mais que ela gostaria de saber o que está acontecendo, ela tem muito a aprender.

"Uma rua acima de onde nossos territórios estão divididos, senhorita Talvery." Meu pau endurece quando falo com ela assim, como se estivesse negociando com o inimigo. Meu pequeno passarinho está fazendo o papel da rainha. E que rainha ela faria.

"Eu não gosto quando você me chama assim," ela diz baixinho, mas seus lábios se separam por muito tempo depois que a palavra é dita. Eu assisto na tela enquanto sua mão se move para sua barriga.

"Seu pai está se preparando para invadir e conquistar e ele está deixando isso óbvio."

"Ele está defendendo seu território." Ela é rápida em responder e eu acho sua lógica apropriada. O que me faz sentar mais para trás no meu lugar.

"Lembre-se de quem você é, Aria."

"Eu ainda estou descobrindo quem eu sou, Carter." O ar de dominância envolve-a como uma capa quando ela fala assim comigo, com apenas um sussurro de submissão. Quando ela se entrega a mim sem pretensão, só honestidade.

E aproveito esse momento para dizer-lhe exatamente quem ela é e sempre será. "Você é minha."

"Eu sou?" Sua voz está coberta de tristeza quando ela fecha os olhos.

"Sim," a palavra é praticamente assobiada quando me inclino mais perto da tela, desejando que eu estivesse lá com ela agora.

"E se eu deixar este lugar, se eu sair... para ver alguém?" Ela me pergunta, e eu sei exatamente do que ela está falando. "Eu ainda seria sua?" Meu pulso martela em meus ouvidos e eu mordo a resposta inicial e a próxima.

Eu lhe dou a única verdade que eu sei: "Você sempre será minha."

"Carter," a voz de Aria quebra e ela cobre os olhos com a mão enquanto fala. "Eu estou assustada."

"Você é corajosa," digo a ela, e ela solta uma risada sem graça do outro lado do telefone.

"Eu estou com medo de fracassar e nós dois ficaremos sem ninguém," ela me diz, enxugando os olhos e se posicionando na cama, mais uma vez estremecendo. Meu olhar flui para a mesa de cabeceira, onde deixei o bálsamo refrescante, ainda bem onde estava na noite passada.

Ignorando sua afirmação e recusando-se a pensar nessa possibilidade, eu lhe pergunto: "Você ainda está sofrendo por sua punição?"

Mais uma vez, recebo essa risada antes que ela responda: "Sim. Você deixou sua marca em mim, Sr. Cross."

"Não é a única marca que eu quero deixar em você, passarinho."

Eu a ouço respirar profundamente do outro lado e abaixo minha voz, esquecendo tudo, menos nós dois quando pergunto: "Você ama quando eu te chamo assim?"

Um segundo passa antes que ela sussurre: "Sim."

Mais uma vez, eu alcanço a tela, desejando que eu pudesse tocá-la agora. Mas eu não posso. Não quando eu sei que o inimigo pode vir a qualquer momento. Meus homens vão ficar com ela e protegê-la. Enquanto ela estiver segura, isso é tudo que importa.

"Você precisa usar o bálsamo que eu te dei," eu digo a ela e vejo sua reação.

Ela olha para ele, mas não se move. A tensão aumenta dentro de mim ignorando o pedido. Um pedido feito para ajudá-la.

"E se eu quiser sentir isso?" Ela me pergunta antes que eu possa repreendê-la, e a confusão me atravessa. "E se eu acho que mereço ainda sentir a dor e não quiser o bálsamo?" Sua voz racha um pouco, mas ela se mantém firme.

Minha pobre Aria. O peso de dois mundos conflitantes está apoiado em seus ombros. E as consequências são mais

pesadas do que qualquer pessoa poderia suportar.

"Você precisa se curar, então se você me desobedecer de novo," eu a provoco, "eu terei uma tela nova para trabalhar quando você fizer." Eu sinto que um sorriso cresce no meu rosto enquanto a tensão diminui com sua risada genuína. É suave, doce e tão feminina quanto Aria.

"Eu acho que não pensei nisso," diz ela antes de subir para a beira da cama e chutar a calça fina que ela está vestindo. Ela não está usando calcinha.

A realização me lembra que estou duro para ela.

Meu pau lateja quando ele pressiona meu zíper e eu quero me inclinar para trás, para me reajustar, mas me vejo inclinando-me para perto do monitor.

Segurando o telefone entre a orelha e o ombro, ela consegue pegar o bálsamo. Ela me pergunta: "Você pode me ver agora?"

"Sim."

Eu sou recompensado com um pequeno sorriso em seus lábios enquanto ela olha ao redor da sala, procurando por câmeras que ela não vai encontrar.

"Coloque o bálsamo para baixo, Aria," eu ordeno, sentindo meu pau se contorcer de necessidade. Eu vejo como ela me obedece, colocando de volta e fica de pé em nada, além de uma fina camiseta de algodão.

"Sim, Carter," ela sorri para o telefone.

"Coloque o telefone no alto-falante," eu digo a ela, mantendo a minha voz, mesmo assim ela não vai ter uma noção da minha profunda e pesada luxúria por ela. Ela faz o que eu digo, e no momento dou outro comando. "Vá para cama e fique de quatro como eu tive você na noite passada."

Com o ângulo da câmera, posso ver sua buceta facilmente. Eu posso até ver sua blusa enquanto ela está pendurada em sua cintura e seus mamilos rosados são obviamente visíveis. "Você é fodidamente perfeita," eu gemo profundamente em minha garganta enquanto eu abro minha calça e seguro meu pau, bombeando-o uma vez e depois novamente.

Engolindo em seco, vejo seus dedos se moverem para o sexo dela, e ela brilha com a excitação.

"Você gosta disso, Sr. Cross?" Ela me pergunta com a voz sensual de uma megera.

"Senhorita Talvery, eu amo isso." Eu empurro minha confissão através dos dentes cerrados. Enquanto eu acaricio-me, ela pressiona os dedos em sua boceta e quando ela faz, os olhos se fecham e bochecha empurra contra o travesseiro.

Seus lábios se separam e eu mal posso ouvir o doce gemido de prazer.

"Eu gostaria de poder empurrar meu pau em sua garganta agora," eu digo a ela com o vazamento de pré-gozo

da minha fenda. Eu esfrego sobre a cabeça do meu pau e arrepios de desejo percorrem minha espinha e direto através do meu corpo, fazendo meus dedos enrolarem.

Como a boa garota que ela é, ela me diz de volta: "Você me faria engasgar com isso. Eu adoro quando você faz isso." Suas palavras sujas fazem meu pau incrivelmente duro e eu sei que vou gozar.

"Foda-se mais rápido," eu ordeno, e ela imediatamente obedece. Empurrando seus pequenos dedos dentro e fora de sua boceta apertada. Suas costas se curvaram e seus quadris balançaram com o orgasmo iminente.

"Fique quieta e agarre sua bunda onde eu bati em você enquanto você goza para mim," eu digo a ela enquanto minhas bolas se aproximam. E ela faz. Com a cabeça pressionada no travesseiro, uma mão apertando as marcas na bunda dela e a outra fodendo a si mesma, ela goza violentamente, caindo para o lado e gritando meu nome.

O meu nome.

Eu me perco com ela, gozando na minha mão como um idiota do ensino médio e desejando que não houvesse nada que nos separasse. Desejando que vivêssemos em um mundo diferente.

ARIA

É uma estranha onda de emoção que flui através de mim. O medo e a ansiedade são mais facilmente descritos, mas há outros enredados em um nó na boca do meu estômago.

Carter fez tudo ir embora quando ele me disse para me tocar. Submeter-me a ele faz tudo ir embora e o sentimento dura muito tempo depois que ele desliga o telefone.

Enquanto saio do quarto, sabendo que estou fazendo algo que ele preferiria que eu não fizesse, a neblina e o conforto que vem de me submeter a ele se apagam. É uma consequência que aceito. Antes de terminar a nossa conversa, ele me disse que o que eu escolher esta noite depende de mim. Ele está me dando a escolha, e eu não vou desperdiçar isso.

Eu quero ser mais do que fui toda a minha vida.

Um toque de vergonha me toma enquanto penso que *quero ser uma mulher que possa ficar ao lado de Carter.* É vergonhoso porque isso não é para Carter. Esta reunião não é para o meu pai.

Este encontro com Nikolai não é para ele.

É para mim.

Meu coração bate no meu peito, assim como a adrenalina no meu sangue. Hoje à noite, vou viver de acordo com o meu

nome. Ser Aria Talvery, filha de um cruel lorde do crime. E uma mulher de pé entre dois homens em guerra.

Meu pai queria que eu ficasse de bom grado no meu quarto. Meu amante queria que eu ficasse de bom grado trancada em sua casa.

Eu ficarei e irei onde quero depois desta noite até ver o meu fim. Não importa se isso significa que vou perder os dois homens.

Mesmo que o prazer que Carter me deu apenas uma hora atrás ainda esteja correndo em minhas veias.

Eu posso ouvir Addison fazendo algo na cozinha e hesito em entrar para vê-la. Eu não disse nada a ela e parece que estou mentindo para ela, mantendo esses segredos dela.

Quando entro para dizer a ela que vou sair, o micro-ondas emite um bipe e o cheiro de sopa de macarrão de galinha enche meus pulmões. Comida de conforto, mesmo que não haja conforto aqui.

O ar é fácil entre nós, mas sei que não vai durar quando ela se virar e me ver. Eu tenho lutado para saber se devo ou não contar a ela desde que recebi o recado. Eu quero me apoiar nela, confiar nela, mas também quero salvá-la desse horror que se desencadeia dentro de mim.

Eu não sei o que fazer. Eu honestamente não tenho ideia do que fazer, mas sei que se ela me perguntar, vou contar a ela sobre tudo. E eu nunca vou mentir para ela.

"Jantar?" Eu pergunto a ela quando ela abre a porta, não espiando atrás dela para me responder. Eu gostaria que ela estivesse. Eu gostaria de poder terminar essa parte.

"Você quer?" Ela pergunta baixinho, desprovida da alegria que eu antecipo dela. Eu vejo quando ela coloca a tigela para baixo depois de remover a toalha de papel que cobre a parte de cima e estragar tudo. É quando ela finalmente olha para mim.

"Você está bem?" Eu faço uma pergunta primeiro, mas ela ignora, perguntando por si mesma.

"Onde você vai?" A voz de Addison está cheia de sono. "Você está se encontrando com Carter?" O vinco profundo no centro de sua testa é evidência suficiente de sua preocupação, mas ela rapidamente bate as mãos e coloca uma em cada quadril enquanto seu peito se eleva. O ato realmente me faz sorrir e facilita alguns dos nervos borbulhando dentro do meu peito.

Eu a amo e sua proteção. Eu gostaria de poder me esconder nela.

"Eu tenho uma reunião com outra pessoa," eu digo a ela e sinto o desconforto ficar maior na minha garganta e trazendo o verdadeiro medo com isso quando ela me pergunta: "Carter sabe?"

"Sim," eu respondo a ela em um único suspiro instável.

Deslocando seu peso de um pé para o outro, ela não responde, e eu vejo como a luta nela diminui. Eu posso ler as perguntas no rosto dela, mas ela escolhe não perguntar nenhuma delas. As duas maiores são “quem?” e “por que?” Eu era tão parecida com ela uma vez na minha vida.

"Eu ficarei bem." Eu posso pelo menos dar a ela isso para aliviar suas preocupações, embora pareça que não vou ficar bem. Parece que estou arriscando tudo e as consequências serão severas. Eu já sei de tudo, ponderei todos os riscos e pensei em cada resultado.

Mas tenho que fazer isso. "Eu tenho que tentar algo para parar tudo isso." Eu dou-lhe um pouco mais, insinuando o que estou fazendo, mas ela não faz perguntas adicionais.

"Você me surpreende," admite Addison, seus lábios se transformaram em uma carranca, embora eu não saiba porquê.

"O que há de errado?" Eu pergunto, ignorando o óbvio e sentindo meu coração tentar subir na minha garganta. Eu cautelosamente me aproximo, não querendo machucá-la ou deixá-la sentindo que ela é tudo, exceto minha amiga, minha melhor amiga.

Eu tenho que apertar minhas mãos juntas na minha frente para evitar estender a mão para ela, mas isso não importa, porque ela estende a mão para mim primeiro. Escovando a mão contra o meu antebraço, ela me dá um sorriso hesitante.

"Você lida com tudo muito melhor do que eu, e eu só..." Enquanto ela se afasta, seu tom diz tudo. *Ela se sente fraca.*

Não suporto a reação dela e espremo seus pensamentos o mais rápido que posso. "Eu não lido bem. Eu mal consigo lidar com isso." Eu tento brincar com ela, mas não funciona. Ela respira fundo, instável, e então olha de volta para a tigela de sopa.

"Daniel me pediu para perdoá-lo ontem."

A mudança repentina de assunto me assusta e não sei se ela está chateada comigo ou não. Eu pergunto em um quase sussurro: "O que você disse?"

"Eu disse que não sabia como podia. Que quando me apaixonei por ele, ele era um homem diferente."

"Eu sinto muito," eu digo a ela enquanto pego sua mão.

Ela está engasgada e eu acho contagiante quando ela olha para o gabinete mais alto e fala com ele, ao invés de mim para evitar chorar. "Ele disse que sou boa em mentir para mim mesma, mas que está tudo bem e que ele ainda me ama." Ela funga, enxugando os olhos, embora as lágrimas ainda não tenham caído. "Você pode acreditar nas bolas que ele tem?" Seus lábios se contorcem em um sorriso triste, mas não fica muito tempo quando ela cede às lágrimas.

"Eu sinto falta dele," ela chora baixinho no meu ombro e se agarra a mim. Eu sou rápida em segurá-la com força, abraçando-a enquanto ela quebra. Porra dói vê-la assim. Se

eu pudesse voltar atrás, evitaria que ela soubesse a verdade. Eu gostaria que ela nunca tivesse visto o que aconteceu. Eu gostaria que ela nunca tivesse espreitado este mundo que eu não posso escapar.

Ela se afasta depois de apenas alguns segundos, sacudindo as mãos e indo embora, mas depois volta. Seu desconforto aparece quando ela anda como eu, mas em círculos muito menores.

"Eu me sinto louca," ela resmunga e funga novamente.

"Os meninos Cross são bons em fazer as mulheres que amam ficarem loucas," eu respondo em um tom inexpressivo com um sorriso fraco. Leva um minuto para ela me olhar nos olhos, e quando ela faz, ela não aceita o humor na minha resposta.

"Eu juro que não sabia as coisas que eles fazem. Mas ele me disse que sempre foi um homem mau e que isso nunca o impediu de me amar. Ou a mim de amá-lo antes."

Eu esfrego o braço dela, sentindo que é tudo culpa minha e me odiando por isso. Eu gostaria de poder voltar atrás se eu pudesse. Há tanto que eu mudaria...

"Eu quero sair com ele, mas ele não vai deixar seus irmãos e eu não acho que eu poderia pedir a ele para fazer isso, mas juntos eles viverão assim... regrando assim."

"Ele não é um homem mau, Addie." Eu não sei onde ela está indo com isso, mas eu me recuso a deixar que ela se

concentre em algo que nunca vai mudar. "E o que eles fazem... eles fazem porque precisam." Eu engulo a dor das palavras, sabendo que eu tive que engasgar com essa desculpa enquanto vivi.

"Como podemos viver assim, sabendo o que eles fazem? Do que eles são capazes?"

"Nós nos lembramos porque eles são do jeito que são. E nós lhes damos o amor de que precisam, contanto que nos devolvam." Eu olho em seus olhos, significando cada palavra.

"Eu sei que eles precisam de amor. Eles precisam desesperadamente serem amados." Lágrimas picam meus próprios olhos quando ela olha para longe de mim, mas vejo pela expressão dela que ela sabe que é verdade. Não há nada no mundo que negue essa verdade.

Addison enxuga os olhos com as mangas da blusa do pijama. Ela está vestida para dormir, exausta e lidando com o peso de amar um homem do mundo em que cresci. Parte de mim está com ciúmes dela, uma parte muito pequena, mas está lá. "Ele ama você, Addie." Eu sussurro para ela, apertando a mão dela.

Ela aperta a minha de volta e, em seguida, deixa a mão cair para o lado dela. "Eu sei, mas se aceito, não sou melhor do que ele. E nunca ficarei bem com o que Carter fez com você. Eu não me importo se você está."

"Carter e Daniel são homens diferentes." Minha resposta é mais dura do que eu queria, e eu tento amenizá-la acrescentando: "E eu conheço a razão de Carter, Addie." Eu tento dizer mais, mas as palavras não saem. Não posso contar a ela sobre o que meu pai fez e o que Carter acha que ouviu. Se eu lhe dissesse isso, a próxima coisa lógica a dizer seria que não era eu que ele ouvia. A voz que ele ouviu, que lhe deu forças para continuar vivendo, não me pertencia.

Meu coração cai dolorosamente no meu peito ao pensar no meu segredo, fazendo-me sentir doente mais uma vez.

"Quando você está me deixando?" Addie pergunta, mudando de assunto novamente e voltando ao balcão para pegar uma colher da gaveta. O metal bate contra a cerâmica enquanto ela mexe a sopa. "Uma reunião secreta no meio da noite?" Ela tenta adicionar um senso de brincadeira na repreensão, mas não sai forte o suficiente.

Enquanto eu respondo, ela leva a colher aos lábios, sopra a sopa e engole.

"Não é tão secreto, e eu volto em breve."

"Devo perguntar do que se trata?"

Eu não sei o que dizer a ela, e lembro de todas as vezes que fiquei curiosa, mas com muito medo de perguntar. Eu gostaria que alguém tirasse meu medo de mim e me contasse mais sobre o mundo em que eu estava vivendo. Isso é o que

me ajuda a dizer a ela: "Estou encontrando um amigo com quem cresci e que é um dos homens do meu pai."

Seu rosto empalidece enquanto ela olha para a porta da cozinha. Talvez ela espere encontrar Eli lá, eu não sei, mas então ela sussurra: "Você deveria estar fazendo isso?"

Seus olhos me imploram para ser sincera e então eu a respondo honestamente, colocando uma mão em seu ombro e não ousando desviar meu olhar do dela enquanto digo: "Eu deveria ter feito isso mais cedo."

"E se ele tentar te levar de volta?" A nota crua de medo em sua voz significa mais para mim do que eu poderia dizer a ela.

Eu sacudo minha cabeça. "Eli vem comigo e Carter sabe disso. Eu não vou te deixar, Addison. Eu prometo. Ele não deixaria isso acontecer."

"Então, vocês dois...?" Ela não termina a pergunta.

"Estamos... conversando, mas ainda não está tudo bem," eu respondo devagar.

"Por que ir então?" Ela pergunta, e sei que ela vai entender meu raciocínio.

"Ele é meu amigo e vai morrer ou vai ajudar a matar o homem que eu amo." Lágrimas transbordam, mas eu as seguro de volta. É a verdade dolorosa e sei que preciso mudar isso. "Se eu não fizer alguma coisa, esses são os únicos dois resultados."

"Você está..." Addie olha em qualquer lugar, menos para mim, até que ela reúne seus pensamentos e finalmente faz uma pergunta que eu não sei a resposta. "O que quer que você diga a ele, ou pergunte a ele... ele vai ouvir você?"

Cason surge à vista da porta que ela estava olhando. "Eu não sei," eu respondo com um sorriso fraco, embora eu olhe de volta para Cason. Algo bate duro no meu peito, sabendo que Nikolai sempre tentou manter as coisas longe de mim. Ele acha que isso me protege, mas agora sei que ele está errado.

O olhar de Addison segue o meu e o tilintar de sua colher contra a tigela enquanto ela coloca seus pratos na pia marca a finalidade de nossa discussão. "Fique segura," ela me diz baixinho enquanto sai.

"Você também," eu digo a ela e ouço o som dela recuando pelo corredor até os quartos enquanto Cason entra na cozinha. Sua calça jeans está suja, coberta de lama dos joelhos para baixo.

Ele estava fazendo alguma coisa... e só posso imaginar que envolvesse uma pá e uma cova rasa.

"Eu ouvi que você pode estar saindo." Cason começa a falar no momento em que Addie sai da cozinha. Eu me pergunto se ela parou no corredor, prendendo a respiração e permanecendo tão quieta quanto pode para que ela possa ouvir.

Eu fiz isso mais vezes do que posso contar.

"Eu estou." Minha resposta é dura quando olho Cason nos olhos. "Agora, na verdade."

"Você tem certeza que deseja fazer isso?" Ele me questiona. O homem é quase 30 centímetros mais alto que eu, com ombros largos e braços que são uma oferta inoperante que ele gasta muito tempo no ginásio.

"Você é o músculo." Eu ignoro sua pergunta e pergunto a ele. "Você não é?"

Ele inclina a cabeça, considerando-me.

"Vocês tem um certo olhar em você," eu explico enquanto ando pela cozinha e vou para a sala de estar. É uma casa moderna com uma planta de conceito aberto, então ele não tem problema em me ver enquanto cruza os braços e se encosta na parede.

"A cicatriz em seu queixo, as tatuagens em seus dedos, provavelmente onde eles estão com cicatrizes também," eu falo com ele como a visão de homens que meu pai se referia como o músculo, invade a minha memória. Eles vinham para a casa de vez em quando, com grandes envelopes cheios de dinheiro que eles deixavam para ele. Por mais educados que fossem para mim, eu sabia o que eles faziam.

Eles batem a merda fora de homens que não pagam. Meu olhar se dirige para a lama nas canelas de Cason... e eles enterraram os homens que não aprenderam a lição rápido o suficiente.

Vestindo meus sapatos, sapatilhas de couro, olho para Cason e pergunto: "Você também tem cicatrizes de buracos de balas?"

Seus olhos ainda estão me avaliando enquanto o silêncio se prolonga. Nem parece que ele está respirando enquanto eu estou de pé e volto para ele. Há um fone de ouvido preto fosco na orelha direita, e me pergunto se Carter está ouvindo. Eu me pergunto se Carter está pedindo que ele me pare porque ele não tem coragem de fazer isso sozinho.

Farta de Cason me forçando a falar comigo mesma, digo a ele: "São três quarteirões abaixo, e Eli está me acompanhando. Obrigada por sua preocupação."

Enquanto eu ando em direção à escada, olhando para o relógio no fogão para ter certeza de que estou no horário, Cason decide andar na minha frente, seu grande peito se tornando inflexível e firme como uma parede de tijolos.

"Peço-lhe que reconsidere," ele me diz com uma voz que vem do fundo de sua garganta. Elevando-se sobre mim, ele é um homem que cria medo. E isso mexe no meu sangue, me alertando para recuar e simplesmente sobreviver ao encontro. Olho-o nos olhos e digo-lhe calmamente com uma sugestão de sorriso e um olhar estreito: "Veja, eu sabia que você era o músculo." Internamente, sinto que estou prestes a engasgar com uma bola de pânico.

Eu olho em seus olhos escuros, encontrando seu olhar e me recusando a recuar. Não este segundo, e não o próximo.

Nunca.

"Eu vou," eu digo a ele com finalidade e força que eu não sinto em nenhum outro lugar.

"Como quiser." Sua resposta é acompanhada por um olhar de decepção. Apertando a mandíbula, ele move o olhar de volta para a cozinha.

Meu corpo afunda e eu suspiro quando Cason vira de costas para mim para descer as escadas primeiro. A sensação de arrepios em cada centímetro da minha pele é algo que eu senti antes e eu odeio isso. Isso sempre virá. Aqueles que são maiores, mais assustadores e mantêm um ar de escuridão ao redor deles sempre trarão meu instinto de sobrevivência para correr. Mas eles morrem como o resto de nós.

Eu só espreito as costas de Cason quando o ouço quando ele agarra sua orelha. Eu posso ouvir o berro que vem dele de onde estou.

"Aria," Cason começa a falar antes de se virar completamente para mim. "Por favor, me perdoe por tentar intimidar você." Ele engasga com suas palavras como se tivesse pavor de errar e o olhar em seus olhos não poderia estar mais longe do olhar que me deu arrepios apenas momentos atrás.

"Eu te perdoo," eu respondo devagar, questionando minha própria resposta e querendo saber o que diabos acabou de acontecer. A questão permanece em minhas palavras quando

chegam ao ouvido dele. Ou melhor, o fone de ouvido que ainda está cheio de gritos de alguém do outro lado. Um enfurecido Carter, naturalmente. Meus lábios ameaçam puxar um sorriso quando ouço sua voz, mas eu o contenho enquanto Cason continua.

"Suas decisões são suas e não tenho absolutamente nenhum direito de interferir. Eu estou aqui apenas para te proteger."

É como se ele estivesse falando um juramento. Seu olhar é genuinamente cheio de remorso e me pergunto o que ele realmente pensa de mim. Eu não pensei nisso até este momento.

"Eu nunca vou virar as costas para você de novo," ele me diz com as duas mãos cruzadas na frente dele, desculpando-se. Ele até abaixa a cabeça um pouco, curvando os ombros para encontrar o meu olhar ao nível dos olhos. "Você gostaria que eu te levasse para Eli?"

"Não há necessidade..." A voz de Eli me assusta e tenho vergonha por pular para trás. O sorriso de Eli é perverso como se ele estivesse orgulhoso de mim. Com minha mão no meu peito e minhas costas contra a parede, ele me passa uma jaqueta jeans branca.

"Você me assustou," digo-lhe ao mesmo tempo que exalo. Meu coração ainda parece que está prestes a saltar do meu peito.

"Eu sei" Diz ele, sorrindo como um gato Cheshire antes de retomar sua postura dominante normal.

"Carter queria que eu desse isso a você, no caso de você precisar disso," ele me diz, e eu arranco-o dele. Ele combina com a minha roupa, que eu gosto e não gosto nessa situação. Eu quero perguntar onde estão as câmeras. Eu quero questionar os dois homens e exigir que eles me contem tudo o que Carter diz, mas eu não quero revelar o quão pouco eu sei. Não para eles.

"Idiota," eu murmuro quando eu me endireito e fico firme. Cason solta uma gargalhada e a tensão entre nós três alivia um pouco. Mas apenas por um momento.

"Eu sinto muito, Aria," Cason me diz enquanto eu coloco a jaqueta sobre o meu antebraço. "Eu tenho opiniões fortes e sei que preciso mantê-las para mim e sinto muito" ele divaga um pouco, mas seu tom é genuíno, e seus olhos verdes brilham com remorso.

"Eu entendo," digo a ele. "Eu sei o que a guerra significa e o que isso significa." Eu olho nos seus olhos enquanto respondo e nenhum de nós hesita, não até que Eli fale.

"Você está pronta para se encontrar com o inimigo?" Eli me pergunta, e eu não posso olhar para nenhum deles quando respondo: "Estou."

Do canto do meu olho, vejo o sorriso minguar em seu rosto, mas Eli me cutuca com o ombro antes de sair na

frente.

"Seja inteligente, Aria," Cason avisa quando meus pequenos passos ecoam no foyer. Meu pulso acelerado aumenta ainda mais e tenho que andar um pouco mais rápido para acompanhar Eli.

Não parecia real até agora.

Os grilos estão em silêncio esta noite e o céu está iluminado com tantas estrelas. Mais estrelas do que eu já vi em Fallbrook.

"Quanto tempo até estarmos lá?" Eu pergunto a Eli, respirando o ar fresco da noite fria de verão e ignorando a agitação na boca do meu estômago. A ansiedade adormece minhas mãos e eu aperto e abro-as antes de decidir dar de ombros e enfiar minhas mãos nos bolsos.

Dando uma olhada à minha esquerda e direita, esta rua não é mais do que casas. Eu mal me lembro disso da viagem. A próxima rua é onde as casas estão agrupadas e há algo na esquina, uma igreja ou uma loja de bebidas, talvez as duas coisas. Não me lembro.

"Não demorou muito, ele já está esperando," Eli me conta, mas a brincadeira, a facilidade da escadaria são praticamente esquecidas.

Ele olha para mim enquanto eu mantenho meu ritmo firme com o dele, dando passos largos com mais frequência, já que ele é mais alto do que eu. O som de um carro subindo

pela próxima rua o faz parar e ele estende o braço, impedindo-me de sair para a rua e me aproximando da cerca de tijolos da casa à minha esquerda. Um momento passa e o som do carro diminui. As vozes do mesmo fone que Cason estava usando me fazem olhar para Eli. Não consigo ouvir o que estão dizendo, mas sei que ele está recebendo informações sobre algo.

O pavor e o pânico se misturam, fazendo minhas pernas parecerem fracas. Eli olha para a casa, para o segundo andar e espera, em seguida, um som se insinua em seu ouvido e ele acena com a cabeça.

O aceno não foi para mim e quando Eli olha para mim e sorri educadamente, nós dois sabemos disso.

"É claro, senhorita..." Ele para e limpa a garganta, em seguida, diz: "Aria."

O medo ainda está lá, fazendo minhas mãos úmidas e fazendo minha garganta apertar.

"Eu estava esperando que você não fizesse isso," Eli me diz e continua a olhar para a frente, mesmo quando eu olho para ele, querendo que ele me olhe nos olhos.

Desde que ele não olha para mim, eu olho para frente também. "Se você pensou que eu iria deitar e deixar isso continuar sem tentar parar, você estava errado."

"Não há como parar isso."

"Eu fiquei parada antes e não fiz nada enquanto assistia a família morrer," eu falo baixinho e engulo o nó que se forma na minha garganta quando penso em minha mãe. Depois de um momento para me recompor, digo a Eli: "Não vou fazer de novo."

CARTER

Eu odeio estar neste escritório. Assistindo câmeras e esperando. Eu não sinto falta da pressa de estar nas ruas, mas eu odeio não estar ao lado dos homens que estão arriscando suas vidas por mim agora. Sem o primeiro movimento feito deste lado, os vazamentos e informações não são confiáveis.

Estou esperando. A adrenalina compete dentro de mim com o ódio e raiva reprimida. E aqui eu sento. Esperando.

"Carter." A voz de Jase atravessa a porta fechada. Eu não saí desde que Daniel bateu mais cedo e é só agora que eu lembro da nossa luta. Meus irmãos entram e saem do meu escritório, estou acostumado com eles indo e vindo. E aparentemente esquecendo conversas passadas para lidar com negócios.

"Entre," eu chamo para ele, e instantaneamente a porta se abre.

"O Red Room, o estoque na sala dos fundos se foi, e o filho da puta que invadiu a noite passada para roubá-lo foi encontrado de bruços no rio esta manhã." As palavras de Jase saem como um ataque quando ele caminha para a cadeira em frente a mim, segurando a parte de trás dela e olhando para mim esperando por respostas.

Todo dia, isso é o que eu faço. Recebo informações e movo peças de xadrez. É assim que os impérios verdadeiros são construídos. O derramamento de sangue é quase a conquista de um cavaleiro. Algum pobre tolo morre, então os homens com poder fazem um simples movimento, sabendo que mais estão por vir e que há mais jogo a ser jogado.

"Os policiais têm alguma ideia de quem fez isso?" Eu pergunto a ele, trazendo meu polegar para o queixo e correndo o bloco ao longo do restolho lá. Eu preciso fazer a barba. Jase e eu somos mais parecidos do que eu gostaria de admitir. O movimento de ida e volta me mantém focado em Jase e essa merda.

Jase fala em fogo rápido, me dando todos os detalhes de sua conversa com o oficial Harold. Não há pistas sobre um suspeito, nenhum vestígio dele em qualquer câmera da cidade, uma vez que ele sai da borda da cidade e se dirige para a floresta na beira de Jersey. No entanto, ele é encontrado morto no rio ao lado de sua casa horas depois.

"Não faz sentido," eu respondo para Jase, encontrando seu olhar enquanto ele se abaixa para a cadeira em frente à minha do outro lado da minha mesa. Seu polegar bate no braço enquanto ele balança a cabeça.

"Alguém está fodendo com a gente. Deixando-nos saber que eles podem roubar de nós, matar em nosso território, e eles podem fugir com isso."

"Marcus," eu digo o nome sem pensar. "Ele é o único homem que já foi capaz de fugir com essa merda."

"E só porque ele é um fantasma fodido sem rosto." Ele respira calmamente antes de acrescentar: "Apenas um olhar em uma fita e nós temos a bunda dele."

"Quantas décadas agora ele se livrou disso? Qualquer território, qualquer cabeça que ele queira cortar?"

"Por que foder com a gente, embora? Por que nós?" Ele se inclina para frente, mostrando a raiva em sua voz e sua postura.

"Daniel se virou para ele primeiro, culpando-o pelo que aconteceu com Addison sem provas." Em vez de ceder à raiva de ter o produto roubado de nós e da oportunidade de justiça arrancada de minhas mãos, considero tudo logicamente. É como isso precisa ser tratado. Com nada além de controle de coração frio.

"Eu não sei... Se ele armou para Addison..." Os pensamentos de Jase ficam inacabados, mas eu sei o que ele está pensando. Se Marcus está atrás de nós, é apenas uma questão de tempo antes de descobrirmos o que ele realmente quer.

E se ele foi atrás de Addison, ele não vai parar até que ele tenha ela.

"As câmeras e os homens têm a casa de segurança totalmente sob vigilância?" Eu questiono o Jase, embora seja

mais um lembrete para mim mesmo. Ele balança a cabeça com o polegar roçando o lábio.

"Sim, não tem como ele entrar sem que saibamos."

"E quem sabe?" Pergunto-lhe enquanto as peças caem uma a uma no quebra-cabeça de como lidar com isso.

"Quem sabe o que?" Ele pede para esclarecer, uma sobrancelha levantando.

"Quem sabe que alguém roubou de nós e depois eles apareceram mortos?"

"Jared e dois de seus homens. Os homens no nosso bolso na estação querem saber o que fazer, eles não perguntaram diretamente, mas eles acham que foi nosso sucesso no filho da puta."

"Bom." Minha resposta rápida em uma voz endurecida surpreende meu irmão. Ele deveria saber melhor agora. "Diga a Jared que eu segurei o pau que entrou. Diga à polícia que estamos agradecidos por sua cooperação e os pagamos." Os olhos de Jase se arregalam e um olhar de indignação só aparece por um momento. Mas assim que chega, sai.

"Então, ninguém acha que não temos isso sob controle?" Ele supõe.

"Exatamente."

"Mas nós não temos."

"É sobre percepção, Jase. Um momento do que poderia parecer fraqueza e nossos aliados se tornam inimigos. Os homens que temos debaixo do polegar acham que podem se soltar e dar um tiro de volta."

"O que eu faço para descobrir quem fez essa merda?"

"Coloque Declan nisso. Ele precisa passar por imagens do sistema de segurança na casa ao redor do rio, começando na casa da porra do morto. Não podemos confiar na vigilância da cidade."

Quando Jase assente, ele se acomoda na cadeira. Ninguém rouba de nós ou fode com a gente. Até mesmo Marcus não ousaria. Eu nunca pensei que fosse ele quando se tratava de Addison. Daniel veio com essa merda porque não tinha mais ninguém para culpar.

"Eu vou deixar Declan saber," ele me diz, ainda balançando a cabeça em concordância.

"Você não vai me dizer uma coisa e depois se virar e dizer aos nossos homens algo mais, vai?" Deixei as palavras escaparem com a minha decepção e um traço de animosidade evidente no meu tom.

"Não faça essa merda," ele morde de volta, balançando a cabeça. "Diga-me que não fiz a coisa certa, e peço desculpas."

O grande relógio marca continuamente o fundo enquanto meu aperto no braço aumenta e um tique nos espasmos da minha mandíbula.

"Você estava... em um estado onde eu acho que você concordaria que eu precisava intervir." Ele levanta as mãos rapidamente enquanto meu olhar se estreita e a temperatura do meu sangue aumenta. "Foi uma noite difícil, e eu nunca teria entrado em cena se o que aconteceu não fosse *exatamente* como aconteceu."

Minhas unhas cravam nos braços de couro enquanto tento conter minha raiva, mesmo quando meu irmão está sentado lá como se estivéssemos apenas tendo uma conversa casual como se ele não fosse uma ameaça para mim.

"Eu não vou fazer isso de novo," ele me diz facilmente, e depois limpa a garganta. "Eu não queria..." Ele para e olha para a esquerda, para a caixa ainda no chão e fora do lugar. "Eu só..." Ele olha de volta para mim e eu posso ler a sinceridade em seu rosto, "eu não quero que ela te odeie."

Leva um momento para ele conter a incerteza e a dor em sua expressão. A cada segundo, a cada batida do relógio, a verdade do que ele diz acaba com o ressentimento que sinto pelo que ele fez. "Você esteve com raiva de mim antes. Eu sei que você vai superar isso. Esta não é a primeira vez que eu cruzei a linha e não será a última. Mas eu amo você, como meu irmão e meu amigo, e eu não queria que ela te odiasse. Eu sei que você a ama."

Eu não vejo Jase assim há anos. Não desde o último funeral que ele foi. E no segundo que sua confissão acabou,

ele começa uma nova conversa, nunca me dando a chance de responder.

"Eu não vim aqui para incomodá-lo com essa merda."

Minha garganta está seca e eu pego atrás de mim dois copos e uísque antes de perguntar: "Que merda você veio me incomodar então?"

"Sobre a reunião de Aria com Nikolai."

"Eu sei que ela decidiu ir. Falei com Eli quando eles foram."

"Ela já foi?" Ele pergunta, balançando a cabeça. "O que ele vai dizer a ela?"

"Não importa," eu digo para pôr fim a sua besteira. "Eu a deixei ir. Ela queria ir com ele." Eu sirvo o uísque no meu copo antes de me servir mais e, em seguida, derramar três dedos em seu copo e oferecê-lo a ele.

Ele pega, mas não bebe.

"Quantos homens ele levou?" Ele me pergunta.

"Só ele," eu digo a ele, e ele deixa um sorriso se espalhar em seu rosto em resposta.

"Ele pode ser jovem, mas nem eu sou tão burro assim."

"Eu sei porque ele fez isso." Mesmo que eu perceba que estou falando com Jase, falo distraidamente, sabendo porquê

Nikolai foi sozinho e o que ele negociou apenas para ela conseguir o bilhete. "Ele está desesperado."

"Ele tem um desejo de morte," Jase fala, e eu movo minha atenção dele para a tela.

"Eu disse a Eli para deixá-la tomar a decisão. Se ela quiser ir até ele, deixe-a... e ela o fez."

"Seria fácil simplesmente trancar a porta e vir até mim..." Jase balança a cabeça e toma o primeiro gole de seu uísque.

"Eu quero ver o que ela vai fazer." Cada gota de mim quer controlá-la. Para exigir que ela se comporte exatamente como eu quero. Mesmo quando eu olhei para o monitor a meia hora atrás no computador, olhando para ela enquanto ela pegava uma blusa de seda que eu comprei, com a intenção de usá-la para ele, a vontade de chegar até ela mais rápido do que ela podia entrar naquele quarto corria através da minha mente. Para mantê-la lá, se eu não conseguisse convencê-la do contrário.

"Você tem certeza de que tem certeza?" Jase me pergunta novamente. Eu deveria ficar com raiva porque está se tornando um hábito ele me questionar, mas eu sei que ele está pensando no que eu estou pensando, que ela vai escolhê-lo novamente.

Com um baque doloroso no meu peito que entorpece meu corpo, eu respondo: "Sim. Ela já está lá, esperando."

"Esperando pelo quê?"

"Para eu dizer a Eli para deixá-la entrar."

"Você não vai estar lá?" Ele me pergunta com um olhar de completa descrença.

Colocando minhas palmas na mesa e me inclinando para frente para que ele possa entender exatamente por que eu não estou lá, pergunto a ele: "Você acha que seria útil se ele estivesse na minha presença agora?" Meu queixo endurece e não posso evitar quando digo a ele: "Isto é para ela." Porra dói admitir: "Ela não iria me querer lá." Ele está balançando a cabeça e eu dou de ombros.

Eu digo a Jase: "Ela não está em perigo. A única coisa que pode acontecer é se ela..."

"Se ela o escolher e tentar fugir." Jase termina meus pensamentos e eu aceno uma vez, trazendo minha atenção de volta para os monitores. Jase parece estar pensando no que dizer em seguida, então fico em silêncio.

"Eli vai matá-lo se ele tentar?" Concordo novamente com a sua pergunta e lanço de volta o meu segundo copo de uísque.

"Eu só tenho que dar a Eli o sinal verde para deixá-la entrar," eu admito para ele enquanto eu olho para a tela sabendo que eu estou dando a ela o que ela quer, mas não sabendo como isso vai nos afetar e eu não posso porra aguentar.

No momento em que ele a toca, vejo a reação dela.

Eu nunca vou perdoá-la se ela o escolher ao invés de mim.

ARIA

Eu lembro da primeira vez que vi Nikolai. Nós éramos apenas crianças. Seu pai trabalhou para meu pai até que ele foi morto.

A casa funerária sempre tinha as flores mais bonitas, e era para isso que eu olhava sempre que íamos lá, todas as lindas flores. Mas naquele dia, deixei-me ver o menino ao lado do caixão.

Eu nunca gostei de olhar para as pessoas lá. Eles sempre choravam, e isso me dava vontade de chorar, mas eu não tinha permissão. Nós éramos Talverys e não podíamos chorar, por mais que eu quisesse.

O menino estava chorando. Ele era mais alto que eu e em um terno preto que não se encaixava direito, porque ele era alto demais para isso. Seus tornozelos estavam nus, embora seus sapatos pretos fossem novos.

Ele parecia tão bravo quando ele olhou para o caixão, enxugando as lágrimas como se elas não fossem nada além de um incômodo.

Eu nunca quis falar com ninguém, não como minha mãe e meu pai. Eu nunca quis dar a ninguém um abraço ou sequer estar perto de qualquer um deles. Especialmente os que sorriam e riam de funerais. Eu não entendi e fiquei com raiva de ver as pessoas rindo quando deveriam estar de luto.

Eu não aprendi até anos depois que todo mundo chora de maneira diferente. Aparentemente, meu mecanismo de enfrentamento é a solidão.

E Nikolai era raiva.

Lembro-me de como hesitava em tocar seu ombro e perguntar: "Você está bem?"

Ele foi a primeira pessoa com quem eu já conversei nos muitos funerais que participei neste momento. Quando ele olhou para mim, quando ele olhou por cima do ombro para me responder, ele tinha um olhar de pura raiva, talvez até desgosto, mas então ele me viu, e isso suavizou. Não apenas suavizou, sua expressão se encolheu. O garoto mostrou sua alma para mim e eu vi a dor e a solidão. Ele não falou, ele apenas balançou a cabeça. Mas depois tentei abraçá-lo e ele me deixou.

Meu pai o contratou para fazer coletas, embora ele tivesse apenas quatorze anos. Ele disse que o menino precisava de uma distração e eu estava feliz por vê-lo toda semana.

E então minha mãe morreu. E senti a dor, a solidão que me implorava para me esconder e me isolar. Mas Nikolai se recusou a me deixar ficar sozinha. Ele me prometeu que ficaria comigo. Ele foi a primeira pessoa que disse que estava tudo bem chorar e ele me segurou enquanto eu fazia.

Desde aquele dia, éramos inseparáveis.

Ele era meu único amigo. Meu único amante. E a única pessoa em quem confiei neste mundo além da minha mãe.

A porta do quarto dos fundos de uma loja de doces a três quadras ao norte da casa segura é tudo o que fica entre Nikolai e eu. Meus dedos continuam beliscando e torcendo os punhos da jaqueta jeans. No fundo de mim, o medo que eles machucaram Nikolai é muito real. Que ele está algemado a uma cadeira e à beira da morte é provável. Eu já vi isso antes. Tantas vezes.

"Ele está bem, certo?" Eu pergunto baixinho, não escondendo meu medo enquanto olho para Eli. Ele me considera por um longo momento antes de acenar com a cabeça e cada fração de segundo que passa aumenta minha ansiedade.

"Obrigada," eu sussurro minha gratidão, embora eu não tenha certeza se acredito inteiramente nele e olho para a porta com os ombros retos como se fosse abrir a qualquer momento.

"Você pode entrar agora," Eli me diz por trás e eu alcanço a maçaneta, mas ele me para, segurando meu antebraço e me dizendo: "Deixe-me."

Assentindo, espero com a respiração suspensa que a porta se abra. Está em dobradiças enferrujadas e guincham com o movimento da pesada porta se abrindo.

"Aria," Nik suspira o meu nome antes mesmo de eu vê-lo, e sua voz é abafada pelo som de pernas de cadeira de metal raspando contra o chão de concreto enquanto ele se afasta de uma pequena mesa de cartas no centro da sala estéril. Mal sabendo que Eli está observando e que há outros dois homens na sala também assistindo, eu corro para ele, encontrando-o no meio do caminho e me agarrando a ele.

Eu não me importo neste momento. Eles podem assistir e julgar.

Tudo o que posso ver quando o seguro é a arma que toca a parte de trás de sua cabeça e não consigo tirar isso da cabeça. Enterrando meu rosto em seu peito duro, sinto muito alívio, alívio injustificado, mas está lá.

Nikolai me segura ainda mais forte. Como se ele soltasse o seu aperto em mim, eu vou embora para sempre.

Eu inalo uma respiração profunda e firme enquanto ele sussurra: "Graças a Deus."

"Nik," eu mal respiro o nome dele quando tento segurar a minha compostura. "Nik," eu continuo dizendo o nome dele, mas não posso evitar. *Ele está bem*, eu digo a mim mesma mais e mais quando ele se afasta um pouco para olhar para mim antes de me abraçar contra o peito.

"Eu senti tanto a sua falta," ele sussurra contra o meu cabelo, e eu posso sentir sua respiração quente todo o caminho até o meu ombro.

"Como você me achou?" Eu pergunto a ele e recuo para olhar para ele. A visão do seu rosto destrói a minha compostura. Contusões fracas e um lábio partido são evidências deixadas para trás a partir de dias atrás.

É só então que ele me libera, olhando entre mim e Eli e depois para a mesa. "Sente-se comigo?" Ele pergunta como se houvesse alguma chance de eu negar, e é a primeira vez que posso sorrir. É um sorriso triste, do tipo que vem com uma dor que todos os outros podem sentir.

"É claro," eu mal consigo pronunciar as palavras e tenho que limpar minha garganta. Escovando meu cabelo para trás e respirando profundamente para me equilibrar, digo a ele: "Estou tão feliz em ver você." Minhas próximas palavras saem apressadas. "Estou feliz que você esteja bem."

"Eu também," ele responde, mas sua voz está encoberta de tristeza e ele não para de olhar em cima de cada centímetro de mim. "Você está bem?" Ele me pergunta e depois atravessa a mesa para pegar minha mão. Sua é grande e quente, facilmente diminuindo minha mão. Mãos que seguraram as minhas desde que me lembro.

Eu aceno, engolindo o nó na garganta e não querendo contar a ele ou a qualquer outra pessoa tudo o que aconteceu. "Como você me achou?" Repito a minha pergunta e tento lembrar tudo o que eu queria dizer a ele.

"Eu fiz o que eu tinha que fazer." Sua resposta é curta, mas ele não para de esfregar círculos suaves na palma da

minha mão. Isso me conforta como ele nunca saberá. Ele fez a mesma coisa toda a minha vida. Toda tragédia, toda mágoa. É uma coisa tão simples, mas com aquele toque gentil, posso respirar, sentindo que tudo está bem, mesmo quando sei que não.

"Meu pai sabe?"

"Sim, ele..." A voz de Nik fica mais tensa quando ele engole o que ele vai dizer. "Ele sabe."

"O que é isso? "Eu pergunto a ele, e não escondo a urgência em minha voz quando eu exijo: "Conte-me tudo."

"Nós temos olhos em Carter. E eu sei..." Ele se esforça para manter uma cara séria, sua força falhando. "Eu sei o que ele fez com você," diz Nik com uma doença no final das palavras. "Eu sinto muito, Aria." Ele quebra na minha frente, cobrindo os olhos por um momento e se desculpando repetidamente.

"Pare com isso." Meu comando sai mais duro do que eu planejei e eu quase arranco minha mão dele. Eu não serei um caso de caridade por simpatia.

"Eu juro que vou matá-lo." Sua expressão endurece e seus olhos se tornam afiados. "Eu vou fazê-lo pagar pelo que ele fez com você." Eu posso ver Eli mudar seu peso com o canto do meu olho e meu pulso acelera, batendo nas minhas têmporas, a adrenalina bombeando mais e mais.

"Não, você não vai," digo-lhe em voz baixa, agarrando a mão dele com as minhas. Espero que ele possa ler a mensagem em meus olhos dizendo-lhe para calar a boca. Nik é impetuoso e imprudente, mas ele não pode ser tão estúpido a ponto de dizer esse tipo de coisa agora. "Pare com isso." Eu o aviso.

"Depois do que ele fez com você?" Ele me questiona, franzindo a testa.

"Você não sabe o que ele fez." É tudo que posso dizer a ele, querendo negar qualquer uma das acusações que ele poderia me dar, mesmo que sejam verdade.

Eu sei que minha expressão é uma mistura de preocupação e tristeza, mas não posso evitar. Eu não posso controlar as emoções no meu rosto. Não com o Nikolai.

"Eu sei o suficiente. Eu vou matá-lo por isso," Nik repete sua ameaça, a raiva chegando com força total e eu me sinto tonta com indignação.

"Eu nunca vou te perdoar," eu sussurro as palavras, sentindo a dor sentar contra as minhas costelas, gravando em meus ossos e corroendo a alma que me resta.

"O que você tem?" Nik ergue a voz com incredulidade e se afasta de mim, suas mãos empurrando contra a borda da mesa frágil e avançando para perto de mim. Ele está respirando pesadamente enquanto sua compostura se desintegra. "Ele vai pagar pelo que fez!"

"Eu não vim aqui para falar sobre isso," eu digo e me esforço para olhar Nik nos olhos. Tardiamente me lembro do que Carter me contou sobre os homens em Carlisle e o que eu planejava dizer.

"Somos família," Nik me lembra, seu tom deplorável, seu olhar cobrindo cada centímetro do meu rosto e não fica firme no mínimo. Ele está perdendo isso. "Eu protegerei você!" Ele declara, e aproveito esse momento para ganhar o controle da conversa.

"Então mova os homens em Carlisle," eu digo a ele rapidamente, olhando em seus olhos, embora minhas palavras tropeçam uma na outra. Movendo minhas mãos para o meu colo, eu resisto à vontade de me mexer e endireito minhas costas. "A guerra é entre meu pai e Romano. Romano é quem me levou."

A expressão de Nik é dolorosa quando ele diz: "Isso não é uma negociação, Aria."

Ele olha para Eli, mas apenas por um momento antes de ceder e derramar os planos que meu pai pôs em ação. Ele mal considera reter a informação e algo não parece certo sobre isso.

"Os homens no relvado de Romano são engodos. Ele está deixando eles morrerem e se preparando para atacar o território de Cross."

Eu me preocupo com meu lábio inferior entre os dentes e me esforço para respirar, mas de alguma forma consigo dizer a ele: "Mude de ideia."

"Não depois do que Cross fez com você."

Eu gostaria que ele pudesse entender. Eu queria que ele sentisse como eu. Eu não posso falhar. Eu não vou viver para ver os homens que eu amo matarem uns aos outros. Eu não vou fazer isso!

"Então crie uma razão. Faça Mika subir para... para..." Estou esquecendo o nome da rua que divide os territórios. Já os ouvi tantas vezes antes, mas raramente saía de casa. Quando o fiz, nunca andei muito e os nomes das ruas não significam nada para mim.

Chicoteando meu olhar para Eli, eu levanto a minha voz e digo: "Me ajude!" Eu olho para ele como se ele estivesse falhando comigo porque ele está. Eles estão todos falhando comigo, e esta é uma causa perdida. "A rua onde o território Romano encontra o território de Talvery."

"Bedford." A resposta de Eli vem facilmente. Ele não está abalado nem um pouco e eu recolho minha compostura, empurrando meu cabelo para fora do meu rosto e encarando a mesa de aço até que eu possa falar com calma.

"Bedford, mova-os para Bedford." Eu imploro para Nik, mantendo a cadência da minha voz suave e uniforme. "Por favor." Eu imploro a ele, desesperada para que ele entenda.

"Você acha que vai parar esta guerra entre Talvery e Cross?" Ele me pergunta com um ar de ridículo. "Os homens com quem você está lidando não são homens que têm misericórdia, Aria." Nikolai fala comigo como se eu não os conhecesse e isso me irrita.

Eu sei em primeira mão o quão cruel eles são.

"Eu não estou pedindo por misericórdia, Nik. Estou pedindo por bom senso." Eu praticamente cuspo as últimas palavras. Eu me inclino para trás na cadeira, mantendo um pulso equilibrado na borda da mesa. "Se eles morrerem, é porque você falhou."

"Falhei em quê?" Ele me pergunta. "Tomar conta de um exército que eu não controlo?"

"Nós temos controle. É fácil assumir o controle," digo palavras que meu pai me disse uma vez. Ele disse que eu precisava ser mais dura, que eu precisava exercer meu nome e autoridade. Eu nunca imaginei que eu iria seguir o seu conselho.

"Envie Mika para Bedford, ele está no topo da cadeia como você. Ninguém ficaria surpreso se ele morresse lá, então tenha certeza que ele vai, Nikolai," eu endureci minha voz, lembrando do meu ódio absoluto por Mika e toda a merda do mal que ele fez. "Você sabe que ele merece muito menos que uma morte honrosa. Levem-no para lá com uma falsa pretensão, atire-o na parte de trás da cabeça e acabe com ele. " Estou quase abalada pelo veneno no meu tom, pela

meticulosidade com que estou planejando assassinato e interferindo na guerra. "Diga ao meu pai que era Romano e que você tem que retaliar. Faça isso hoje à noite."

"Mika está morto." Leva um momento para compreender o que Nikolai disse antes de acrescentar: "Seu pai o matou."

Um coquetel de incredulidade e angústia se mistura no meu sangue. "O que? O que aconteceu?" Minhas perguntas me deixam em um só fôlego, já que estou com muito medo de falar mais alto. Como se isso mudasse a verdade do que aconteceu.

Nikolai olha para Eli antes de se inclinar para frente e falar em voz baixa. "Seu pai achou que você fugiu ou que você estava morta. Ele passou pelas fitas e Mika foi a última pessoa a falar com você."

Com uma respiração profunda, seus olhos vagam de mim para Eli novamente antes que ele volte sua atenção para mim. "Ele perguntou a Mika por que ele estava lá e o que ele disse que te deixou tão chateada."

"E?" Eu o questiono, minha voz não é tão baixa quanto a de Nik, mas não importa. Eu sei que Eli pode ouvir. Eu sei que todos podem ouvir.

"Mika não respondeu rápido o suficiente. Seu pai atirou na cabeça dele na frente de todos."

"Oh meu Deus." Meu coração bombeia o sangue friamente em minhas veias enquanto imagino a cena e me preocupo

com o que meu pai está pensando e tudo pelo que ele passou.

"Eu não vou perder o sono com Mika, mas seu pai está perdendo, Aria."

Meu peito parece que está desmoronando, e eu me esforço para agarrar cada pedaço de raiva que tenho em relação ao meu pai desde que estou aqui.

"Ele não veio para mim." Eu mal posso falar as palavras.

"Assim que ele descobriu onde você estava, ele fez. *Nós* fizemos."

Um momento passa e depois outro. Eu senti tanta dor e raiva dentro de mim ao pensar que meu pai não se importava. Porra. Eu gostaria de saber mais. Estou perdendo esse jogo. Cada peão que eu acho que posso capturar já foi tirado antes de dar o primeiro lance.

"Ele não vai mover esses homens ou se segurar contra Cross, Aria. Ele quer justiça." Ele acrescenta com firmeza e com uma convicção que envia um arrepio na espinha: "Todos nós queremos."

"Isso não é justiça. É uma morte sem sentido." Eu olho nos olhos de Nik, querendo que ele me entenda.

"Você merece justiça, Aria."

"Estou bem, Nikolai. Carter não fez nada para mim que eu não quisesse."

Descrença marca suas características consideráveis. "Você não está pensando direito," diz ele e, lentamente, um olhar de simpatia substitui qualquer indício de raiva. "Aria, por favor venha comigo."

"Eu não posso deixar isso acontecer." Eli é rápido para se aproximar de nós, e eu sou rápida em empurrar minha mão contra seu estômago e dizer-lhe para recuar. Eli observa minha expressão antes de acenar com a cabeça e voltar ao lugar. Eu não sei o que ele viu no meu rosto naquele momento, mas ele nunca saberá o quanto eu precisava dele para ficar do meu lado.

"Eu não vou sair, Nik, e você precisa encontrar uma maneira de mover os homens. Encontre um jeito," eu imploro a ele, mas nenhuma palavra está chegando a ele.

"Eu não vou deixar você ficar aqui," diz Nikolai, em seguida, coloca os dois punhos na mesa, respirando mais pesado e olhando para Eli.

"Eu não vou deixar você fazer isso. Não vou deixar você escolher ficar com um homem que te machucou."

"É escolha minha." Eu não defendo o que Carter fez. Mas eu sempre vou me defender e minha habilidade de controlar meu destino, agora e até o dia que eu morrer. "Eu *finalmente* tenho uma escolha," digo-lhe com uma voz endurecida, vendo meu amigo pela primeira vez como meu inimigo.

"É assim que você chama?" Ele me questiona.

"Eu posso me esconder. Eu posso correr. Ou, eu posso saber que tenho inimigos e estar preparada para o que eles vão fazer comigo," eu digo a ele olhando em seus olhos e não recuando. Meus ombros tremem com a pura adrenalina e mal posso me conter. "Eu não quero que você seja um inimigo."

"Aria," ele suspira o meu nome com agonia. "Eu nunca serei seu inimigo."

"Então entenda que eu não vou deixá-lo." Eu questiono dizer a ele toda a verdade enquanto ele olha no meu olhar. Não quero saber o que ele pensa, mas preciso que ele saiba. "Eu o amo, Nikolai."

"Você está doente," ele me diz com nada além de tristeza em seu olhar quebrado. "Eu não vou deixar você ir assim." Sua voz me pede para entender, mas sei que não há raciocínio com ele. Assim como não há raciocínio comigo.

"Talvez eu esteja doente," eu toco junto com ele e em algum lugar no fundo da minha alma, eu até concordo. "Mas eu não estava doente o tempo todo? Escondendo-me no meu quarto e com medo de tudo." A defesa na minha voz não é nada comparada à raiva que sinto ao lembrar como minha vida costumava ser patética. A vida pode ser uma palavra gentil demais para descrever o que eu tinha antes de Carter me levar.

"É por isso que eu tentei salvar você," Nik me diz e pega a minha mão, mas eu me afasto. Seus dedos roçando os meus parecem um fogo que queima profundamente no osso.

Os cordões em sua garganta apertam enquanto ele observa o espaço entre nós crescer e ele confessa: "Eu queria que você fosse livre. Você merece viver uma vida melhor que essa."

Suas palavras soam em meus ouvidos e ecoam repetidamente. Isso preenche o vazio nas fendas do meu peito. *Ele tentou me salvar?*

"Você o que?" Eu suspiro a pergunta.

Tudo fica mais lento quando ele responde, com uma expressão de vergonha no rosto. "Isso," ele faz um gesto com as mãos, "isso é tudo culpa minha." Ele luta para me olhar nos olhos quando me diz: "Eu sabia que você acharia que era Mika. Eu queria você fora, então você poderia correr, mas Cross mentiu para mim."

Meu coração bate em câmera lenta. Então, lentamente, o mundo se inclina em seu eixo e me sinto tonta. Eu tenho que segurar a mesa para ficar em pé.

"Ele disse que iria te tirar daqui. Ele me prometeu que salvaria você. Ele porra mentiu para mim e eu me apaixonei pela ideia!" Ele contém seu ressentimento quando eu não respondo, e se inclina para frente me implorando para entender: "Tudo que eu sempre quis foi que você se libertasse disso. Eu não vou deixar isso te arruinar. Você merece muito melhor que isso."

Eu não posso falar. Eu não posso me mexer. Eu não posso nem respirar enquanto me seguro na mesa para me manter de pé.

"Aria?" Eli chama meu nome, mas não olho para ele. Eu não olho para Nikolai quando ele me pede para perdoá-lo. Tudo o que posso fazer é olhar para um arranhão na mesa de aço e tentar manter minha sanidade.

"Você era meu amigo," eu sussurro enquanto as lágrimas picam meus olhos. Isso tudo aconteceu por causa dele. Por causa da única pessoa que eu tive na vida. A única pessoa em quem achei que poderia confiar plenamente.

"Eu te amo, Aria, e você precisava fugir." A palavra fugir faz meus lábios se contorcerem. *Fugir. Isso é o quão pouco ele pensa de mim. Para ele, sou apenas uma garota assustada que precisa ser salva. Uma garota que deveria correr, não uma digna de ficar e lutar.*

Deixando meu olhar encontrar o dele, eu olho em seus suaves olhos azuis e sussurro: "Você não sabe mais quem eu sou."

"Você é inocente nisso. Você é inocente demais para esta vida."

"Nada sobre mim é inocente, Nikolai. É só o que todos *pensam* de mim."

"Você sabe que não é..." Nik tenta recuar, mas eu o interrompo. Estou cansada de ser a garotinha assustada. Eu

me recuso a ser vista como tal.

"Eu nunca soube que tinha uma escolha até ser tirada de mim. Não deixarei ninguém pegar de volta."

"Eu posso fazer isso direito, Aria," Nik alcança minha mão novamente, deixando a palma da mão sobre a mesa. E tomo isso de bom grado porque ainda o amo, mesmo que ele tenha feito todas as escolhas erradas e não veja. Eu ainda o amo. Ele pode não saber como eu mudei, mas o garoto dentro dele é o mesmo. Meu amigo está olhando para mim. Eu sei disso.

Esfrego golpes suaves nas costas da mão dele enquanto olho nos olhos dele, deixando minha raiva ir e sabendo que ele nunca vai concordar comigo. Minha voz está rouca e sussurro: "Estou bem, Nikolai."

"Você não está. Eu posso te ver claramente, Aria. Eu sempre pude." Sua voz me implora para ouvir, e eu ouço, eu simplesmente não concordo.

"Eu gostaria de ser um homem melhor, então eu poderia te salvar. Eu tentei," ele me diz mesmo que ele olhe para mim com desapontamento e arrependimento igual em sua expressão. "Eu tentei."

Meu coração sente dores por ele. Ele nunca vai entender, e eu não sei o que isso significa para nós, mas sei que essa reunião foi inútil para esta guerra.

"Tente mover os homens em Carlisle. Eu posso me salvar." Minha resposta chama sua atenção e ele me lança um sorriso

indiferente, mas de um amigo para um amigo. Aquele que aquece o frio que passa por mim.

"Você não está fazendo um bom trabalho nisso, Ria." Ele usa o mesmo apelido que minha mãe tinha para mim e quebra o muro de força que eu estava segurando.

"Faz tanto tempo desde que alguém me chamou assim," eu digo a ele com um sorriso que combina com o dele.

"Eu sempre vou amar você," ele me diz e aperta minha mão com mais força. Ele sussurra: "Sempre, Ria," antes de beijar meu pulso. Um movimento que faz Eli mudar sua postura mais uma vez.

Seu sorriso morre antes do meu. "Eu nunca vou me perdoar se algo acontecer com você." Diz ele, e sua voz está embargada. "Eu não posso fazer nada agora, mas eu prometo que vou fazer isso direito, mesmo que você me odeie por isso."

"Eu gostaria que você apenas me escutasse," eu digo a ele quando a porta se abre atrás de mim. As dobradiças enferrujadas fazem isso sem virar minha cabeça para ver.

"Eu vou fazer isso direito," diz Nikolai apressadamente enquanto dois homens andam ao redor da mesa em ambos os lados de mim e o levam embora. Eu tenho que segurar a borda do meu assento para não tentar alcançá-lo. Meu coração se despedaça, sem saber quando vou vê-lo novamente e sentindo como se tivesse falhado miseravelmente.

"Não seja idiota, Nikolai," eu chamo atrás dele.

Ele espreita por cima do ombro para mim com um sorriso que eu reconheço e um que traz lágrimas para picar a parte de trás dos meus olhos. "Eu vou tentar não ser, Ria."

"Você vai deixá-lo ir?" Eu pergunto a Eli rapidamente e com um desespero que é óbvio.

Ele não hesita em responder: "Desde que ele não faça nada estúpido."

Eu só posso acenar com a cabeça, não confiando em mim para falar, sabendo muito bem que Nikolai faria coisas tolas para me salvar.

A porta se fecha e Eli me diz que estamos esperando por um momento, mas eu mal ouço quando penso em tudo que foi revelado nos últimos trinta minutos.

Eu nunca pensei muito em quem eu queria ser quando crescesse. Eu só sabia do que estava fugindo.

Eu não queria casar com alguém que meu pai aprovasse, como Mika. Eu nunca quis isso, e pensei que, se ficasse quieta e escutasse, meu pai não o casaria comigo, pois alguns dos sussurros que eu ouvira sugeriam essa possibilidade.

Eu não queria ser a razão pela qual o homem por quem eu me apaixonei morreu. Essa é a razão exata pela qual Nikolai e eu terminamos o que tínhamos. Quando meu pai começou a me observar de perto, quando ele me perguntou se alguém havia me tocado porque ele os mataria se tivessem, eu neguei.

E quando ele encurralou Nikolai e perguntou a ele, Nikolai disse ao meu pai o que ele queria ouvir, que não éramos mais do que amigos, mas ele honraria o pedido do meu pai para me deixar em paz.

Eu sabia que não queria ficar sozinha. Eu não queria fugir. E assim, sentei-me no meu quarto, silenciosamente escondendo tudo o que sabia que não queria, mas nunca pensei no que queria. Eu nunca persegui o que eu sabia que no fundo poderia ser meu.

Nada vai me impedir de perseguir isso agora.

CARTER

"Uísque?" Daniel me pergunta enquanto eu vejo a garganta de Aria apertar enquanto ela olha para a mesa. Ela se saiu bem, mas ainda assim, ver era uma porra de agonia.

"Dê-lhe um minuto," falo ao microfone para Eli enquanto eu aceno para Daniel. O líquido âmbar gira na garrafa e reflete o luar pálido que entra no meu escritório.

Sentando-me na minha cadeira, recuso-me a reconhecer o quanto meu corpo está no limite. Estou à beira de quebrar mais uma vez. Minha garganta está seca e apertada, meus dedos dormentes.

"Ela o ama," eu admito a verdade que estilhaça meu peito em um sussurro enquanto olho para a tela. Estava claro para ver no modo como ela falava com ele, segurava-o e confortava-o. Mas mais do que isso, é óbvio que ele a ama também.

Isso é algo que não posso permitir.

"Eu não quero ouvir você falar sobre a mulher que você ama, não nesse contexto. Não sobre ela amar outra pessoa." A resposta de Daniel não deixa espaço para negociação e eu me volto para ele enquanto ele entrega o copo para mim.

Levando o copo aos meus lábios, eu sei o que ele está se referindo e talvez isso me faça de coração frio, mas a dor que está entre as palavras dele me traz conforto. O uísque queima

meu peito enquanto eu inclino o copo e pego tudo de uma só vez.

"Outro?" Eu pergunto a ele, estendendo o copo para ele encher, embora ele ainda esteja cheio. Três dedos de uísque ainda são evidentes em seu copo.

Ele enche o meu mais do que antes, a garrafa que estava cheia há apenas dois dias está quase vazia agora. Enquanto tomo um grande gole, posso ouvir suas unhas pontudas batendo ritmadamente contra o vidro. Ele se inclina contra a janela atrás de mim, em vez de se sentar.

"Você tem todos os seus arquivos, então você poderia chantageá-lo para sair." Daniel me oferece uma maneira de cuidar do problema chato. É uma solução que funcionaria para a maioria das pessoas, mas não para Nikolai.

"Ele é irracional," eu lhe respondo, sabendo muito bem que Nikolai não vai ficar de pé.

"Você quer dizer estúpido?" Ele brinca, e eu dou-lhe uma risada rouca em resposta, mas o sorriso que tenta puxar meus lábios finalmente não consegue se mostrar.

"Você acha que ela vai me odiar agora que ela sabe que era eu o tempo todo?" Pergunto-lhe. Os nervos ressoam no meu intestino e eu os calo com outro gole. É com isso que estou realmente preocupado. Todo o resto não tem sentido. Mas essa informação poderia nos machucar. Romano

configurou tudo tecnicamente, criando o encontro entre nós dois. Mas sou culpado e não refuto o que ele disse a Aria.

"Tenho certeza que ela já te culpou." Embora haja uma pitada de humor em sua resposta, a verdade disso faz meu sangue virar gelo.

Eu zombo quando vejo meu passarinho, empurrando a cadeira e olhando longa e duramente para o vazio em frente a ela antes de se preparar para sair. Ela não para de olhar para onde Nikolai estava sentado e cada segundo seu olhar permanece lá, a rachadura no meu coração parece um raio seco dividindo o céu em dois.

"Ela ama você," diz Daniel atrás de mim, mas não me oferece qualquer conforto.

"Ela vai amar quando isso acabar?" A questão sozinha faz a dor subir pela minha coluna e eu coloco o copo nos meus lábios, apenas para encontrá-lo vazio. Com um suspiro, coloco na mesa.

A verdade é que não acho que ela vá.

"Estou mais preocupado com ela dando ordens e tentando interferir, não é?" Daniel questiona. Olhando por cima do meu ombro, vejo meu irmão beber o uísque, embora seus olhos fiquem nos meus.

"Ela pode fazer o que quiser," digo-lhe a mesma coisa que eu disse a Eli. "Eu quero ver o que ela vai fazer."

"Ela é diferente do que eu pensava."

Eu me sinto inquieto quando vejo o olhar dele olhar para a tela, não mais focado na sala dos fundos e, em vez disso, observando Eli acompanhar Aria de volta para a casa segura. Os homens estão em várias casas espalhadas pelos dois quarteirões e cada um deles tem os olhos sobre ela enquanto se movem de rua em rua.

"Como é isso?" Eu questiono ele.

Trazendo seu olhar de volta para o meu, ele coloca seu copo no peitoril da janela e me diz: "Ela está... mais..." Ele escolhe suas palavras cuidadosamente, "*envolvida do* que eu pensava que ela estaria." O nervosismo que arrepia meus dedos se intensifica quando ele acrescenta: "Não sei o que fazer com isso."

Rompendo meus dedos, não olho nos olhos dele quando respondo: "Significa que ela ficará ainda mais desapontada quando tudo terminar."

Meu irmão me considera por um momento antes de acenar uma vez e pegar o copo para terminar a bebida.

Ele corre os dedos ao longo da borda do copo vazio, observando enquanto ele faz isso e me diz: "Vou levar Addison para jantar a noite." Seus lábios se franzem e seus olhos refletem um poço de tristeza. "Ela não foi ao The Hard Stone." Ele finalmente olha para mim e eu aceno, deixando-o saber

que eu o ouvi. O Hard Stone é o restaurante ao lado do Red Room. Já está bem protegido, assim como o clube.

"Espero que tudo corra bem," ofereço a ele, e é genuíno. Eu odeio o que aconteceu com eles. Eu não quero ver meu irmão voltar ao homem que ele é sem ela. Existem apenas duas versões dele. E eu prefiro muito mais aquela que é amado por Addison e a ama em troca.

Correndo o polegar sobre o bloco do meu ponteiro, penso em Aria estar sozinha esta noite e como ela estará pensando em Nikolai.

"Mantenha-a fora até tarde," digo a Daniel, esperando seus olhos alcançarem os meus. "Não volte para a casa segura por algumas horas."

Os lábios são lentos para puxar um sorriso, mas eles fazem.

"Você tem planos com sua garota também?" Ele me pergunta com um senso de humor que ilumina seus olhos.

"Eu tenho agora."

ARIA

Está quieto. Muito quieto.

O tipo de tranquilidade que faz você se sentir insegura no fundo. Olhando para o copo vazio de vinho, eu mordo meu lábio inferior sabendo muito bem que não importa se está quieto ou se eu estava em uma sala cheia de pessoas conversando porque eu me sentiria assim esta noite independentemente.

Essa sensação doentia se espalha por cada centímetro de mim no segundo em que estou consciente e não caindo em uma memória que eu gostaria de poder esconder.

Deixando escapar um suspiro profundo, empurro o copo para longe de mim e enrolo o cobertor de tecido ao redor dos meus ombros enquanto saio da banqueta na ilha da cozinha.

Eu finalmente comi hoje, mas a comida está sem gosto e eu mal posso tolerar uma coisa. Não quando me sinto assim.

Addison saiu meia hora atrás e pedi a Eli para dizer aos caras que me deixassem em paz esta noite. Parte de mim se arrepende. Eu gostaria de fingir que poderia descer e me juntar a eles para tomar uma bebida. Deus sabe que eu preciso de mais do que apenas um copo de Cabernet. Eu preciso de uma distração e algo que não pareça que meu mundo está desmoronando em cima de mim, mas isso é tudo que tenho para me acompanhar esta noite.

Meus pés descalços tocam suavemente no chão de madeira enquanto eu faço o meu caminho pelo corredor até o quarto. Tudo o que eu continuo pensando é o telefone na mesa de cabeceira. Só me permite ligar para o Carter ou para Carter me ligar. Não há nem mesmo um número nas configurações para eu dar a outra pessoa.

Eu odeio que ele me limite assim, mas eu entendo a necessidade dele controlar isso agora. Porque se eu pudesse, ligaria para o meu pai. Eu diria a ele que sinto muito ter saído e sido estupidamente levada. Eu diria a ele que estou bem. Eu imploraria para ele parar tudo isso.

E eu seria julgada, encontrada em falta e um fracasso. Eu já sei, mas ainda tentaria.

Apenas o pensamento disso me faz parar do lado de fora da porta do quarto, minha mão na maçaneta de vidro esculpida enquanto uma respiração estremecida me deixa. Eu odeio esse sentimento de desesperança que entorpece minha pele. Eu odeio esse sentimento de estar confinada e empurrada para o lado.

Eu odeio tudo.

Quando a porta se abre, meus pés afundam no tapete macio e tento acender a luz, mas não funciona.

Meu estômago cai ainda mais e eu tento de novo, ouvindo o clique, mas não vendo uma mudança. Isso não me impede

de mexer furiosamente o botão para frente e para trás rapidamente.

"Eu não queria nenhuma luz esta noite." A voz de Carter paralisa meu corpo. É um gotejamento lento, como o veneno de uma picada de cobra. É assim que meu corpo reage ao seu tom profundo e áspero.

Leva um momento para os meus olhos se ajustarem, mas quando o fazem, vejo seus ombros largos do canto da sala, sentados em uma cadeira que não estava lá esta manhã.

"Carter," eu digo seu nome e, em seguida, olho para a bagunça de lençóis na cama, e ele segue meu olhar para onde eu estava há horas atrás, dando prazer a mim mesma como ele ordenou que eu fizesse. "Eu não esperava que você estivesse aqui," digo-lhe baixinho e faço o meu caminho em direção a ele.

Surpreende-me o quanto sou atraída por ele. Como se nada importasse a não ser ir até ele.

Talvez Nikolai estivesse certo. Talvez eu esteja doente. Porque todo esse nervosismo e ansiedade não existem mais.

"Eu senti sua falta," ele me diz, e soa muito diferente do homem que eu conhecia enquanto estava na cela, e do homem que governa com mão de ferro, mas é meu Carter, o homem que me dá tudo a portas fechadas. Borboletas na boca do meu estômago viajam para cima e para baixo ao mesmo tempo, aquecendo cada centímetro de mim.

"Eu preciso de você," eu sussurro quando eu o alcanço, não hesitando em subir em seu colo e envolver minhas pernas em torno de sua cintura. Suas grandes mãos se espalham ao longo da minha parte inferior das costas e bunda. Ele aperta assim que meus lábios roçam os seus e em vez de beijá-lo como eu pretendia, meu pescoço arqueia para trás e eu gemo de dor.

De dor.

É tudo o que ele me dá neste momento, mas sentar assim, estar com ele e sentir seu calor é exatamente o que eu preciso agora. Só a dor envia ondas de prazer pelo meu corpo.

Ele abaixa os lábios para o mergulho na minha garganta, deixando sua barba arrastar ao longo da minha pele enquanto ele planta beijos de boca aberta ali mesmo e então sobe pelo meu pescoço.

Ele morde meu lóbulo da orelha antes de sussurrar de um jeito que cria um arrepio na espinha. "Eu quero você na cama."

Eu tomo um beijo dele primeiro. Roubando-o rapidamente, eu adoro pegá-lo desprevenido e ele quase perde a chance de me beijar de volta.

Ele pega e depois se senta quando eu deixo seu colo e deito na cama.

"Tire," ele comanda, e eu obedeço. Eu faço isso devagar, deixando meus dedos passarem pela minha pele sensibilizada

e me deleitando com o poder que tenho. Ele me quer. Ele ama me querer. E é um sentimento inebriante ter um homem tão poderoso ceder à necessidade de querer você.

As roupas caem descuidadamente no chão e o ar frio beija minha pele enquanto eu me contorço na cama e corro as pontas dos meus dedos sobre os meus mamilos endurecidos.

Carter fica devagar, e eu mal viro a cabeça para vê-lo andando ao redor da cama, se despindo lentamente para mim também. Com a única luz vindo das janelas atrás de mim, as sombras dançam ao redor dele e é inebriante.

Eu posso ouvir o tilintar de algemas antes de ver o metal brilhar no pálido luar, e isso só me deixa mais quente para ele. Antes que ele me ordene, levanto os braços acima da cabeça e a cabeceira feita de tábuas finas. Ele só usa um único par de punhos, enrolando-os através das tábuas e algemando cada um dos meus pulsos.

Seus dedos queimam ao longo dos meus pulsos e ele os deixa viajar pelo meu braço, fazendo cócegas em mim, meus seios, minha cintura e então ele mergulha uma mão entre as minhas pernas e eu me abro para ele.

O gemido profundo em sua garganta é minha recompensa, assim como a disseminação de prazer que percorre meu corpo quando ele arrasta seus dedos grossos da minha entrada quente até o meu clitóris.

Contorcendo-me na cama envia uma mistura de dor das marcas do cinto esfregando contra os lençóis e o prazer de seu toque.

Ele me deixa assim, respirando pesadamente para ele por um momento para pegar algo do chão.

Uma faixa, a gravata dele. A seda corre ao longo da minha bochecha e, em seguida, ele me diz para fechar os olhos enquanto ele envolve em torno de mim como uma venda nos olhos. Meu coração corre por não ser capaz de ver e um novo tipo de excitação percorre meu corpo.

Sem ser capaz de ver, eu posso ouvi-lo claramente quando ele tira outro punho enquanto seus dedos viajam pela minha perna, até o meu tornozelo, onde ele me algema. Ele faz o mesmo com o outro lado e eu sou vendada e contida por ele.

Minha respiração vem de forma caótica quando eu o ouço andando em volta da cama e o metal frio aquece enquanto o frio no ar me faz implorar para ele ser tocada. "Carter," eu choraminguei seu nome.

"Diga-me a verdade, passarinho," a voz de Carter é profunda, mas atada com algo que eu não ouvi dele no quarto por tanto tempo. Uma borda dura que eu não gosto de ouvir.

Embora meu coração bata no meu peito com a mistura de medo escorregando em minhas veias, eu sussurro: "Qualquer coisa."

"Você me odeia, não é?" Ele me pergunta e com sua pergunta vem um clique e zumbido. Minhas costas se curvam quando ele toca o metal frio do vibrador no meu clitóris. O prazer é imediato e surge através de mim.

"Eu te amo," eu gemo de forma imprudente no ar enquanto puxo minhas algemas, incapaz de me afastar do prazer intenso.

Ele empurra com mais força contra mim e eu solto um grito estrangulado de êxtase. Eu posso sentir-me apertar em torno de nada enquanto as ondas intensas de prazer se aproximam como a maré, subindo e batendo mais e mais.

Estou tão perto. Tão, porra perto.

E então ele puxa para longe.

Um suspiro é arrancado de mim e tento olhar em volta. Eu quero ouvir onde ele está e o que ele está fazendo ao som da minha própria respiração ofegante. Mas quando eu faço, meu orgasmo iminente escurece lentamente, deixando-me escorregadia com a minha própria excitação e desesperado por ele me tirar.

Engolindo a decepção e tentando não puxar as algemas que cavam em meus pulsos e tornozelos, espero por ele.

"Você me odiava quando você estava na cela."

Eu respiro profundamente, não querendo lembrar como começamos. Minha voz é rouca quando lhe digo: "Eu sabia

que queria você."

Seus dedos grossos empurram dentro de mim e eu posso sentir seus dedos roçarem contra a minha parede da frente. Meus seios balançam e minhas omoplatas escavam no colchão enquanto ele me fode com os dedos. "Foda-se," eu gemo, sentindo o calor se espalhar pelo meu corpo como um fogo selvagem como o feixe de nervos no meu calor do núcleo e se preparar para acender.

"Carter," eu suspiro seu nome enquanto meu pescoço arqueia e sinto o prazer crescer mais e mais alto. "Carter," eu gemo seu nome pouco antes de eu gozar.

E ele se afasta antes que eu possa terminar. Minha respiração é caótica e tento rasgar a venda, mas minhas mãos estão algemadas.

"Carter!" Eu grito com ele e tudo que recebo é uma risada áspera. Ele beija meu queixo mesmo quando eu me afasto dele.

"Eu não gosto disso," eu o aviso em uma voz que vacila. Eu posso sentir uma sensação de medo fluir em meu sangue.

"Tudo o que você precisa fazer é me responder." Sua voz é fácil, como se isso não fosse uma armadilha. "Você me odiou?" Ele pergunta de novo, e minha voz reforça.

O zumbido fica mais alto e desta vez o vibrador me atinge com força total. Minha cabeça empurra para trás e o prazer

corre pelo meu sangue. Estou tão perto. Eu já estou no limite com apenas alguns segundos de seu toque.

E depois é tirado. Rangendo meus dentes, eu me esforço para me mover, sentindo as lágrimas picarem meus olhos. "Carter!" Eu grito para ele com raiva não adulterada, mas tudo que consigo é o vibrador de volta no meu caroço inchado.

Mais uma vez, ele leva embora antes que o prazer possa me consumir, deixando-me com o fogo diminuindo e eu não posso, porra, pegar.

"Sim, eu te odiei! Você me magoou e eu te odiei por me levar!"

A dor que varre através de mim é como nada que eu senti antes. Admitindo o que aconteceu e sabendo o que senti naquela época... eu odeio isso. Eu odeio que ele esteja falando sobre isso. "É isso o que você queria?" Eu pergunto a ele, furiosa que ele está fazendo isso. "Eu odeio isso!" Eu grito com ele, mas quando a última palavra sai dos meus lábios, o vibrador bate no meu clitóris e ele o deixa lá, meu corpo voando mais e mais alto e então eu caio do céu, enviando uma sensação de formigamento para destruir meu corpo de uma vez.

Dura e dura enquanto permaneço paralisada e ainda à mercê de Carter.

"Você me amou depois disso?" Ele me pergunta, seus lábios tão perto dos meus e eu me empurro o mais alto que posso e roubo seus lábios com os meus. Ele me beija de volta vorazmente. Eu posso sentir seu corpo perto do meu e eu desejo poder envolver minhas pernas em torno dele e segurá-lo, mas eu estou amarrada, e ele se afasta de mim.

Eu ainda estou me recuperando do meu orgasmo e do beijo que eu estava com muita fome para lembrar o que ele me perguntou, então ele me pergunta novamente.

Sem fôlego, eu lhe respondo: "Sim, eu amo você. Eu amo você, Carter."

Quando seu nome sai dos meus lábios, ele empurra o vibrador de volta para o meu botão sensibilizado e é quase demais. Eu grito seu nome e ele captura meus lábios com os dele quando eu explodo embaixo dele. O prazer me consome como o céu noturno é consumido com estrelas. De novo e de novo.

Eu quero beijá-lo, mas mais do que tudo, quero que ele saiba o quanto eu falo sério quando digo isso. Eu o amo e ele é tudo que eu quero.

"Você ama Nikolai?" Ele me pergunta, e a pergunta destrói o momento. Eu me esforço para responder, mas sei a verdade e não vou mentir para ele.

"Sim. Mas não como amo você," eu respondo, sentindo a queda alta e meu pulso lento. Um segundo passa e outro sem

ele fazendo um som ou tocando-me e o medo corre pelo meu sangue. "Carter?" Eu chamo o nome dele e ele me faz outra pergunta.

"Se eu não estivesse aqui, você estaria com ele?"

O silêncio se estende quando me lembro de querer Nikolai, mas ter muito medo de contar ao meu pai. Aquela garota, aquela que não vai atrás do que quer e simplesmente reza para não ser vista, aquela garota está morta há muito tempo.

"Eu não sei," eu respondo a ele em uma respiração e novamente ele me nega, empurrando o vibrador para o meu clitóris e me fodendo com o dedo até que eu esteja tão perto da minha liberação que eu não posso respirar.

Ofegando por ar, eu procuro por algum tipo de alívio, escovando minha bunda contra os lençóis de seda, mas Carter me puxa, segurando meus quadris para baixo.

"Apenas me diga a verdade, passarinho. Eu vou cuidar de você," ele sussurra em uma voz que eu não confio. Uma que é pecaminoso.

"Eu não sei Carter. Por favor," eu tento implorar, mas ele não escuta. Ele pressiona o vibrador contra o meu clitóris e se afasta quase instantaneamente. Meu corpo e o metal mordem minha pele. "Porra!" Eu choro. Estou tão perto. Eu estou tão perto de novo.

De vez em quando, ele me provoca.

As ondas do meu prazer correm para a superfície, acendendo todas as terminações nervosas, mas assim que elas estão prontas para sair, ele se afasta e espera que as brasas morram antes de trazer o fogo de volta.

"Se eu não estivesse aqui, você estaria com ele?" Ele me pergunta baixinho, calmamente, seus lábios perto do meu ouvido. Sua respiração viajando ao longo da minha pele é o suficiente para quase me tirar. Eu não respondo, apenas mordo meu lábio inferior e balanço a cabeça, mas não posso responder.

E ele faz isso de novo. Dedo me fodendo implacavelmente, mas no segundo que meu orgasmo se aproxima, ele se afasta. O cheiro do sexo e a sensação do meu brilho nas minhas coxas me provocam a pensar que há mais. Mas ele me deixa ofegante e novamente meu orgasmo morre antes que eu possa sair.

É o último pedaço que posso aguentar.

"Sim! Eu tentaria ficar com Nikolai se você fosse embora." Mal posso acreditar que falei em voz alta, muito menos para Carter. Eu sei que isso machuca e eu odeio isso. Eu odeio isso, mas é a verdade. "Eu tentaria ficar com ele," eu respiro fundo, escovando as lágrimas do meu rosto com meus antebraços e desejando que eu pudesse fazer o mesmo com a minha vergonha, "mas eu não sei se eu poderia ter o que nós temos. Eu não seria a pessoa que sou sem você." Lágrimas escorrem pelo meu rosto quando a confissão é forçada a sair

de mim. "Eu amo você, Carter. Eu não o quero quando tenho você."

Ele implacavelmente bate na minha parede da frente e eu gozo instantaneamente. Ele puxa o orgasmo de mim, puxando-o para fora e meu corpo se arqueia e fica rígido enquanto o silencioso grito de êxtase é arrancado de mim.

Ele não para até que eu esteja mole e lutando para respirar.

"Carter, pare por favor," eu imploro a ele em uma voz estrangulada que não soa como eu. "Eu odeio isso. Eu escolhi você! Eu te escolhi porra!"

"Shh," ele me cala enquanto eu me esforço para respirar. O toque de sua mão espalmada na minha barriga me faz pular, mas ele acaricia minha pele com movimentos suaves até que todo o meu corpo se acalme. Com beijos suaves no meu pescoço, peço-lhe para parar de novo e me deixar amá-lo. É tudo o que quero fazer agora, amá-lo e sentir o amor que ele tem por mim.

"Mais uma pergunta," ele me diz, e eu fico o mais imóvel que posso, esperando por isso e temendo. Eu não consigo parar de chorar, sabendo o que eu já confessei a ele e preocupada que ele não vai me amar por causa disso.

"Você ainda vai embora quando sua família morrer? Você ainda vai me amar?"

Eu já sei a resposta, mas não quero dizer isso.

O zumbido do vibrador me faz chorar mais. Ele corre ao longo do meu osso púbico e meus quadris balançam, tentando se afastar. Eu não aguento mais.

"Diga-me a verdade," ele sussurra em uma voz revestida de desesperança. Ele já sabe a resposta. Eu já disse a ele. Ele não precisa torturar isso de mim.

"Não," eu grito. Odiando-o pelo que ele está fazendo. Eu não quero pensar em nada disso, muito menos admitir o que isso faria para nós.

"Eu te amo, mas se você fizer isso... se você matá-los, eu vou te odiar para sempre," eu suspiro enquanto lágrimas escorrem pelo meu rosto. A agonia me rasga no sentido físico e emocional. Ele me destruiu. Carter destruiu qualquer guarda que eu tivesse que me protegesse dessa verdade.

"Eu te amo, Carter." Eu ouço os punhos estalarem e então o metal deixa minha pele. Está mordendo meus pulsos e no segundo ele os destrava. Eu seguro meus pulsos no meu peito.

Eu ainda estou chorando na venda quando ouço a porta do quarto abrir e fechar. O vazio no meu peito colapsa em si mesmo e me recuso a acreditar que ele me deixou.

Mas quando eu finalmente tiro a venda e imploro para ele me segurar, ele não está lá.

Carter me deixou.

Ele não me ama. Carter Cross não me ama.

CARTER

Eu ainda posso sentir os espasmos de sua vagina no meu pau na primeira vez que eu a levei. Eu ainda sonho com isso.

Eu ainda posso sentir o doce vinho em seus lábios.

Eu ainda posso ouvir seus gritos de prazer e seus sussurros que ela me ama.

Eu sei que enquanto eu viver, vou lembrar de tudo. Eu vou lembrar o que eu tive com ela.

Hoje à noite eu luto contra a família dela. Eu matarei o maior número possível deles.

Eu destruirei o que temos juntos e arriscarei que ela me odeie para sempre. Ela estava dizendo a verdade e eu não aguento. Esta noite vou perder a mulher que amo.

Meu olhar cai para o telefone no balcão do banheiro, assim que Jase bate na porta do meu quarto.

"Aqui," eu chamo para ele e ligo a torneira para molhar minha navalha. O creme de barbear já está cobrindo a minha pele. Desde que a deixei ontem à noite, voltei aos meus velhos hábitos e me distraio concentrando-me na guerra e em tudo mais envolvido nesse negócio.

Ele fala enquanto eu me barbeio, me livrando do restolho e me preparando para parecer o papel de um homem no

controle de um império. "Eu tenho uma proposta," ele começa, e meus olhos se movem para o seu no reflexo do espelho antes de voltar para o meu queixo.

Cada golpe da lâmina é preciso e suave, deslizando pela minha pele.

Ele dá um passo à frente, preenchendo a porta. "Eu acho que nosso problema é que estamos contentes."

"Nosso problema?"

"A razão pela qual os homens pensam que podem roubar de nós, a razão pela qual Romano está criando competição e nos envolveu nesta guerra." Eu o considero por um momento antes de voltar a fazer a barba, batendo a navalha na pia antes de trazer a lâmina pela minha pele novamente. Eu não poderia mais me importar com nada disso. Eu matarei aqueles que me desafiarem ou ficarem no meu caminho. E eu vou estar contente com isso, independentemente de saber se Jase está ou não.

Ele me diz com uma sobrancelha levantada: "Não estamos expandindo."

"Temos outros empreendimentos. O clube. O restaurante." Eu não sei porque me incomodo em lembrá-lo. Eu posso ver o olhar em seus olhos. Ele não vai parar até conseguir o que quer.

"Esse dinheiro não se compara. Você sabe, eu sei, e todo mundo sabe disso." Ele fala apressadamente como se ele não

pode esperar para fazer o seu ponto, mas eu arraso para fora. Apenas para torturá-lo.

"Estamos nos mudando para Crescent Hills," digo a ele.

"Porque você quer assumir esse lugar, não porque tem dinheiro lá." Sua voz é plana, sua expressão expectante.

Eu não posso discutir essa verdade. "Vai valer a pena estar mais perto das docas," digo a ele, e ele balança a cabeça em desacordo. Minha paciência diminui quando eu bato minha navalha de novo na pia e a seguro sob a água corrente.

"Acho que precisamos ir para o norte. Uma verdadeira expansão," ele me diz e espera ansiosamente.

"Território Talvery?" Eu questiono ele, meus olhos nos dele no espelho e ele acena com a cabeça. "Eu já dei para Romano."

"Ainda não foi tirado, e Romano pode se foder." A voz de Jase é dura e sua persistência brilha. Jase mantém o seu olhar em mim, mesmo que ele esteja respirando com mais entusiasmo. "Nós íamos dar Fallbrook para Romano e ele já tem todo o leste superior. O território de Talvery deveria ser nosso."

Seus olhos se voltam para os meus, esperando por uma reação, mas eu não dou a ele nenhuma. Eu não dormi uma merda essa noite e eu não dou a mínima para expansão.

"Você está tão entediado?" Eu pergunto a ele com dureza. Eu me lembro como era assumir o controle, o que era necessário para ter meu nome permanentemente gravado nesse território. A doença de tudo e o risco. Não vale o dinheiro que ganha.

"Entediado?" Jase respira com força. "É uma oportunidade perdida." Eu não respondo em vez disso, termino de me barbear, com cuidado para não reagir quando Jase acrescenta: "E quanto a Aria?"

Eu rasgo a toalha de mão de onde ela está pendurada à minha direita e umedeço embaixo da torneira. É difícil conter o que sinto por ela. A perda é muito real. Está muito perto.

"O que tem ela?" Quando eu limpo meu rosto, ignorando a dor aguda no meu peito, ele me diz: "Eu ouvi sobre como ela está lidando com as coisas." Eu aperto a toalha com mais força, rezando para que meu irmão não diga algo que me leve a quebrar a porra da sua mandíbula. Ontem à noite... não consigo nem pensar em como a verdade me apunhalou no coração como nunca antes.

Ele me diz: "Eu acho que ela iria querer isso."

Minha testa franze e me concentro em respirar e controlar minhas expressões. "Querer o que?" Falar dói. Até a respiração dói. Tudo dói.

"Eu acho que ela gostaria de ainda ter o território... talvez para ela?" Ele oferece, inclinando a cabeça e levantando a

testa. "Você pode imaginar como ela reagiria se nós matássemos sua família e entregássemos as terras para Romano?"

Usando a parte seca da toalha, eu corro sobre minha mandíbula, sabendo exatamente como ela vai reagir e odiando. Eu engulo em seco, sabendo que posso mantê-la aqui. Fisicamente, tenho os meios para mantê-la aqui, mas isso só aumentará seu ódio. E eu quero que ela me ame. Eu preciso que ela me ame.

"E se, em vez disso, fizermos o menor dano possível?" Ele sai da porta quando eu jogo a toalha na pia e caminho até a minha cômoda para pegar minhas abotoaduras. Eu estou correndo com os movimentos, focado em todos os detalhes mundanos que me levaram a este ponto da vida.

"Qualquer dano que fizermos vai quebrá-la, Jase." Digo-lhe sem entusiasmo.

"Eu estou dizendo a você, isso é uma boa ideia, Carter."

Ele está a poucos metros de mim, encostado na parede com os braços cruzados. "Nós já dissemos a Romano, mas eu digo que os atingimos de volta. Talvery, depois Romano e nós pegamos tudo."

"Com que homens?" Eu pergunto a ele, sentindo a raiva formigando na minha espinha. "Você se lembra do custo disso tudo? Quantos homens tem que morrer por você para ficar

satisfeito?" Minha voz está levantada e meu pulso acelera. Eu engulo a raiva quando ele não responde.

Ele recua com a severidade do meu tom.

Eu acrescento: "Isto não é um jogo e cada movimento tem consequências."

"É tudo um jogo, irmão." Ele me olha nos olhos quando ele diz: "Um jogo bem jogado e pensado."

Ele olha para mim enquanto me diz: "Se Aria fosse capaz de convencer aqueles homens a fazer o que ela sugeriu ontem, teríamos a vantagem. Talvery e Romano perderiam homens, e nós estaríamos esperando para tirar o resto," ele fala com uma uniformidade que soa tão reconfortante.

"Só que Aria não sabe disso," digo a ele enquanto dou um passo para frente e alcanço minha jaqueta, que está sobre a cômoda. "Ela não sabe quantos vão morrer. E ela nunca ficará bem em acabar com a família dela."

A sugestão de um sorriso que estava em seus lábios vacilou. "Ela tem mais a aprender," é tudo o que ele pode dizer.

"Hoje à noite, o legado de sua família começa a cair, e ela nunca vai me perdoar, muito menos governar ao meu lado." O sorriso de Jase desaparece completamente, e ele olha para seus pés antes de me olhar de volta nos olhos, pronto para dizer algo mais, mas eu não o deixo. "Você acha que ela vai

querer decidir quando o território dela não é nada, mas um cemitério de memórias antigas e pessoas esquecidas?"

Isso me mata sabendo como ela vai reagir. "Ela vai me odiar," eu mordo as palavras, rangendo meus dentes de trás um contra o outro.

Minha respiração está irregular quando ele balança a cabeça e passa o polegar sobre o lábio inferior. "Então, você está dizendo que é tarde demais?" Ele pergunta.

É exatamente como tudo isso parece. É tarde demais para mantê-la.

Eu deixo sua pergunta sentar comigo enquanto eu dou de ombros e abotoo-a. "Eu ainda acho que ela iria querer isso. Mesmo que a guerra deixe um caminho de morte para o seu trono, nem todos morrerão. Ela terá alguns."

"Como Nikolai?" Eu respondo com maldade pouco acima de um murmúrio, e isso só faz Jase sorrir para mim.

"Eu tenho a sensação de que o sujeito não vai conseguir," ele brinca, mas não faz nada para acalmar os nervos que não me permitem relaxar.

"Em trinta minutos, eles abrirão fogo," digo a ele enquanto observo a pequena mão no meu relógio marchando firmemente. "Da próxima vez que você tiver uma ideia sobre o controle de danos, talvez venha a mim mais cedo?" Eu sugiro, e ele solta uma risada enquanto balança a cabeça.

"A guerra só começou." Diz ele, não desistindo. "Apenas me diga que você vai considerar isso."

Foder com Romano é inevitável, fazer isso no momento certo é crucial.

Mas o pior erro que Jase está assumindo é que Talvery já pode ser contado como morto. Eu cometi esse erro antes, e não vou fazê-lo novamente.

"Eu considero tudo, Jase."

ARIA

Três telas estão espalhadas sobre um lençol velho no chão da sala de estar. Três telas com três perfis em cada uma delas. Dois homens que amo e minha mãe, que há muito tempo compensa os três. Todo o tempo, minha mente se concentra na notícia que passa na televisão ao fundo.

A lista de nomes continua. Eu não posso olhar para os rostos. Eu não posso olhar as cenas que mostram na tela.

Addison está abraçada no sofá, olhando fixamente para a TV. Os nomes não significam nada para ela, mas para mim, cada nome significa demais.

Eu mal estou me segurando, sabendo que eu deveria estar em seus funerais. Sabendo que não consegui salvá-los. Há uma mistura de desprezo e pavor para Nikolai. Eu me pergunto se ele ainda tentou movê-los. Ele sabia e o que ele fez? Lembro-me do que ele disse, porém, era um exército que ele não controlava.

É só uma questão de tempo até que seu nome seja falado, somado ao número crescente de mortes sem sentido entre gangues rivais, ou assim o repórter nos conta na TV de tela plana. Até mesmo o pensamento me força a sufocar em um soluço seco, mas eu o seguro.

"Isso acontece muito?" Addison me pergunta, e eu posso sentir seus olhos nas minhas costas, mas não confio em mim

mesma para olhar para ela, então, em vez disso, coloco o pincel chato no copo e vejo o pigmento vermelho sangrar na água.

"Não, não assim," eu lhe respondo de costas para ela. Estou tão acostumada com a morte que não deveria me quebrar assim. Mas é a primeira vez que eu tentei parar.

E eu falhei.

"Você precisa de mais alguma coisa?" A voz de Eli vem da porta da escada e eu olho para ele, mas não respondo. Ele pegou as tintas da loja da esquina a algumas quadras. As outras coisas estavam no pacote de Carter. Eu preciso de um monte de coisas, eu acho. Mas quando meus lábios se franzem e minha garganta fica apertada, não olho para ele. Em vez disso, apenas balanço não com minha cabeça.

Eu o odeio por ficar de pé e não fazer nada enquanto os homens estão morrendo. Eu me odeio por odiá-lo, o que é ainda pior.

"Eu quero ir buscá-los eu mesma," eu digo a ele quando o pensamento me atinge. Preciso sair daqui e dar um passeio. Eu preciso limpar minha mente. Eu preciso de algo. Eu aperto as cerdas baratas sobre o copo antes de enxaguar novamente. "Seria bom para obter um pouco de ar fresco." Estou surpresa com a minha voz e com o controle que pareço ter. É só por causa de Addison. Se ela não estivesse aqui, não tenho ideia de como reagiria a esta noite.

A ponteira de metal que segura as cerdas bate levemente na lateral do vidro quando eu bato nele e, em seguida, o coloco suavemente sobre a toalha de papel.

Eu finalmente olho de novo e Eli está me observando de perto. Addison está olhando entre nós dois e o ar está tenso entre os três de nós. Ela não faz perguntas embora e hoje à noite, eu posso sentir raiva crescendo dentro de mim dela não querer saber mais do que se isso é normal ou não.

"Eu quero ir para uma caminhada até a loja da esquina, para que eu possa comprar algumas coisas... por favor," eu digo a última palavra com os dentes cerrados.

"Me dê uma hora," Eli responde e acrescenta: "Por favor." Ele zomba de mim, mas de certo modo eu sei que é para aliviar a tensão. Não faz isso.

Dando-lhe um sorriso apertado, eu aceno uma vez e o vejo sair, embora eu ainda não consiga encontrar uma respiração regular. Tudo está tenso e nada está certo. Eu sinto que estou quebrando. Eu estou perdendo a cada segundo que eu sento aqui, vigiada e vendo a lista de mortes crescer.

"Você está bem?" Addie me pergunta enquanto o som dos passos de Eli diminui.

"Não," eu respondo a ela honestamente.

Eu queria ajudar minha família e Nikolai me ignorou.

Eu disse a Carter que eu o amava, escolhi ficar com ele e ele me deixou.

Eu sou uma idiota. Eu sou uma idiota.

Eu sou indefesa, sem esperança e sinto que estou no meu limite.

O sofá geme quando Addie escorrega e se dirige para mim. Ela está quieta enquanto se senta de pernas cruzadas ao meu lado e se inclina para me dar um abraço.

"Eu gostaria de saber o que dizer ou fazer," ela me consola em uma voz calma e eu instantaneamente me arrependo dos pensamentos que eu tive momentos atrás. Estou tão ansiosa para atacar, que eu poderia vê-la sendo o alvo mal direcionado de minhas frustrações, mas nunca me perdoaria.

Agarrando seu antebraço e dando-lhe um abraço de volta, digo a ela: "Eu gostaria de saber também."

O tempo passa devagar até que ela pega o controle remoto e desliga a TV. O clique da foto em preto é mais alto do que eu já ouvi antes. Eu quero que ele continue, então eu vou saber o que aconteceu, mas eu sou grata que ela desligou porque eu não aguento mais.

"Você quer conversar?" Ela me pergunta e eu balanço a cabeça. Tenho vergonha de quanto de mim eu dou a Carter, apenas para que ele se contenha em retorno. Eu não acho que eu poderia dizer a ela sem ela odiá-lo ainda mais. E

depois da noite que ela teve com Daniel, eu não podia fazer isso com ela.

"Você poderia me distrair e me dizer o que aconteceu na noite passada de novo," eu ofereço, sentindo uma onda de ciúmes e dor crescer no meu peito. Ontem à noite, me senti usada. Pela primeira vez, me senti usada e tola por amá-lo.

"Foi apenas uma boa noite," diz Addie, movendo as mãos para o colo. Eu sei que ela não quer esfregar isso, então eu apenas aceno e deixo passar. Eu olho para a porta como se Eli aparecesse magicamente e me deixasse sair. O pensamento me faz revirar os olhos. Eu sou idiota em pensar que eu tinha algum senso de controle.

Antes que eu possa entrar em espiral no caminho da autopiedade que me manteve acordada a noite toda, Addison me pergunta: "Você quer ler minhas cartas de tarô?"

Eu a vejo morder o interior de sua bochecha, esperando por uma resposta. Sou tão grata por ela que faria qualquer coisa que ela me pedisse agora. Pela distração, pela amizade genuína, e então eu aceno.

"Vamos," eu respondo a ela.

Com uma respiração profunda, eu me afasto e me viro para ela, sentando-me na frente dela e com as pernas cruzadas também, quando ela alcança atrás dela na mesa de café o baralho de cartas que Carter me deu há muito tempo.

"Ok, o que eu faço?" Addison pergunta, colocando as cartas na frente dela e olhando para elas como se elas fossem magicamente se embaralharem.

"Bata nelas primeiro," digo a ela em um tom inexpressivo, sabendo muito bem que ela vai olhar para mim como se eu fosse louca.

"Estou falando sério," digo novamente e aceno para as cartas, cruzando minhas próprias mãos no meu colo. "Você precisa bater nelas para se livrar de quaisquer leituras anteriores e colocar sua própria energia nas cartas."

Ela faz o que eu digo, levantando o baralho e batendo fracamente no verso, apesar de estar sorrindo o tempo todo. Já me sinto melhor. Apenas um pouco, mas é mais do que eu tinha antes.

"Agora embaralhe e pense em algo que você gostaria de saber. Ou não." Dou de ombros e me estico de onde estou sentada, sentindo a dor de me inclinar sobre as telas nas últimas horas. Só de olhar para elas, lembro-me de tudo e sou rápida em voltar para Addison.

"Isso é o suficiente?" Ela me pergunta, segurando as cartas e eu ofereço a ela um sorriso suave e depois gesticulo para o baralho. "Divida-os em três pilhas, no entanto, você faz o desejo, e depois empilhe-as umas sobre as outras em uma pilha novamente."

"É assim que sempre é feito?" Ela me pergunta enquanto faz o que eu digo.

"Não," digo a ela, sentindo uma dor profunda no meu peito.

"Aprendi a ler cartas com a minha mãe. Mas ela não fazia assim."

"Oh, como ela fazia isso?" Ela me pergunta, e eu tenho que pegar as cartas e olhá-las em vez de olhar nos olhos dela quando digo: "Não me lembro. Eu só tive que aprender por conta própria quando decidi que queria usar o baralho dela."

Fica um silêncio por um momento, mas ela continua a conversa, direcionando-a para um lado mais positivo. "Este é dela?" Ela me pergunta enquanto eu coloco as cartas uma a uma.

"Não, esse Carter me deu." De alguma forma isso puxa ainda mais emoção de mim quando eu coloco a carta final. Não digo a ela que estava trancada em uma cela perdendo a cabeça quando recebi essas cartas. E Jase foi quem realmente o deu para mim. Aquele dia ou noite volta para mim e eu quase fico doente.

"Esta é a abertura de ferradura," digo a ela enquanto coloco as cartas, recusando-me a cair para trás. Eu não vou voltar atrás. "A carta principal está no centro, mas cada lugar nesta abertura tem um significado único e as outras sete cartas estão espalhadas no formato de uma ferradura ao seu

redor. A carta principal, esta carta, é basicamente você neste momento."

"Eu sou as quatro varinhas?" Ela me pergunta, embora seus olhos estejam na carta em que estou tocando as bordas.

Faço que sim com a cabeça e acrescento: "Existem quatro naipes: as espadas, as varinhas, os tentáculos, também conhecidos como moedas e as xícaras. Cada um deles representa algo diferente na vida e as varinhas representam a criatividade. Espadas são conflito, tentáculos são dinheiro, e também são chamadas de moedas, e as xícaras são um bem-estar emocional. Mais ou menos."

"As quatro varinhas neste baralho..."

"Eu sinto que essa é uma leitura profissional," exclama Addison, mal contendo sua emoção e eu tenho que dar uma pequena risada.

"Eu li muito sobre as cartas. Alguns anos atrás, eu pensei que isso me aproximaria da minha mãe." Eu gostaria de não ter dito esta última parte, mas Addison não se concentra no negativo. Em vez disso, ela diz: "Bem, isso é incrível." Ela pega atrás de uma taça de vinho e se senta em atenção. "Por favor, continue." Ela gesticula comicamente e toma um gole de vinho.

Eu tenho que soltar uma risadinha que é quase uma risada e lembrar de onde parei. "Certo," digo em voz alta. "As

quatro varinhas. Nesse baralho, as quatro varinhas são um casamento literal..."

Enquanto digo a última palavra, respiro fundo, percebendo o quão emocional Addison tem estado e observo sua reação, mas ela apenas toma um gole de vinho e ouve. Isso tira muita pressão de mim, então eu continuo.

Algumas pessoas aceitam as cartas literalmente, mas sinto que Addison não. Ela só quer uma distração, assim como eu.

"A carta principal é um instantâneo de quem você é agora e as quatro varinhas são um ponto de descanso. Houve um sentimento de realização e um sentimento de celebração, portanto um casamento como a figura na carta. É uma carta profundamente feliz de solidificar algum senso de comunidade. O que pode não parecer onde você está neste momento," paro, sentindo uma onda de insegurança, mas continuo, dando-lhe a leitura que acho que este cartão aponta, "mas também pode significar amizade, solidificando uma amizade."

"Então, somos nós?" Ela me pergunta, e tento manter minha voz calma e desprovida da intensa emoção que surge dentro de mim quando digo a ela: "Sim. Eu acho que esta carta é sobre nós."

Addison se ajusta à sua posição, um cotovelo em cada joelho e me diz: "Eu gostei disso."

Respirando fundo, aponto para a primeira carta das sete que faz a ferradura. "Essa é o seu passado imediato e essa carta, o seis dos pentagramas, é um cartão de generosidade e harmonia. É uma carta que mostra alguém que estava em um bom lugar com a entrada e saída de dinheiro, mas nem sempre se refere a dinheiro. Também pode se referir à caridade e aceitar ou dar graciosamente dinheiro, tempo ou segurança." Faço uma pausa e engulo antes de acrescentar: "Como você me ajudou. É isso que esta carta pode significar."

Addison apenas assente e toma outro gole de vinho, então eu continuo, movendo-me pelas emoções em vez de agradecê-la novamente e trazer à tona aquela noite horrível.

"O presente imediato, a próxima carta, é a carta de sacerdotisa. Ela é uma figura que tem profunda intuição."

"E os naipes? Que naipe ela é?" Addison interrompe e é só então que eu realmente sei que ela se importa com a leitura da carta ou pelo menos está prestando atenção.

"Os naipes estão na parte menor do baralho, a maior parte do baralho tem números, basicamente. Então, eles não fazem parte dos processos. Existem basicamente dois tipos de cartas, naipes, as menores e depois as figuras, as principais."

"Ah." Ela assente e depois limpa a garganta antes de olhar para as outras cartas no baralho para ver quantas outras são grandes e menores, presumo. "Ok, então o presente imediato, é a sacerdotisa?"

Eu aceno e depois sorrio quando ela acrescenta: "Eu também gosto disso. Até agora, esta é uma leitura muito agradável." Meus ombros tremem com uma gargalhada enquanto eu continuo. "A sacerdotisa é uma pessoa com profunda intuição e ela é como um grande eco dos arcanos da rainha das varinhas. Então, ela não apenas tem uma profunda intuição sobre si mesma, mas ela tem sobre outras pessoas. Em outras cartas, ela é vista segurando um espelho que pode apontar para si mesma ou para outras pessoas. Ela é alguém que tem energias de outro mundo e alguém que pode observar os outros por quem eles realmente são. E também ver o que eles precisam instintivamente."

"Como se eu soubesse que Daniel era o homem que ele é?" Addison me pergunta em um tom plano, enquanto puxa a manga da blusa por cima do pulso e depois enxuga os olhos. Com a boca entreaberta, fico chocada com a resposta dela e luto para responder a ela com rapidez suficiente. "Me ignore, me desculpe." Ela respira fundo e sacode os pulsos. "Desculpe, eu só tive um momento."

"Está tudo bem," mal falo as palavras e olho de novo para a carta. "Isso pode significar muitas coisas," digo a ela e depois dou de ombros. "Ou nada."

"Eu sabia," ela me diz com uma tristeza que escurece os olhos. Um sorriso triste enfeita seus lábios e ela diz: "Não pare, por favor. Pelo amor de Deus, vamos passar por isso."

Limpando a garganta, passo para a próxima carta, mas depois decido voltar para a sacerdotisa. "Isso também pode significar que você sabe o que as pessoas precisam e eu não conheço sua história, mas, conhecendo você, acho que sabia que ele precisava de você." Addison me encara com olhos vidrados, mas apenas acena.

Meu lugar não está entre eles, então eu recuo para a terceira carta na ferradura e no futuro imediato. "O rei das varinhas é o seu futuro imediato. Os reis no convés são os últimos naipes e têm controle sobre os naipes. As páginas aprendem, os cavaleiros perseguem, a rainha encarna e o rei controla. E assim, o rei das varinhas é alguém capaz de entender e ter empatia com a criatividade e a vida, mas ele próprio não é pessoalmente criativo ou espiritual em um sentido realmente enfático. Em vez disso, ele é alguém que trabalha em estreita colaboração com pessoas criativas ou espirituais, mas está distante delas e é isso que o torna bom no que faz. É a distância que lhe permite estar lá para os outros, mas também o impede de fazer parte disso."

Lutando para colocar esta carta no contexto atual, penso em outros significados para ela.

"O rei das varinhas também pode ser uma pessoa carismática, mas reservada. Ainda há águas profundas nessa pessoa, mas ele está distante."

"Então, alguém que é controlador está chegando?" Addison pergunta categoricamente e depois bufa em seu

vinho. "Eu não precisava de cartas para me dizer isso."

Balanço a cabeça, sabendo que ela está se referindo a Carter ou Daniel, mas esta carta não seria nenhum deles. É outra pessoa. "Alguém que está distante e não está envolvido," eu a corrijo e sinto um calafrio percorrer minha pele. Pica cada nervo e força cada pelo pequeno ao longo da minha pele a ficar no limite.

Eu posso ouví-la engolir o vinho e, em vez de perguntar quem ou considerar o significado, eu simplesmente continuo indo até o fundo da ferradura e a quarta carta. Ela não se opõe.

"Esta carta, seu caminho, é o oito de espadas. E no meu baralho em casa..." Faço uma pausa e quase me arrependo de ter dito em casa, mas não a reconheço. Felizmente, Addison não me pressiona. "No baralho de minha mãe, as oito espadas retratam a rainha Guinevere, ela está amarrada à estaca e será executada por infidelidade. E o interessante das oito espadas é que muitas vezes você vê a mulher segurando suas próprias amarras ao redor do poste. Mas baralhos diferentes têm artes diferentes." Paro um momento para olhar para o baralho que Carter me deu e não é óbvio nesta carta. "Você realmente não pode vê-lo aqui, mas parece que essa mulher está presa a um destino tão horrível nas oito espadas, mas na verdade a única coisa que a prende é ela mesma. Ela é a pessoa que tem que ser capaz de se soltar e se libertar de suas restrições." Olho para a carta novamente e percebo que não é assim neste baralho e é o único baralho que eu já vi

onde os laços estão realmente empatados. Eu continuo, porém, me recusando a deixá-la pensar que está ligada inexplicavelmente a esse destino.

"A mulher nesta carta não será resgatada, mas também não está condenada a esse destino terrível. A única coisa que a prende é ela mesma. A boa notícia é que ela é capaz de se salvar, ela não está realmente ligada à estaca."

Paro um momento, pensando em tudo enquanto Addison termina o vinho e não diz uma palavra. Essas cartas podem ser para mim. A ideia de que elas são, causa um arrepio na espinha. Addison bateu nas cartas, eu me lembro. Sem uma palavra de Addison e não gostando de onde meus pensamentos estão indo, continuo.

"A percepção dos outros é a próxima carta, o quinto lugar na ferradura. O cavaleiro das varinhas é o seu cartão neste local. O cavaleiro das varinhas é tudo sobre fogo profundo e perseguição. Primeiro faça, pense depois. Eles tendem a ser impulsivos."

Addison ri dentro da taça vazia enquanto gira a haste dela entre dois dedos. "Parece que isso pode ser verdade," diz ela com um sorriso nos lábios e não posso deixar de sorrir também.

"A próxima carta é o desafio a ser enfrentado e esta é uma carta interessante para ficar aqui." Penso em voz alta, sem censurar nada. "As nove xícaras estão à beira da culminação da felicidade. É a diferença entre estar noivo e casar. Há uma

expectativa de que ainda haja algo retido. E então a próxima carta, a dez, é a completa felicidade e o casamento, não há mais nada por vir."

Addison assente o tempo todo que explico a carta e não tenho certeza de como ela o percebe.

Addison assente o tempo todo que explico a carta e não tenho certeza de como ela a percebe até que ela fale.

"Então, ainda há mais por vir? Mais isso me faria feliz?"

"Bem, esta é a carta de desafio, então esse é o obstáculo que você está enfrentando." Minha resposta puxa seus lábios para baixo e seu olhar se move em direção aos cartões. "Então, o desafio aqui é que você está quase lá, mas não exatamente, e é aí que está a tensão." Eu não paro. Eu não quero que ela pense sobre isso agora, mas acho que ela não me contaria, mesmo que tivesse ideias do que as cartas poderiam significar.

"A carta final é o resultado e, para você, é a rainha das varinhas. Ela é alguém segura, confiante e capaz de simpatizar e nutrir, mas também é poderosa e criativa por si mesma. Ela é alguém que pode exercer poder, mas também se mantém em pé. Ela é a feiticeira de fogo."

"Esse é o meu resultado final? Eu sou uma feiticeira de fogo?" Ela brinca, mas estou tão aliviada que a leitura parece estar terminando com uma nota feliz.

Com um aceno de cabeça, eu digo a ela: "Sim, Addie. Você é a feiticeira de fogo." Não consigo manter o rosto sério quando digo isso a ela.

"Então, quando isso acontece?" Ela me pergunta, e eu tenho que bufar uma risada enquanto sorrio.

"A sacerdotisa na posição atual significa que essa pessoa costuma desempenhar esse papel. É também uma carta arcana importante e isso normalmente significa que leva tempo, mas está na posição atual imediata. Isso significa que há algo de outro mundo nela, então ela sempre carrega isso dentro dela. Todo o resto são arcanos menores, o que significaria dias... talvez semanas. Mas provavelmente dias." Meu olhar volta ao rei das varinhas e meu sangue arrepia. Alguém está vindo.

Addison sorri e morde a borda da taça de vinho enquanto olha para as cartas uma última vez.

Novamente, o rei das varinhas é tudo o que posso ver, e estou concentrada com muita atenção, embora não queira estar. Ele me chama. O homem distanciado que está chegando e um calafrio flui pela minha espinha de uma maneira que parece uma unha varrendo minhas costas.

"Se você terminou," a voz de Eli rompe meus pensamentos e eu nunca fui mais grata.

"Sim," eu sou rápida em dizer a ele enquanto Addison recolhe as cartas, rapidamente colocando-as de volta no topo

do baralho. Ela parece estar igualmente absorvida com a carta também. Eu vejo como ela empilha todas as cartas no baralho e o coloca para baixo por último, bem no final do baralho.

"Você quer que eu vá com você?" Addison me pergunta quando eu me levanto do chão, sacudindo as mãos e os nervos, e tento me livrar da sensação desconfortável que rasteja ao longo da minha pele. Os cabelos minúsculos na parte de trás do meu pescoço se recusam a passar despercebidos. Eles não me deixam em paz, enquanto ando pela sala e coloco a jaqueta jeans, o frio fica comigo.

"Eu acho que vou tentar dormir, então," ela me diz, embora eu acho que ela disse mais para si mesma. Ela cobre o rosto quando diz: "Eu preciso disso, no entanto."

"O que?" Peço-lhe que esclareça quando paro a poucos metros de Eli e penso no frasco de Sweets Lullabys. A droga que ele me deu para dormir.

"Daniel deu para mim porque eu não estava dormindo, e eu não sei o que eu fiz com isso." Ela olha para a mesa de café como se ela tivesse deixado lá, mas não há nada lá.

"Isso me deu pesadelos. A droga."

"Isso é uma pena," diz ela com verdadeira pena. "Eu dormi muito bem com isso. E hoje tem sido..." Ela não termina, ela só balança a cabeça. Eu só posso imaginar como ela está se sentindo. Eu sei que ela quer voltar para Daniel. Eu podia ver

em seus olhos e ouvir em sua voz quando ela me contou tudo sobre a noite passada no café da manhã. Eu sei que ela o ama. E eu acho que ela poderia perdoá-lo se ele não guardasse segredos dela uma vez que esta guerra terminasse.

Ele é gentil com ela. Ele a quer. E sei que ela também o quer. A única coisa que fica no caminho são os nomes que o repórter continua falando na televisão e o fato de que Addison agora sabe que Daniel está envolvido nessa tragédia.

"Eu estava tendo pesadelos antes, então talvez seja por isso?" Eu suponho e dou de ombros, fingindo que a visão de minha mãe não apenas assumiu minha mente neste segundo. Eu olho para Eli, ainda parado a poucos metros de distância, olhando para frente e esperando por mim. Concentrando-se nele e não em onde meus pensamentos estavam indo.

"Pesadelos?" Ela pergunta, e eu só aceno enquanto engulo a memória.

"Sinto muito," diz Addie, e eu desejo que ela não o fizesse. Eu não preciso de mais simpatia. A simpatia não faz nada.

"Já faz um tempo desde que eu os tive." Eu sei que tenho Carter para agradecer por isso. "De qualquer forma, há um frasco que estava na minha bolsa na gaveta da minha mesa de cabeceira. Se você quiser," eu ofereço a ela, e ela me dá um pequeno sorriso.

"Obrigada," ela me diz de uma maneira que eu sei que ela é verdadeiramente grata quando ela boceja e depois fica

graciosamente.

"Durma bem, Sacerdotisa Ardente," eu digo a ela com um pequeno sorriso e vejo quando ela pega as cartas do chão e as coloca na mesa de café.

"Você também, Ria," ela me diz e usa o apelido que apenas duas outras pessoas usaram para mim toda a minha vida. Ela não vê como meu rosto empalidece, mas consigo consertar a tempo antes que ela olhe para mim com um sorriso doce. "Ria, a leitora de cartas," ela acrescenta ao apelido e sorri.

Saio sem me despedir, mas não me escapa que Eli continue olhando para mim com curiosidade porque viu como eu reagi. Eli vê tudo.

***

ESTA NOITE PARECE mais escura que a noite anterior. Talvez porque não há estrelas, ou talvez seja apenas a minha percepção. De qualquer maneira, é um pouco negro.

Também é mais frio e, enquanto me aconchego no casaco, me vejo andando mais rápido para chegar à loja da esquina que vi algumas lojas ontem à noite.

"Você está quieta," Eli comenta enquanto o vento sopra e meu cabelo chicoteia ao redor do meu rosto. Seu débil sotaque aparece mais agora do que eu já ouvi antes. Eu quase pergunto a ele sobre isso, mas minha mente está girando

sobre o rei das varinhas e quem poderia ser. Eu sempre olho muito em minhas cartas... e essa leitura nem era minha.

"Eu estou sempre quieta," eu lhe respondo e quando ele me dá esse sorriso encantador e perfeito, eu quase sorrio também. Eu o observo enquanto ele olha para uma casa no meio da rua e eu sei que devemos esperar quando ele faz isso, assim como na noite passada, então eu faço. Empurrando minhas mãos nos bolsos, eu expiro e deixo o ar frio flui sobre mim, acalmando minha ansiedade.

"Eu já tive uma namorada que gostava dessas cartas. As leituras."

"Cartas de tarô," digo a ele enquanto ele balança em seus calcanhares, ainda esperando na beira da rua.

"Sim, ela gostava de ler a minha, uma por dia, e me dizer como meu dia estava indo."

Um sorriso puxa meus lábios. "Ela estava certa?" Eu pergunto a ele, e ele solta uma risada enquanto balança a cabeça.

"Ela estava tão errada que eu quase poderia garantir o oposto do que ela disse que iria acontecer."

"Elas são realmente apenas para você pensar," eu digo a ele e pergunto: "Vocês ainda estão juntos?"

Ele balança a cabeça e diz: "Ela era louca pra caralho." Uma genuína risada borbulha no meu peito com a expressão

em seu rosto e, pela primeira vez hoje, sinto o calor fluir através de mim. Eu me sinto real por um momento... até que a realidade de tudo que está acontecendo me atinge com força no centro do meu peito.

"Você é bom com distrações," eu digo enquanto puxo meu cabelo para o lado quando outra brisa vem. Assim como eu, o som de um carro dirigindo uma rua ou duas abaixo me chama a atenção. "Obrigada por isso," acrescento com a maior sinceridade possível.

"Sinto muito que você esteja no meio disso," Eli me oferece e tudo o que posso fazer é forçar um sorriso falso nos meus lábios.

Seu fone de ouvido vibra com a voz de alguém e eu dou um passo à frente, pronta para continuar, mas seu grande antebraço me bloqueia. "Nós vamos voltar." Sua voz é severa e não oferece negociação.

"O que há de errado?" Eu pergunto a ele sentindo meu coração disparar e contando quantas ruas nós andamos. Três. É ao virar da esquina e a casa segura é apenas três ruas de distância.

Eu mal posso respirar quando ele me diz: "Agora," ignorando a minha pergunta e envolvendo o braço em volta da minha cintura para acelerar meus passos.

Eu não consigo acompanhar seu ritmo acelerado enquanto meu corpo pega fogo com medo.

Enquanto as vozes silenciadas chegam através de seu fone de ouvido novamente, eu olho para ele, tentando ouvir, querendo saber o que está acontecendo.

Não havia ninguém nas ruas. Sem uma alma. O que diabos aconteceu?

Faróis vêm da minha direita. E entre tudo isso - as vozes, o pânico, as luzes - eu tropeço, caindo no chão como uma idiota.

Meus joelhos e palmas das mãos batem em um gramado com força, enquanto Eli tenta me puxar, cortando o quintal para ir direto para a casa, mas eu me esforço para empurrá-lo para fora de mim, para que eu possa me levantar. Eu só quero ficar de pé, mas ele está me machucando enquanto ele tenta me puxar para cima.

O carro estacionado à minha direita ronca para a vida, o motor girando e o som enchendo a noite assim que ouço as armas disparando.

Bang! Bang! Bang! As armas disparando me fazem gritar e meu coração pula na minha garganta.

"Fique abaixada," Eli grunhe enquanto ele está em cima de mim, me cobrindo, mas ele não fica lá por muito tempo. As balas não estão vindo para cá, elas não estão nem perto.

Eu mal posso ver Eli puxar sua arma, o metal frio roçando meu ombro antes dele disparar um tiro no carro.

Há tantas armas disparando. Muitas para contar e eu não sei onde eles estão atirando, mas não é para mim.

Algumas acertaram o carro. Eu posso ouví-las esmagar o metal. Silvos e algumas balas ricochetam. Balas atingiram a casa que Eli estava olhando, o tijolo lascado e as lascas caindo diante da luz da varanda como se a neve caísse naquela fria noite de verão.

Tudo acontece em câmera lenta enquanto eu olho para cima, a parte de trás da minha cabeça batendo no peito de Eli quando ele atira no carro novamente, me dizendo para ficar para baixo, mas não vou. Eu preciso saber o que está acontecendo. Eu continuo abaixada, mas me recuso a cobrir a cabeça e não descobrir o que está acontecendo, então posso me preparar se for preciso.

Há quatro homens no carro. Eu posso vê-los claramente, apesar de estarem vestidos de preto e os capuzes cobrirem seus rostos. Dois ainda estão atirando no prédio, puxando rapidamente os gatilhos. Homens do prédio estão atirando de volta. Invólucros de balas atingem o chão e o tilintar me distrai quando mais uma rodada de balas se aproxima de nós, apontada para outra casa com homens nessas janelas disparando também. Estamos separados do carro apenas por uma cerca branca que não oferece proteção e talvez um metro de grama.

Os outros dois homens que estavam no carro correm enquanto eu pego a cena. Ambos correm pela rua para fugir,

embora se vejam e atirem, escondendo-se atrás de carros e da cerca de tijolos. Eles estão correndo mais perto de nós.

Eu não conheço o carro de onde eles vieram. Eu não conheço os homens, mas um deles correndo cai instantaneamente, gritando em agonia e agarrando a perna na calçada, o vermelho brilhando enquanto ele sangra na rua.

Bang.

Ele é silenciado e fica parado. Meu coração dispara, meu pulso latejando tão forte que mal posso ouvir os tiros.

O barulho dos sapatos carrega a rua mais alto que os tiros.

"Fique quieta," Eli me diz, com a intenção de se esconder quando o filho da puta que está correndo tenta fugir.

Ele vai deixá-lo ir embora.

Sinto raiva como eu nunca senti antes da guerra dentro de mim e queima. Queima muito. Queima muito e não aguento mais.

Eu nem sei que é o meu próprio grito quando eu tiro a arma de Eli inesperadamente e corro pela rua em direção ao covarde que disparou contra mim e os homens me protegendo. O covarde que se escondeu e esperou para me atacar. Eu não vou deixá-lo fugir.

Eu não vou deixá-lo ir embora. Eu me recuso.

Meus pés batem com tanta força no chão que sinto a dor nas minhas coxas. Ele está a apenas alguns metros de mim e correndo mais rápido, mas ele se vira para atirar no prédio de novo, ele desacelera e se vira e isso me dá uma chance. Com uma profunda ingestão do ar frio que dói nos meus pulmões, eu invisto contra ele, vendo nada além de vermelho.

Sua cabeça cai na calçada de cimento e eu ouço sua arma cair na rua e parece que ela atinge metal... talvez uma sarjeta. Eu não o reconheci de longe e não o reconheço agora que estou perto também. Eu não sei quem ele é além de alguém que nos atacou.

Mesmo quando o metal bate em seu crânio, não ouço os tiros pararem. Mesmo quando o sangue respinga no meu rosto, o calor não é nada comparado à queimadura que flui através do meu próprio sangue, eu não ouço Eli gritando por mim.

Eu não paro, não consigo parar de esmurrar a carne dele com a coronha da arma. Eu não posso nem ver o que estou fazendo com as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Eu tento socá-lo com a arma em minha mão e os choques de metal contra a pele fina sobre meus dedos. Dói, sei que sim, mas isso só me incentiva a fazer isso de novo.

Os passos são altos e eles estão chegando mais perto, mas eu ainda posso sentir o homem embaixo de mim me empurrando para longe. Suas mãos empurrando contra o

meu peito, meu rosto, em qualquer lugar até que eles parem para cobrir seu rosto.

Eu paro por apenas um segundo e é um segundo demais quando ele alcança a arma. Em pânico, eu me inclino para frente, dando uma cabeçada nele e batendo minha testa contra o nariz dele. Ele grita, mas ele não para.

Ele ainda está tentando pegar sua arma e então eu bato a ponta da arma na minha mão com força contra sua garganta e seu sangue quente sai de seus lábios enquanto ele tosse.

Mãos fortes seguram meus ombros e meus braços, mas eu chuto, desesperada para me conectar com o filho da puta que ousou travar uma guerra com homens me protegendo.

Meu sapato esquerdo bate no queixo e sua cabeça se arremessa para trás, batendo contra o cimento. Tudo em minha mente se torna um nevoeiro quando Eli me segura perto dele, me dizendo para me acalmar e me arrasta para longe. Tudo o que eu posso ver é que o homem está fugindo, fugindo sem nenhuma consequência enquanto eles me escoltam de volta, através dos pátios e direto de onde viemos.

Tudo aconteceu tão rápido que eu ainda estou respirando de forma caótica e tremendo quando Eli e outro homem, que o ajudou a me arrancar, me trouxe para dentro.

"Leve-a para dentro." Eu ouço as palavras de Eli, mas elas são arrastadas enquanto eu me esforço para respirar.

O ar não está mais frio. Nada é frio. Está tudo quente e eu sinto que estou sufocando.

No segundo que a luz brilhante do foyer me atinge, eu os empurro para longe. Eu não quero ser tocada, não posso ser tocada agora.

Recuso-me a conversar com eles, a ouví-los me dizendo para parar e me acalmar.

Me acalmar? Como posso me acalmar quando a minha vida é assim?

"Estou cansada de receber ordens!" É tudo que eu posso gritar, minha voz grossa de gritar. A lembrança do que eu fiz se infiltra lentamente enquanto eu balanço no chão. Eu estava gritando. Eu não percebi então, mas eu estava gritando.

Toda vez que eu engulo, dói. Meus ombros estremecem e Eli tenta me consolar, mas eu o empurro para longe. De volta ao canto do vestíbulo, só estou tendo a visão de correr atrás do homem e lutar contra ele.

O tempo passa devagar.

Firmo minha respiração e lentamente me acalmo, observando minhas mãos e querendo que elas parem de tremer. Há muito sangue nelas e eu as limpo nas calças, mas isso só espalha o sangue.

Eu ando até o meu quarto, segurando o corrimão para me manter de pé. Eli segue, mas fica a uma boa distância atrás. Cuidadosamente tirando as roupas manchadas, eu entro no chuveiro quente para lavar o sangue, embora minhas juntas estejam cruas e cortadas. Levará tempo para curarem.

Talvez passe uma hora e eu passei o tempo todo no chuveiro. Quando estou limpa, desço as escadas e abro a porta da frente da casa para ver Eli, o outro homem e dois outros montando guarda.

Tudo o que eu quero saber é o nome dele. Eu quero o nome desse homem. Não sei porque é tão importante quanto isso, mas preciso saber o nome dele.

Eu sei que pareço tola com o cabelo molhado que se agarra ao meu rosto e pijamas, mas ainda assim, eu falo.

"Quem era aquele?" Pergunto a Eli quando estou à luz do vestíbulo e ele fica do outro lado da porta, banhado pela escuridão. "Qual é o nome do homem?"

"Nós vamos descobrir em breve e eu vou te dizer imediatamente," ele me responde, e isso só me deixa mais irritada. Como ele pode não saber? Ainda dói quando engulo e dói ainda mais quando cerro as mãos em punhos ao meu lado.

"Onde ele está?" Pergunto a Eli com os dentes cerrados: "Eu mesma vou tirar isso dele." A raiva que sinto é injustificada e sei que estou fora de controle e cruzando uma

linha, mas não me importo mais com limites. Não quando todo mundo os cruza.

O silêncio só é quebrado pelo chilrear de grilos do outro lado do pátio. Há três homens na minha frente e ninguém me responde.

Eu posso ouvir Eli engolir enquanto os outros homens olham para mim e, ainda assim, ninguém responde.

"Onde ele está?" Repito, pronta para dizer-lhes para ir se foder se eles se recusarem a me dizer. Eu não me importo com o que Carter pediu. Eu não me importo se eu sou sua inimiga ou eles pensam que eu estou apenas tomando conta. "Eu preciso saber o nome dele!"

"Ele está morto, Aria." A voz de Eli é mais suave do que eu esperava, e tenho que respirar estremecendo. Seu olhar está avaliando, mas reconfortante. "Ele morreu."

Meus olhos cintilam sobre os dele e depois disparam para os outros homens. "Quem o matou?" Minha voz é cheia de choque e remorso por falar com ele assim, junto com todo o resto. À medida que o tempo avança, pareço descer e me recompor novamente. Como se piscar finalmente retirou a raiva que me cegou.

Um homem caminha para o lado, outro sussurra algo na varanda, mas a voz de Eli traz minha atenção de volta para ele.

Ele me responde: "Você matou."

CARTER

"Você acha que ela vai ser um problema?" Jase me pergunta em voz baixa enquanto olha para o bar para a morena. Ela se destaca no clube cheio de mulheres vestidas com camisas apertadas e saias curtas.

Vestida de jeans com rasgos nos joelhos e um top preto solto projetado para o conforto, ela não pertence aqui. Mais do que isso, ela está batendo as mãos contra o bar e gritando pelo balcão para os dois homens que trabalham esta noite.

"Não é por ela que estamos aqui," lembro-lhe. "Deixe o garçom cuidar disso," digo a ele e passo pela multidão, mas Jase fica um momento mais para trás, olhando para a morena enlouquecida.

Tudo o que me interessa são os homens no quarto dos fundos agora. Homens que perderam um membro da família hoje à noite. Dois de nossos homens foram baleados nas costas enquanto estavam em suas corridas para coletar. A parte fodida é que eles estavam na parte mais ao sul do nosso território. Então, algum filho da puta entrou em nosso território, escondeu-se e atirou-os em plena luz do dia. Algum filho da puta chamado Charles Banner, que agora está enterrado em uma cova rasa graças a Cason.

Não traz os homens de volta embora. A morte é final.

Quando eu ando até as portas dos fundos, Jared as abre imediatamente e as vozes silenciosas dos seis homens dentro são silenciadas. Eu posso ouvir Jase pegar seu ritmo atrás de mim e entrar antes das portas se fecharem, acalmando a música do clube.

Ao redor da mesa, todos os seis homens tomam bebidas na frente deles, dois deles com shots intocados. Cigarros estão acesos e um dos caras dá uma última tragada antes de colocar a bunda. Quando ele sopra a fumaça, o resto dos cinco me cumprimenta e então ele segue.

As pernas da cadeira de metal se arrastam no chão enquanto Jared puxa os assentos para Jase e eu e depois volta para sua posição para guardar as portas.

"James e Logan." Eu engulo em seco depois que olho os dois homens nos olhos. O mais novo, James, perdeu o irmão e seus olhos ainda estão vermelhos. Ele não consegue parar de chorar quando eu digo a ele: "Sinto muito." Logan perdeu seu primo, seu primo e foi ele quem o trouxe. Eu posso ver o olhar de pesar em seu rosto e não há nada que eu possa fazer para pegar de volta.

Os outros quatro homens perderam um amigo próximo.

Apenas dois homens morreram esta noite do nosso lado e tiramos quase trinta da tripulação de Talvery. Isso não torna as perdas mais fáceis de serem tomadas. Não para os seis homens sentados aqui.

"O que aconteceu foi uma tragédia e uma que precisa ser corrigida."

"Eu pensei que eles disseram que você pegou ele?" Um garoto com uma cicatriz profunda no lado esquerdo do rosto e cabelo loiro fala. Seus lábios ficam separados enquanto ele olha para mim com os olhos arregalados. "Eles disseram que ele está morto."

"O idiota que roubou a vida dos meus homens?" Eu questiono ele, levando minha mão ao meu peito. "Aquele que puxou o gatilho foi baleado na parte de trás da cabeça e enterrado na parte de trás do canteiro de obras da estrada. Amanhã o cimento vai cobri-lo e seu nome será esquecido." Eu paro quando o garoto concorda. Seu nome me escapa e eu olho em volta para os outros quatro. Eu conheço três deles e depois volto para o loiro. Mateus. Está certo. "Mateus?" Eu o chamo e ele acena novamente, trazendo seu olhar para cima de onde estava focado na mesa.

"Você pode me chamar de Matty." Ele se ilumina por um momento, e é então que eu lembro de um dos caras que morreu era seu vizinho. Eles cresceram juntos.

"Quantos anos você tem?"

"Acabei de completar vinte e dois," ele me diz, e eu me viro e faço um movimento para que Jared se aproxime. "Pegue quantas bebidas quiser durante toda a semana. Um aniversário deve ser comemorado. Todo dia deve ser celebrado."

"Obrigado, chefe," diz Matty e eu balanço a cabeça, não querendo nenhuma gratidão.

"O homem que é responsável pela morte do seu irmão," eu olho para James e depois para Logan enquanto eu continuo, "e a morte do seu primo, Nicholas Talvery, vai morrer no segundo que eu tiver uma chance de acabar com sua vida."

Eu paro enquanto as lembranças de como ele tentou me matar, como o filho da puta é sorrateiro, vêm à mente. Sempre preparando e montando seus homens para cegar os desavisados, como meus irmãos, quando éramos apenas garotos. "Ninguém," minha voz endurece, "vai tirar de nós sem ter consequências."

Meu coração dispara quando olho os dois homens à minha direita nos olhos. "Ele matou sua família e eu terei sua cabeça por isso."

"Até o final dos Talvery," Matty levanta o copo na mão e os outros homens fazem o mesmo.

Talvery.

Eu estou entorpecido enquanto eles jogam de volta os shots e se comparam.

"Até o final desta guerra," Jase fala, pegando outro copo e enchendo os seus e depois os outros.

O espírito do cara pega, embora Logan ainda pareça perdido. James dá um tapinha nas costas dele quando Logan

se inclina, balançando a cabeça e chorando de novo.

Esta guerra é inútil. Uma briga entre dois homens, Romano e Talvery, que já tem o suficiente. Homens gananciosos e egoístas que arriscam vidas para ferir o outro.

E eu apoiei isso.

E Jase quer mais disso.

E Aria fica no meio de tudo isso.

"Se você precisar de alguma coisa, você sabe para quem ligar," eu ouço Jase falar baixinho para os dois homens à direita e então ele fica de pé, e eu faço o mesmo. Abotoando minha jaqueta e dando uma boa olhada em cada um dos homens sentados lá.

Nenhum deles me culpa e essa é a pior parte. Eu sou amargo sabendo que eles não me culpam quando deveriam. Eu os trouxe para isso.

Para ela.

Eu concordei com isso... por ela.

O som do Jase andando à minha frente é tudo que eu posso seguir, como se eu estivesse sufocando. Talvez seja assim que eu vou morrer. Eu vou me engasgar com todas as decisões fodidas que eu já tomei.

Eu sinto meu celular vibrar no meu bolso. Está acontecendo desde o bar, mas eu queria entrar e sair e dar

aos homens o respeito que eles merecem. Isso é o mínimo que eu poderia fazer.

Sentindo isso sair novamente enquanto saímos para o ar da noite e esperamos o carro se aproximar, traz a inquietação que não me deixa desde que deixei Aria sozinha na cama.

"Aquela morena se foi," comenta Jase, encostado em um poste no meio-fio que detalha todos os acordos de bebida lá dentro.

Enquanto pego meu telefone, olho para o perfil dele e, por um momento, vejo a expressão de perda em seus olhos. Ele está olhando para o estacionamento e depois para a rua movimentada. Eu sei o que ele está pensando. Eu sei o que esse olhar significa.

"Você está bem?" Eu pergunto a ele, e ele limpa a garganta, tossindo em seu punho e chutando o poste.

"Sim," ele responde e passa a mão na parte de trás do seu pescoço. "Eu simplesmente não posso acreditar que Talvery iria desperdiçar um homem assim. Ele realmente achou que sairia vivo?" Ele pergunta, e eu me pergunto se ele está me contando a verdade sobre o que ele estava pensando, ou se eu estava certo.

O estrondo do motor e o som suave do meu carro puxando para cima chama nossa atenção e me poupa de perguntar a ele e espreitar.

Não é até que eu ando por aí e abro a porta que eu verifico meu telefone e vejo as chamadas perdidas e as mensagens. Eli nunca manda mensagens, e ele sabe que não deve.

A ESTÁ SÃ e salva, mas merda aconteceu. Me ligue quando puder.

É a única mensagem que recebi dele. E eu leio repetidamente, sem respirar.

Ela está segura. Ansiedade sobe e não me deixa, obrigando-me a desabotoar a gola enquanto ando pelo outro lado e digo a Jase para sair e dirigir. Minha mão bate na parede quando ele não se move rápido o suficiente. "Você dirige!" Eu grito para ele e sinto o medo cru no fundo da minha garganta.

Ela está segura.

"O que há de errado?" Ele não se opõe, mas olha para mim o tempo todo que ele se move para o outro lado.

Com a chave na ignição, ele fica lá olhando para mim enquanto o telefone de Eli toca.

"Vamos," eu grito.

"O que há de errado?" Ele pergunta novamente.

"Dirija para a casa segura," eu grito para ele, irritado por Eli não responder e chateado que eu estou aqui e não com Aria. Mas mais do que tudo, estou com medo de que algo tenha acontecido com ela. Já se passaram quase quarenta minutos desde que ele ligou.

O toque para e vai para o correio de voz. *Filho da puta.* Eu me inclino para frente, minhas palmas no painel e tento me acalmar. *Ela está segura.*

"Diga-me novamente como devemos assumir mais quando essa merda está fora de controle," murmuro para Jase quando ele puxa para um sinal de parada.

"O que aconteceu?" Ele pergunta novamente, incredulidade em sua voz. Eu olho para o meu irmão, sem saber o que dizer, porque eu não sei. Eu preciso saber.

"Ela está segura," eu digo em voz alta, mas é mais um lembrete para mim e Jase pergunta: "Aria?"

Quando eu aceno com a cabeça, o telefone toca na minha mão.

"Eli," eu respondo rapidamente, sentindo meu pulso pulsar mais forte.

"Nós temos um problema," ele me diz quando Jase faz uma curva e depois acelera. Ele está me encarando em vez de ficar olhando a estrada.

"Quatro homens na First Street atiraram na nossa tripulação. Eles sabiam onde estavam e foram para as duas estações no final do bloco de segurança. Apenas um de nossos rapazes levou um tiro, ele está com o doutor agora e ficará bem."

Um suspiro, uma respiração profunda e baixa e eu engulo o nó de medo. *Ela está bem*, eu me lembro. Meus olhos se fecham e minha cabeça cai contra o encosto de cabeça.

Meu coração está batucando, ao invés de bater.

"De quem são os homens?" Pergunto a ele e ele responde: "Não eram de Romano ou Talvery."

Minha mandíbula aperta, assim como o meu punho. Muito bem. Essa é a última coisa que preciso agora. Outro idiota fodendo comigo.

"Algo mais?" Eu pergunto a ele, abrindo os olhos e olhando para a cabine do carro. As luzes vermelhas e brancas do lado de fora dançam no teto enquanto ele fala. "Todos os quatro homens estão mortos, mas eles eram conhecidos por sair com o homem que tentou levar Addison. Aquele que Daniel matou quando estava checando o Iron Heart. Homens de aluguel. E Carter," ele faz uma pausa e o mesmo acontece com a batida no meu peito. Eu sei que isso tem a ver com Aria. Eu posso sentir isso. "Eu estava com Aria na hora. Ela estava lá."

Eu não posso engolir. Eu tento, mas não posso. Há algo no caminho e não consigo respirar.

"Ela está bem. Mas ela estava lá e fodeu um dos caras."

Meu olhar se volta para Jase, que está me perguntando o que está acontecendo. Eu só posso olhar para ele quando eu questiono Eli: "O que você quer dizer com ela fodeu com um deles? Você deveria protegê-la!" A raiva é minúscula em comparação com tudo o que sinto. O choque e medo que ela estava lá, o alívio que ela está segura e bem. O orgulho que ela lutou ao lado dos meus homens.

Eu posso ouví-lo bufar e parece que ele muda de ouvido para me dizer: "Ela matou um cara. Ela se afastou de mim, perseguiu-o pela rua e bateu nele."

Minha Aria. Meu passarinho.

"Lembrarei disso, na próxima vez que ela me der um aviso," digo suavemente, imaginando que isso aconteça, mas não consigo. Eu não consigo ver.

"Ela está chateada?" Eu pergunto a ele, sabendo que ela está. Eu anseio por um tempo quando ela está feliz novamente. Quando tudo isso acabou e ela olha para mim do jeito que ela fez antes.

"Ela não está lidando bem com isso, mas ela honestamente não estava indo tão bem antes de cair."

"Mais alguma coisa que eu deveria saber?" Pergunto a ele quando vejo a placa para Hill Road e Jase vira a esquina, sem diminuir a velocidade. Os pneus gritam quando Eli me diz que é isso.

"Eu estarei lá em um minuto. Reúna os caras, quero rever tudo e ver as filmagens."

ARIA

Eu matei dois homens, mas não sinto pena.

Olhando para mim mesma no espelho enquanto escovo meu cabelo, não sinto pena de nada. Estou vazia por dentro e não sinto remorso. Eu não tenho raiva ainda. Nada. Não sinto nada pelo homem que matei hoje à noite. Eu lembro de seus olhos arregalados cheios de medo. Eu posso sentir suas mãos em mim, me afastando. Eu posso sentir o baque da arma batendo na minha pele mais e mais quando ela bateu nele.

E ainda assim, não sinto nada.

Até mesmo Stephan. Pensar nele me faz sentir nada.

A escova de cabelo puxa quando eu faço um nó, e eu tomo meu tempo para escovar cuidadosamente.

Eu acho que devo estar doente. Não pode ser normal não sentir nada quando horas atrás eu matei um homem. Meus olhos se dirigem para o espelho e olho para a mulher que me tornei. Eu pareço a mesma de antes. Os mesmos olhos, os olhos da minha mãe. O mesmo tudo como meses atrás.

Mas eu não sou mais aquela garota. O problema é que não sei quem sou.

Sem Carter... de repente as emoções voltam e tenho que bater a escova na penteadeira. É uma peça de mobília antiga

e olho para o tampo de madeira envelhecido desejando que me desse respostas e tirasse essa dor.

Ele me disse que eu sempre seria dele e isso me dava liberdade. Mas essa liberdade me assusta agora que ele me deixou. Eu não acho que ele vai me levar de volta e isso me deixa vazia por dentro. Não há mais nada a não ser a dor dele não me amando.

Eu respiro fundo, sabendo que preciso aceitar e pensar sobre onde eu vou e quem eu serei uma vez que esta semana e esta guerra acabar.

Tudo o que sei com certeza é que ficarei sozinha. E isso parece a pior coisa do mundo quando você está vazia por dentro.

Eu não quero ficar sozinha.

A batida na porta do quarto me assusta e eu quase pulo no meu lugar. "Entre," eu chamo, abrindo a gaveta para a penteadeira e colocando a escova de cabelo dentro.

Meu olhar pega o telefone ainda na penteadeira. Um telefone que ficou em silêncio o dia todo e a noite toda.

Qual é o sentido de dar para mim se ele não tivesse intenção de usá-lo?

Funciona nos dois sentidos. Eu sei que eu poderia ligar para ele. Mas prefiro deixar a tensão separar o que resta entre

Carter e eu. É melhor deixá-lo escapar assim quando meu tempo acabar aqui, será mais fácil ir embora.

"Você não está na cama ainda?" A voz suave de Addison entra no quarto.

"Não consigo dormir," digo a ela, sem olhar nos olhos dela. Posso não sentir pena do que fiz, mas ainda não quero que Addison saiba. Eu não quero que ela olhe para mim e veja a assassina sem coração que eu posso ser.

"Eu sei o sentimento," ela suspira e se dirige para a minha cama. Sentada no final, ela levanta os joelhos e empurra os calcanhares no colchão. "Eu queria verificar você," ela me diz hesitante. Sua voz é cuidadosa, atenciosa, mas seus olhos saltam de suas unhas pintadas para onde estou sentada, como se ela não soubesse se o que ela tem a dizer deveria ser dito.

Meu pulso palpita. Talvez ela já saiba.

"Você está bem?" Pergunto a ela, recusando-me a deixar a ansiedade tomar conta. Eu sou quem eu sou. Eu fiz o que fiz. Se ela não entende isso, não há nada que eu possa fazer sobre isso. Eu não posso pegar de volta o que foi feito.

"Eli disse que você precisava de um pouco de espaço antes quando eu desci. Eu pensei ter ouvido algo de fora... Eu decidi não dormir e apenas tomar banho, mas quando saí, soou como..." Ela pega o esmalte fresco em suas unhas e olha para mim. "Ele disse que você estava no chuveiro, mas para

lhe dar um pouco de espaço, porque você não parecia ser você mesma?" Ela me pergunta, não confiando no que Eli disse ser verdade.

Engolindo em seco, eu aceno e depois molhei meus lábios. "Houve um incidente no caminho para a loja da esquina, mas está tudo bem." Eu dou de ombros e volto para a penteadeira, pegando o telefone e segurando-o para ela ver antes de cair no meu colo. "Nada sério o suficiente para Carter me chamar e me repreender," eu bufo uma resposta sarcástica enquanto reviro os olhos, tentando aliviar a verdade do que aconteceu.

Olhando para o telefone e, em seguida, encontrando o meu olhar, ela pergunta: "Então você está bem?"

"Sim." Minha resposta é fácil e espero que ela deixe cair.

"E você e Carter?" Ela pergunta e acrescenta: "Se você não quer falar, tudo bem." Sua voz é mais forte, mais alta e não contém ofensa. "Eu sei que às vezes as pessoas gostam de manter as coisas."

"Eu gosto de falar," eu digo a ela honestamente e, em seguida, sinto o puxão de um sorriso triste. "Às vezes." Minha voz é baixa e tão baixa que não tenho certeza se ela ouviu. "Algumas coisas eu prefiro não falar, mas mesmo assim, eu sempre gosto de falar sobre algo. E quando se trata de Carter..." As emoções incham na minha garganta, impedindo que as palavras cheguem facilmente. "Quando se trata de Carter, acho que talvez a melhor coisa sobre a qual falar é como se afastar de alguém que você ama quando não a ama."

"Eu sinto muito." A simpatia na voz de Addison empurra a dor no meu peito até a boca do meu estômago.

"É o que é. Ele cometeu erros, eu cometi erros, mas nada disso importa de qualquer maneira. Nós nunca poderíamos estar juntos. Não sendo as pessoas que somos." As palavras saem mais fáceis e claras do que imaginei que fossem. A expressão de Addison permanece suave enquanto ela procura por algo no meu olhar. Eu não tenho certeza do que.

"O que vai acontecer então?" Ela me pergunta, respirando profundamente e envolvendo os braços ao redor de suas pernas enquanto coloca o queixo nos joelhos. Sentada a poucos metros dela na penteadeira, gostaria de ter uma resposta para ela, mas tudo que consigo pensar é: "Talvez eu faça o que minha amiga, Addison, fez uma vez, talvez eu vá viajar pelo mundo."

Com um sorriso esperançoso e otimista em minha voz, acrescento: "Eu gostaria de ser como ela."

O sorriso de Addison é menos do que alegre quando ela responde: "Ouvi dizer que ela fez isso porque estava com medo." Seus lábios puxam para baixo e ela morde o lábio inferior. "Eu fugi, Aria. Eu corri porque não consegui encarar o que sobrou aqui."

"Você se arrepende?"

"Não." Ela responde com uma respiração rápida e parece se esforçar para dizer outra coisa, então eu a empurro para

falar o que pensa. "O que quer que você esteja pensando," digo a ela, "você não precisa esconder isso de mim. Eu não vou julgar você."

"Eu não me arrependo, porque tudo me trouxe de volta aqui e me trouxe de volta para Daniel." Sua voz racha e ela olha para longe, de volta para a porta fechada do quarto.

"Então, você e Daniel?" Eu pergunto a ela e mantenho meu sorriso fraco no lugar, não importa como meu intestino se agite. Ela vai voltar para ele e eu vou ficar sozinha.

"Eu o amo, Ria," ela me diz baixinho, não percebendo como ela está puxando cada emoção dentro de mim.

"Eu sei que você o ama," eu de alguma forma, de alguma forma, falo a verdade sem pensar em quanta dor meu coração está. Eu vou perder Carter porque eu não sou a mulher que ele precisa. E eu vou perder Addison porque Daniel nunca a deixará ir e ela nunca o deixará ir também. Mesmo que isso signifique que ela vai fechar os olhos para as coisas que ele faz.

Como se estivesse lendo minha mente, ela me diz: "Eu não concordo com o que ele faz às vezes, mas sei que ele tem suas razões. E eu sinto muito, Aria," ela pede desculpas, e eu a cortei, acenando com a mão no ar de forma imprudente.

"Pare com isso. Não se desculpe. Você entende agora, não é?" Pergunto a ela, me sentindo sem fôlego pela pergunta. Pela ideia de que, com a resposta dela, ela ainda pode não

entender essa complicada bagunça de dor e amor que Carter e eu fazemos juntos.

"Eu não concordo com isso," ela me diz com olhos tristes, mas ela não nega que entende porquê.

"Você não precisa," eu digo a ela e então limpo o sono dos meus olhos. "É estranho, mas me faz sentir melhor sabendo que você entende. Mesmo que ainda não seja..." Certo. Certo é a palavra que quase digo, mas não pode ser a palavra correta. Porque eu não me importo com o quão errado o que tivemos foi, foi certo para mim. Foi certo para mim.

E eu me recuso a ligar para o que tínhamos errado.

"Isso te irrita que eu ainda amo Daniel?" Ela me pergunta, e eu balanço não com minha cabeça.

"Se eu fosse você, também o amaria. Ele lutará por você até o dia em que ele morrer." Eu quase me engasguei, sabendo que Daniel faria exatamente isso. Enquanto Carter nem sequer me diz que me ama. Não deveria importar tanto para mim quanto importa. Mas não ouvir essas palavras dele... é matar uma parte de mim que eu acho que nunca mais vai respirar.

Um bocejo se arrasta e a exaustão e o peso de tudo o que aconteceu hoje, todas as perdas, todos os fracassos, me fazem desejar o sono.

Eu poderia dormir para sempre se o sono tirasse essa dor.

"Eu não queria entrar em tudo isso," Addie diz, saindo da cama e penteando o cabelo para o lado. Ela passa os dedos pelo cabelo enquanto me diz: "Eu não dormi mais cedo, e fiquei me perguntando se você tinha aquele frasco?"

Levantando-me da penteadeira, deixo o telefone no tampo de madeira gasto e faço o meu caminho até a cômoda. Está tão quieto hoje à noite, é só quando eu abro a gaveta da cômoda e ouço a atração que percebo que não consigo ouvir os grilos. Havia grilos nas últimas duas noites, tão alto que eu tive que fingir que eles estavam me cantando uma canção de ninar, a fim de dormir.

Com o frasco na minha mão, eu fecho a gaveta com um baque duro e olho para fora da janela.

"Está tão escuro hoje à noite, não é?" Pergunto a Addison, a cortina fina roçando meus dedos antes de puxá-la para trás e encará-la.

"É. Talvez amanhã a gente veja as estrelas," ela diz com um leve sorriso nos lábios.

"Bons sonhos." As palavras escapam de mim quando eu passo o frasco para ela e ela me diz boa noite.

Enquanto ela me deixa sozinha no quarto silencioso e escuro, não posso deixar de sentir que é a última noite que vou lhe dar boa noite. Algo dentro de mim, algo que gelou cada centímetro de mim está certo disso.

As cobertas farfalham quando eu as puxo de volta e subo na cama. Eu as puxo para mais perto de mim, até o meu pescoço e olho para a maçaneta de vidro na porta rezando para que o sono me leve, mas os nervos dentro de mim rastejam no meu estômago, de um jeito esquivo que me faz sentir doente. Não importa o quão bem eu segure as cobertas, estou com muito frio. Meus dedos especialmente.

Eu quase me levanto para colocar meias, quase. Mas eu não posso. Um medo infantil e sentimento profundo em minha alma quer que eu fique exatamente onde estou e ouço esse medo, eu obedeço.

Até meus olhos cansados queimarem e a escuridão escorregar.

Assim que eu fecho meus olhos, sentindo a pausa do sono fluir por cada centímetro de mim, acho que ouço a porta se abrir, mas quando abro os olhos, estou fechada. Não tem ninguém aqui.

É apenas a escuridão e a quietude... os sinais de solidão que estão comigo esta noite.

Os GRITOS de Addison me arrancam do meu sono sem sonhos. Meu coração bate contra minhas costelas quando a ouço gritar novamente.

O relógio da penteadeira pisca para mim, horas se passaram e eu devo ter adormecido.

Minhas pernas se sentem pesadas enquanto eu luto com as cobertas para me mover rápido o suficiente, para sair e ir para Addie.

Respirando fundo, chego a meio caminho da porta antes que ela se abra. Os olhos de Addie estão arregalados, o rosto pálido e o cabelo meio bagunçado em volta da cabeça.

"Aria," ela grita meu nome, puxando-me com força, tão forte que bate o ar que está em meus pulmões para fora de mim, mas o jeito que ela treme, o jeito que suas unhas cavam em mim, eu sei que algo está errado.

"Ele estava aqui," ela sussurra em uma voz encharcada de terror. "Eu senti ele," ela choraminga, afastando-se de mim para fechar a porta do meu quarto.

Quando ela se afasta de mim, ela quase bate em mim e se assusta quando eu cuidadosamente tomo sua mão.

O medo dela é contagioso, e eu luto para manter a calma, mas sem ter nenhuma ideia do que ela está falando, eu tenho que perguntar a ela: "Quem? Quem esteve aqui?"

"Tyler," ela me diz e, em seguida, lágrimas vazam de seus olhos. Ela não pisca, ela olha para mim, querendo que eu acredite nela como as lágrimas caindo e embalando suas bochechas. "Tyler… parecia tão real. Ele estava lá, Aria. Eu o senti."

Arrepios percorrem cada centímetro de mim e a mesma frieza que picou a parte de trás do meu pescoço quando vi o

rei das varinhas ali mais uma vez.

"Tyler?" Eu a questiono, sabendo que Tyler é o quinto irmão Cross. O mais novo. Aquele que morreu.

"Foi tão real," ela me diz enquanto agarra meus pulsos com força. Demasiado difícil. Embora doa, não me afasto. Eu não posso. "Ele estava com raiva," diz ela, e suas palavras são roucas e silenciosas. O olhar intenso em seus olhos se recusa a deixar-me sentir qualquer coisa além da sinceridade e desespero em suas palavras.

Apressando suas palavras, ela me diz: "No começo, ele só me segurou e eu juro que o senti. Eu podia sentir ele me segurando com tanta força." Ela me libera para cobrir os olhos enquanto ela cai de joelhos chorando cada vez mais forte, mas ela não para de me dizer o que aconteceu.

"Ele me segurou e me disse que ainda me ama. Ele disse que não há problema em amar Daniel. Ele ainda me ama e ficará comigo. Mas Aria," ela finalmente olha de volta para mim, com os olhos avermelhados, "ele está com raiva que nós saímos. Ele nunca foi louco. Tyler nunca ficou com raiva e ele disse que precisamos voltar. Ele agarrou meus braços. Ele me fez prometer." Ela respira fundo enquanto segura seus próprios braços, ainda de joelhos e tremendo de medo.

Minhas próprias pernas estão fracas quando me abaixei até o nível dos olhos dela. Meus joelhos bateram no chão frio de madeira. Agarrando seus ombros suavemente, espero que ela me olhe nos olhos.

"Foi um sonho," digo a ela, e ela balança a cabeça.

"Foi tão real."

"A droga," eu tento dizer a ela, mas ela balança a cabeça com mais força, seus cabelos agitando-se violentamente ao redor dos ombros.

"Ele me disse para dizer uma coisa." Piscando as lágrimas, ela fungou e me disse: "Ele disse para segurá-lo o mais forte que puder, ou ele vai morrer." Meu sangue se transforma em gelo enquanto eu olho em seus olhos.

Eu lembro do terror que tive. Foi apenas um sonho.

É apenas um sonho. Mas não sei como convencê-la.

"Ele me disse para sair e eu tenho," ela me diz em um sussurro de uma respiração. "Eu tenho que voltar." O remorso no ar entre nós é palpável. E meu coração afunda mais baixo.

Eu não digo uma palavra, eu só aperto ela perto de mim, apertando-a até que o som da porta do quarto se abrindo assusta a nós duas.

Meu estômago ainda está na minha garganta quando vejo Eli na porta, sua figura negra e emoldurada pela luz do corredor.

"Eu ouvi gritos e subi para o seu quarto," ele respira pesadamente e, em seguida, entra, um olhar de alívio sobre o rosto. "Quando cheguei lá, estava vazio. Você assustou a

merda fora de mim, Addison," o sotaque de Eli é grosso enquanto ele passa a mão sobre o rosto, o sono e a preocupação, ambos evidentes em seus olhos vermelhos.

Addison não me solta, ela não se move. Tudo o que ela faz é olhar para ele em silêncio.

"Você está bem?" Ele pergunta a ela, e ela balança a cabeça negativamente.

Sua voz grunhe quando ela começa a dizer a ele, mas depois olha para mim: "Eu quero ir..."

Ela segura meu olhar e eu ofereço-lhe um pequeno sorriso, apertando sua mão e sentando em meus calcanhares para dizer a ela: "Vá."

"O que está acontecendo?" Eli pergunta e Addison me abraça apertado. As lágrimas não param quando ela sussurra: "Venha comigo por favor."

A ideia de voltar para Carter...

"Ele não me ama," é tudo que posso dizer a ela, sentindo a última pétala murchar e morrer dentro de mim. "Não há nada para mim lá."

Seu olhar não sai do meu. Mesmo quando Eli se aproxima de nós, eleva-se sobre nós e espera por uma resposta.

"Amanhã," ela sussurra e depois me abraça uma última vez. Eu posso sentir suas lágrimas no meu ombro e me

prometo lembrar disso. Vamos compartilhar uma amizade para sempre, mesmo que nunca nos vejamos novamente.

Ela quebra o abraço antes que eu esteja pronta para soltar, de pé e alisando a camisola antes de enxugar as lágrimas sob os olhos.

Esfregando o braço e olhando timidamente, ela diz a Eli: "Eu não quero dormir."

Ela passa por ele antes que ele possa dizer qualquer outra coisa, escorregando para a luz amarela que sai da porta e vai para a direita, em vez de sair, indo para a cozinha, longe de seu quarto.

"Ela está bem?" Eli me pergunta em um tom sugerindo que ele realmente precisa saber. Ele está genuinamente preocupado com ela.

Eu sinto a dor profunda no meu corpo enquanto me levanto com as pernas trêmulas, ainda frio, ainda cansado, e nas profundezas dos meus ossos, com medo. Eu não gosto do terror que a droga traz.

Segure-o o mais forte que puder, ou ele vai morrer.

Um calafrio corre pela minha pele e eu olho Eli nos olhos para dizer a ele: "Ela só teve um pesadelo. Foi apenas um pesadelo."

Ele não fala por um momento e eu espio por cima do ombro para verificar a hora, já passou das três e eu só quero

algumas horas de sono.

"Você deveria ficar com ela," eu ofereço a ele, querendo ficar sozinha e sua testa aperta com uma pergunta que ele não fala.

Ele fica ali um segundo a mais do que eu gostaria, então olho para a porta incisivamente e depois de volta para ele.

"Eu nunca consigo ler bem você," diz Eli e quase se afasta de mim para sair, mas eu paro ele.

"O que isso significa?"

"Eu não sei onde você está e isso faz de você..."

"Isso me faz o que?" Eu o pressiono para continuar, embora haja uma ameaça na maneira como digo isso. Os dias dele me protegendo são poucos. Eu sei onde ficarei quando meu pai estiver morto. Ele não é meu amigo. Eu sou inteligente o suficiente para saber disso.

"Isso faz você perigosa. Isso me faz não confiar em você porque não sei a quem você se posiciona ou é contra."

"Eu represento muitas pessoas. Os únicos que me colocam contra são os que ficam no meu caminho." Levando-o até a porta, olho nos olhos dele e digo: "Lembre-se disso," antes de fechar a porta e tentar sacudir a sensação de vazio que cresce dentro de mim.

CARTER

ENCOSTADO no corrimão no final da escada, continuo a ouvi-la dizer a mentira.

Ele não me ama.

É uma mentira para mim, mas talvez ela realmente acredite nisso.

"Ela certamente tem um jeito dela," Eli resmunga enquanto aperta a ponte do nariz e lentamente se senta na parte inferior das escadas.

"Essa é uma maneira de colocar isso." Minha expressão é imóvel e não consigo controlar a carranca. Engolir o nó na minha garganta é doloroso.

"Estou fodidamente cansado," ele murmura, e eu digo a ele para ir para a cama então.

"Você está ficando aqui?" Ele pergunta e eu aceno. Eu não posso me mexer depois de ouvi-la dizer isso. O grito de Addison me acordou, mas ela foi mais rápida do que eu. Não pude ouvir tudo, mas compreendi a essência: Addison quer voltar e Aria não.

Meu coração parece ter sido pisoteado, puxado por um tanque, e depois deixado para restos na sarjeta suja.

"Eu não sei o que fazer com ela," falo em voz alta, não gostando de onde meus pensamentos estão indo. Eu a quero de volta na cela. O núcleo da minha alma está gritando para eu colocá-la lá. Ela estará segura e me perdoará com o tempo. Ela tem que perdoar.

"Você não confia nela?" Ele pergunta e olha para mim e espera minha resposta.

"Eu confio que sei o que ela vai fazer neste momento." Eu me concentro em manter minha respiração estável enquanto ouço Addison no andar de cima, ligando a torneira da cozinha. Nossas vozes não carregam bem, mas se ela quisesse, ela poderia nos ouvir.

Eli suspira quando ele balança a cabeça e passa a mão sobre o joelho.

Eu odiava o pai dela quando eu era criança. Eu o odiei pelo que ele fez comigo. Eu odiava ele por me deixar viver. Eu o odiava pelo que ele fez em minha casa e o que ele tentou fazer com meus irmãos.

Mas eu nunca o odiei mais agora. Sabendo que quando eu colocar uma bala no crânio dele, vai matá-la. Eu já posso ver como ela vai olhar para mim. Eu posso sentir suas unhas cavando na minha pele enquanto ela me agarra. Eu posso ouví-la gritando.

Eu já posso sentir sua morte arrancando-a de mim. Estamos presos por um único fio e é por causa dele. Minha

mandíbula aperta e eu expiro baixo e firme, olhando para o molde que reveste as escadas, embora eu sinta os olhos de Eli em mim.

O silêncio se estende até eu perguntar: "O que você acha dela?"

"De Aria?"

Com um único aceno de cabeça, eu avalio sua expressão, sua linguagem corporal, seu tom. Tudo. Eu não posso explicar como sempre que um dos meus homens é por ela ou menciona o nome dela, eu não posso explicar como a ansiedade corre através de mim. Ela é minha fraqueza e eu quero que ela receba nada além de respeito por ela. Respeito e medo.

Mas, dado tudo o que aconteceu, não acho que alguém saiba o que pensar dela ou o que pensar de nós.

"Eu acho que ela tem o coração de uma amante e o temperamento de uma lutadora."

"Você parece um verdadeiro irlandês," digo a ele enquanto dou uma resposta à sua resposta.

Com seu sorriso assimétrico, ele acrescenta: "Eu não gostaria de ser seu inimigo e acho que vocês dois... juntos, é algo que será temido."

"Eu não gostaria de ser seu inimigo também," eu digo categoricamente quando meu estômago dá um nó e minha

garganta fica mais apertada. Mas eu sou. E eu sempre serei.

Não é ela que torna impossível ficar juntos.

Não sou eu também.

Nós nunca tivemos uma chance. Meu olhar cai enquanto eu controlo a dormência que cutuca minha pele. Eu a queria tanto, não ousei olhar além do desejo por ela e ver os desafios enraizados em nossas próprias almas.

Ela pode tentar me amar, mas sempre vai me odiar.

"Você acha que sabe o que ela fará depois de amanhã? Quando todos eles estarão mortos?" Ele sussurra sua pergunta e eu aceno, sentindo o torcer insuportável ainda mais apertado. Com a mídia em alvoroço, os policiais não estão resistindo por muito mais tempo. Nós prometemos a eles que amanhã seria o último dia que precisávamos deles para ficar no lado oeste enquanto nós invadimos do leste. Uma única bala na cabeça de Talvery e suas facções cairão.

Amanhã vou matar o pai dela.

"Eu acho que ela vai me matar. E acho que ela vai se odiar, mas acha que é o que ela precisa fazer." O olhar de Eli cai e meu estômago afunda com isso. Meus dedos estão tão dormentes que tenho que apertar e relaxar minha mão repetidamente, mas não funciona para trazer vida de volta a ela.

"Isso é... um..." Ele não responde.

"Estou escolhendo ser seu inimigo e tirar tudo dela. Não importa se ela acha que me ama." A frieza se espalha pelo meu peito como gelo crepitando. "O ódio é mais forte." Estou surpreso com o quão forte e implacável minhas palavras são. "Ela vai querer se vingar do que eu vou fazer. Eu também gostaria disso."

Eli olha por cima do ombro e desce o corredor em direção ao quarto de Aria. "É por isso que você não foi para ela?"

Não confiando em mim para falar, só aceno com a cabeça. Não posso olhá-la nos olhos e confessar o quanto ela significa para mim, sabendo o quanto vou machucá-la amanhã.

Eu não farei isso com ela. Eu não sou tão cruel.

Bang, bang, bang, bang!

A adrenalina dispara dos dedos dos pés no meu núcleo, congelando meu corpo, depois aquecendo tudo de uma só vez com o som de armas disparando à distância. Meu aperto no corrimão fica branco com o aperto como Eli está e fala claramente no dispositivo em seu pulso.

"De onde eles vêm?" Ele pergunta, e eu levanto a vigilância no meu telefone, o tempo todo ouvindo. Parecia que vinha de quarteirões de distância e em segundos eu podia ver dois carros bloqueando a rua e homens se inclinando para fora das janelas.

"Leste," Eli responde, mas eu já sei. Meu coração bate mais forte e o sangue é alimentado pela necessidade de reagir.

Para segurar o metal duro de uma arma na minha mão e sentir o recuo novamente na minha palma depois que eu puxei o gatilho.

Eu posso ouvir os homens gritando na rua e as balas disparando enquanto meu sangue esquenta. Três quarteirões no máximo.

Um sorriso de doente implora para puxar meus lábios. Eu deveria saber que Talvery responderia imprudentemente. Enviando o que restou de seus homens para seus funerais.

As vozes soam claras no fone de ouvido de Eli:

Tiros dispararam na rua principal.

Quatro homens na Abbey Road.

Dois carros chegando Dorset.

"Bloqueie a Fourth Street, faça-os entrar a pé e não segurar o fogo." Eu dou a Eli o comando e ele repete o que eu digo palavra por palavra.

Os canhões soam como fogos de artifício e os passos duros de Addison atravessam o corredor. Ela está logo batendo na porta de Aria.

Subindo as escadas de dois em dois, aperto o corrimão e chego a ela o mais rápido que posso. Meus pulmões se levantam quando chego à porta dela. "Fique aí e tranque a porta. Não abra para ninguém além de Eli." Todas as palavras tropeçam em uma única respiração e ela olha para mim por um momento, sem fôlego e hesitante antes de concordar.

Meu coração bate com força, mais forte do que há muito tempo. Demoro um momento para perceber que é devido ao medo. O medo muito real de perder Aria.

"Eu não vou deixar nada acontecer com qualquer uma de vocês," eu digo e olho nos olhos de Addison e desejo que eles fossem de Aria. Ela está logo atrás da porta e eu sou atraído por ela. Meu corpo dói sabendo que ela está tão próxima, mas eu me recuso a entrar lá.

Se eu fizer, não sei como vou deixá-la.

"Fique no quarto dela." Eu mal dou o comando, mas Addison me ouve. Por um momento, me pergunto se Aria me ouviu por trás da porta. *Meu passarinho.* A bola espetada cresce na minha garganta quando Addison abre a porta antes de recuar atrás dela. Ela não disse uma palavra para mim.

Nem uma única palavra.

Cada músculo do meu corpo está apertado e em desacordo com o que eu preciso fazer.

Os sons suaves de um homem gritando, e os disparos contínuos são acompanhados por Eli gritando demandas no

chão abaixo de nós.

Eu tento me acalmar e convoco o lado cruel de mim que terminará isso tão rapidamente quanto começou.

As balas soam claramente. Armas automáticas que rasgam o tijolo de casas e carros de metal. Janelas estilhaçam e os homens gritam.

Então eu mudo.

Rapidamente e com determinação desço as escadas.

Meu estômago aperta e é a primeira vez que me lembro onde tanto estava em jogo. Onde meus pensamentos estão divididos entre tática e emoção.

Entre lutar para roubar a mulher que amo e correr o mais rápido que posso.

"Traga todos os carros e bloqueie todas as ruas," eu mando Eli enquanto pego meu telefone para mandar mensagem para Daniel e dizer-lhe onde Addison está. A última vez que ouvi dele, ele estava tentando entrar em contato com Marcus e descobrir qualquer coisa que ele pudesse sobre o filho da puta que ele matou em Iron Heart.

Meu coração bate, e meus músculos se movem enquanto ouço atentamente cada palavra que vem do fone de ouvido enquanto eu troco para as telas de vigilância e vejo tudo se desdobrar.

Eu preciso me mover. Ficar aqui está me matando, mas eu tenho que me lembrar que isso é guerra e chamarizes são comuns. Eu não vou ser enganado como o Talvery.

Três ruas dos dois lados estão sob ataque, duas em cima uma da outra a leste e outra mais a oeste desta casa.

"Eles atingiram três ruas de uma só vez."

"Temos uma contagem de quantos homens estão atirando?" Eu preciso de números. Talvery não pode ter mais de cinquenta homens à esquerda.

O fone de ouvido de Eli vibra e leva tudo em mim para não arrancá-lo e tomá-lo para mim. "Parece ser cerca de trinta."

"Eles podem ser distrações, atingindo os dois lados e deixando o lado sul intocado. Não mova os homens do lado sul."

"Sim, senhor," Eli responde, falando no dispositivo.

"Contagem de nossos homens," Eli grita a ordem antes de retransmitir o que eu disse. Tenho cinquenta homens aos trinta. Cinquenta bem armados e protegidos, mas espalhados.

Dois homens abaixo.

Um homem abatido.

Estamos segurando.

EU OLHO PARA O MEU TELEFONE, esperando Daniel responder, mas não recebo nada. Onde diabos ele está?

"Três no total, Chefe," a voz de Eli está tensa enquanto aperto o telefone mais apertado e grito internamente para ele me dizer onde diabos ele está. Os cordões em sua garganta ficam tensos quando ele rasga o velcro do coldre, movendo-o para o lado e checando sua munição.

Três homens mortos.

Mais três homens mortos.

"Mate todos eles," eu grito, sentindo a raiva ficar cadente. Minha cabeça parece leve enquanto respiro fundo.

"Você e Cason ficam com as mulheres," eu dou o comando enquanto meu telefone toca e Jase me diz que ele está perto e subindo o lado sul e ele já disse aos guardas lá.

Sua mandíbula está dura e cerrada, e eu sei que ele quer estar lá fora, mas eu preciso dele aqui.

"Vocês dois ficam aqui." Eu endureci minha voz e olhei-o nos olhos até que ele assentisse.

Empurrando meu telefone no bolso de trás, pego minha arma e depois passo Eli para a sala dos fundos, onde as

outras armas estão guardadas, enquanto ele me diz: "Sim, chefe."

Eu preciso de homens com eles que saibam quando sair.

A sala de trás tem prateleiras de armas e eu escolho as prateleiras de metal brilhando para mim, pegando uma e empurrando-a e a munição até a cintura da minha calça antes de pegar outra.

Talvery está na borda externa. Não há como ele entrar e todo esse terreno é uma casa segura. Mas toda casa segura pode ser invadida. Eu fiz isso antes. Sebastian sabia disso quando construiu este lugar.

Com o tempo correndo e as balas ainda disparando a cada minuto, viro as costas para o arsenal e me preparo para me juntar aos meus homens. Eu só paro para dizer uma coisa a Eli: "O porão tem uma saída subterrânea. O código é seis, quatorze, oito, oito. Repita para mim."

"Seis, quatorze, oito, oito." Ele é rápido para responder, mas eu posso ver o desafio em seus olhos.

"Não esqueça, e se eu..."

"Temos homens suficientes," Eli me interrompe e eu luto para conter a raiva. "Não tem jeito..."

"Se eu te disser," eu digo olhando-o nos olhos enquanto minhas narinas se abrem e meu corpo se aquece com a

necessidade de revidar, "pegue-as e tranque a porta atrás de você."

Eu não espero por ele para responder, embora quando eu viro de costas para ele e desço as escadas, eu o ouço dizer que ele vai fazer isso. O zumbido nos meus ouvidos é como um ruído branco quando desço as escadas. Estou pronto com uma arma na mão direita enquanto olho para a porta da frente.

Eu rezo para que Talvery esteja aqui em carne e osso, pronto para finalmente pagar por todos os seus pecados.

"Carter," Eli chama por mim quando eu alcanço a porta da frente.

"O que?" Eu me viro para ele, sentindo a raiva, o imediatismo, o medo até mesmo de perder homens e proteção para Aria e Addison.

"Sua propriedade... Ele enviou homens para lá." Eli visivelmente engole quando meu sangue arrepia.

"Os meus irmãos?" Eu pergunto a ele rapidamente, minha respiração vem em arfadas curtas. A arma na minha mão desliza e eu aperto com mais força, rezando e engolindo meu medo.

"Jase disse que ele está vindo," falo quando me lembro da mensagem e Eli confirma com um breve aceno de cabeça.

"Jase e Declan estão juntos, eles estão a caminho e erraram."

Daniel. Meu coração bate devagar, tão lento que é doloroso. "Três bombas atingiram a ala leste. E mais quatro na ala sul e na garagem."

"Quantos homens estão mortos?" A pergunta sai sem o consentimento consciente, tudo o que posso pensar é Daniel e a última vez que o vi quando ele me disse que tinha planos com Addison.

"Seis atualmente."

"Onde está Daniel?" Eu pergunto a ele, sentindo a ameaça de uma dor que nunca pode ser aliviada transbordando dentro de mim.

"Nós não sabemos."

ARIA

"Foda-se, foda-se," diz Addison balançando para frente e para trás na cama, suas pernas enfiadas sob ela enquanto as armas continuam a disparar.

Homens gritam do chão abaixo de nós e descem as ruas do lado de fora.

"Eu nunca ouvi isso durar por tanto tempo," eu sussurro quando eu espreito para a noite negra. Observo quando cada uma das luzes da rua é atingida, uma por uma, borrifando fragmentos de luz branca antes de desaparecer na escuridão.

A voz de Addison está tensa e cheia de preocupação quando ela pergunta: "Por que eles fariam isso?"

"Então eles não podem ver," digo a ela.

"Mas então ninguém pode ver."

"É um risco que eles decidiram que vale a pena." Eu sinto a dormência fluir através do meu sangue.

"Quem fez isso? Quem atirou neles?" Ela me pergunta como se eu soubesse.

Pneus guincham à distância e metal bate contra metal. Ela chora mais forte, desmoronando e, em seguida, verifica seu telefone novamente. Ela enterra o rosto nos joelhos, balançando mais forte.

"Podemos nos esconder no armário," ela oferece, embora suas palavras estejam em pânico, e eu não sei se ela quer dizer isso ou não. "Nós vamos colocar as roupas em cima de nós," ela ofega para respirar e balança novamente, "eles vão abri-lo, mas não nos ver. Eu costumava fazer isso quando era mais jovem. Eles não nos verão. Eles não nos verão."

Ela está se perdendo nisso. O jeito que ela balança, o ritmo rápido com o qual ela está falando e o olhar de terror em seus olhos são sinais claros. Ela está perdendo isso.

"Nós deveríamos ter partido," ela murmura com lágrimas nos olhos e a dormência se transforma em um frio congelante ao longo da minha pele.

"Ele nos disse para sair."

"Foi intuição, Addie," eu suspiro uma desculpa, mesmo quando os tiros soam mais alto, mais perto, a violência fazendo o seu caminho para a linha de chegada.

"Onde está Daniel?" Ela cobre a boca enquanto ela chora novamente e se esforça para respirar.

Eu não sei o que vem sobre mim enquanto a vejo murchar e se dissolver em nada além de medo e tristeza, mas minha mão chicoteia o rosto de Addison e ela olha para mim em estado de choque antes de mover lentamente a mão para cobrir a marca vermelha brilhante.

Minha mão pica e meu coração se agita com o medo de machucá-la e perder uma amiga, mas me aproximo dela,

segurando seus ombros e olhando em seus olhos para dizer-lhe: "Nós não vamos morrer assim."

Seu peito sobe e desce com a respiração pesada enquanto ela espera que eu lhe diga mais.

"Vamos lá," eu digo e puxo seu pulso. "Estamos indo embora," digo a ela, mas ela se afasta.

"Ele nos disse para ficar aqui," ela respira e deixa seu olhar disparar entre a porta e eu.

"Eu não me importo com o que Eli disse." A frustração, a raiva, o terror e a falta de sono, tudo faz meu corpo se sentir como se estivesse pegando fogo e como se eu estivesse perdendo o controle, mas eu levanto a minha voz para gritar com ela: "Venha comigo!" Minha garganta seca grita de dor quando eu engulo e digo a ela: "Precisamos correr."

Os tiros são mais altos do lado de fora e roubam nossa atenção. Eles estão se aproximando. Meu coração bate no meu peito e o som da porta se abrindo atrás de mim faz nós duas gritarem. O de Addison é estridente e tão afiado que quase perfura meu tímpano.

Cason está sem fôlego enquanto se dirige para nós e diz: "Estamos indo para o porão," Addison balança a cabeça violentamente, e faz a única pergunta que ela está orando para ter uma resposta: "Onde está Daniel?"

A pontada no meu peito bate forte e eu sinto que estou sufocando enquanto rezo para saber o mesmo, mas sobre

Carter.

O telefone está em silêncio. Meu texto para ele sem resposta.

Você está bem?

É tudo que eu queria saber. E ele não respondeu.

"Porão. Agora!" Cason grita da mesma maneira que balas passam por nós. As janelas se estilhaçam, os pequenos pedaços chovendo sobre Addison, que cobre a cabeça com os braços e cai o máximo que pode para a cama. Eu caio instantaneamente, deitada no chão enquanto prendo a respiração, com muito medo de me mexer. Seu grito estridente enche o quarto novamente enquanto as balas ricochetam e deixam um rastro de marcas da esquerda para a direita sobre a parede e a porta do quarto.

Meus olhos alcançam Cason enquanto ele fica ereto. Ele não se mexeu. Ele nunca teve a chance de se mover. Os buracos de bala em seu peito sangravam lentamente, o vermelho brilhante se difundindo e se espalhando como pinturas em aquarela sobre tela.

"Não," eu inalo, lágrimas picando meus olhos enquanto sua mão se move para uma das punções ao mesmo tempo em

que ele cai de joelhos. "Cason!" Eu grito seu nome e o alcanço, mas é inútil.

Os tiros pararam. Era uma única bala que atravessou a casa. Mas eles voltam novamente dentro de segundos. Batendo nele novamente em seu pescoço e cabeça, olhos fechados antes que ele caísse no chão.

Addison não grita dessa vez, embora eu possa ouví-la soluçar de onde estou. Estendendo a mão para ela, eu a puxo para baixo e juntas nós rastejamos de bruços para debaixo da cama.

"Daniel," Addison chora seu nome várias vezes, suas mãos apertadas enquanto ela ora para ele ficar bem.

Eu não posso respirar. É tão quente e as balas caem sem sinais de diminuir por alguns minutos. Mais tempo passa sem nada. Nenhum sinal de nada e é quando vejo a arma no chão. A arma de Cason. Enquanto eu me arrasto, Addison me agarra e grita para eu não deixá-la. Meu coração se agita ao som de uma porta sendo chutada no andar de baixo.

"Shh," eu a silencio, colocando meu dedo sobre meus lábios e, em seguida, acenando para a arma. Com os olhos arregalados, ela me observa enquanto eu saio para buscá-la. O frio batendo nas minhas veias pega quando o som de um homem subindo os degraus fica mais e mais alto. A porta aberta do quarto mostra sua sombra no corredor assim que eu alcanço a arma com as pontas dos meus dedos.

O metal frio desliza ao meu alcance e o som dele deslizando pelo chão rasga meu olhar até a porta. Sem olhar, eu pego a arma e Addison me puxa de volta para debaixo da cama.

A arma é pesada, tão pesada na minha mão. As mãos de Addison estão cobrindo sua boca quando uma sombra entra na sala. O chão range com o peso do homem e as botas pretas estão salpicadas de sangue.

Eu agarro a arma com as duas mãos enquanto ele dá três passos agonizantemente lentos para perto do corpo de Cason, logo antes de chutar seu ombro com a bota para ver seu rosto.

Inclinando-me, tenho um vislumbre parcial do homem enquanto ele rouba o celular de Cason do bolso. O medo é paralisante. Eu não posso respirar. Eu não posso fazer nada.

Meu olhar se move para a vaidade e eu posso ver meu reflexo, mas também posso ver o homem enquanto ele olha fixamente para o corpo morto de Cason e ergue a arma na cabeça.

Bang, bang!

A arma dispara e Addison sacode a cada vez, com os olhos bem fechados e as mãos pressionando mais contra a boca.

Meu coração martela, rezando para que ele não a ouça, mas não importa se ele ouviu ou não, porque os olhos do homem alcançam os meus no espelho. Frio e escuro, com

rugas que mostram sua idade. Ele está com o mesmo capuz preto que o homem que matei antes, e sei que esse homem não é um dos homens do meu pai.

Os ataques lá fora, acho que são do meu pai. Mas os homens que foram para o esconderijo... não são.

Ele é mais rápido do que eu, dando um passo largo e me agarrando debaixo da cama. Seu aperto no meu antebraço esquerdo está paralisando e eu quase deixo cair a arma. Minhas costas coçam contra a parte de baixo da cama de arame e a dor força um grito de mim.

Meu dedo está no gatilho e não consigo disparar. Eu puxo de novo e de novo.

"A proteção." A voz de Addison está rouca, e as palavras são empurradas pelos dentes cerrados.

Ele se abaixa com a outra mão, agarrando meu outro pulso e é quando Addison arranca a arma de mim e atira. O calor do cano da arma queima minha pele e eu grito de dor.

Bang! Bang!

Ela puxa o gatilho de novo e de novo quando meu lado esquerdo cai no chão com o aperto do homem inexistente.

Eu posso ouvir o suspiro de Addison e o barulho da arma enquanto os olhos brancos mortos do homem olham de volta para mim.

Meu peito oco é estripado enquanto olho para ele e depois para a porta. Meu coração bate muito alto para ouvir qualquer coisa e eu tenho que engolir e piscar o medo de pegar a arma que Addison soltou e apontar para a porta.

Deito-me meio debaixo da cama, meio fora, com uma queimadura no meu antebraço e espero. O tempo passa rapidamente, tão rápido quanto o meu sangue corre pelas minhas veias.

"Ele está morto," Addison sussurra uma verdade dolorosa. "Eu o matei," ela sussurra.

"Shh," eu a calo, "Quieta!"

As batidas do meu coração diminuem quando percebo que o homem quase me pegou e ela me salvou.

"Você me salvou," eu sussurro com lágrimas nos olhos, embora eu olhe para frente.

"Eu o matei," ela diz em um sussurro áspero.

É só então que percebo que está silencioso mais uma vez. Não há tiros. Não de fora e não há som dentro da casa.

Eu escuto de perto e ouço carros do lado de fora alguns quarteirões abaixo, mas eles não são apressados e os pneus não guincham. Levantando-me devagar, quase grito quando Addison agarra meu tornozelo.

"Foda-se," mal consigo pronunciar a palavra sobre a dura batida do medo no meu peito.

"É seguro?" Addison pergunta, e eu digo a verdade: "Eu não sei."

É difícil conter o terror, mesmo quando não há perigo presente. Meu olhar não sai da porta quando eu rastejo para a janela. Mesmo quando me levanto lentamente e puxo a cortina suavemente, não me atrevo a tirar os olhos da porta por mais alguns minutos.

Não há mais tiros e luzes acesas dentro das casas que estavam pretas agora. Um carro passa com seus faróis e vejo alguns homens que reconheço uma rua abaixo.

"Eu acho que acabou," eu sussurro para ela, mas ainda rastejo para alcançá-la. "Pegue a arma," eu coloquei na mão dela e quando ela nega eu digo a ela que eu estou pegando a arma do homem morto.

"Eu vou descer." Com minhas palavras, os olhos de Addison se arregalam e ela agarra meu pulso com uma força contundente. Minha respiração ainda está instável e meu coração também não encontra uma cadência normal.

"Eu tenho que ter certeza que está tudo bem. Vou encontrar Eli," digo a ela, e a menção de Eli parece acalmá-la. Suas bochechas estão vermelhas e lágrimas ainda permanecem em seus olhos.

"Fique aqui," eu sussurro e coloco minha mão sobre a dela. Eu aperto uma vez antes de deixá-la, rastejando pelo homem morto, e levando sua arma comigo. Eu não fico de pé

até passar pela porta. Sangue reveste minhas calças de pijama de onde eu rastejei através dele. De pé do lado de fora da porta e olhando para a escada, eu respiro profundamente várias vezes, tentando me acalmar.

Pequenos fragmentos de vidro perfuram meus antebraços e eu os tiro, estremecendo ao mesmo tempo. A dor não é nada com toda a adrenalina correndo por mim, mas ainda assim, estou hipnotizada pelo vermelho vivo e pela evidência do que acabamos de passar.

No momento em que fecho os olhos, um telefone toca atrás de mim.

Toca, toca e meu coração estremecem no meu peito. Um estremecimento como se estivesse sendo trazido de volta à vida. "Daniel," a voz de Addison soa clara, no momento em que penso no nome de Carter.

Minha garganta seca quando eu engulo e a ouço lhe dizendo como ela estava preocupada.

Carter não ligou.

Não é o Carter.

É preciso de tudo em mim para dar um passo adiante. A sensação de perda corre no fundo do meu sangue e eu luto para manter tudo junto. Um passo pesado atrás do outro, com a arma na mão direita e a mão esquerda segurando o corrimão, desço os degraus em silêncio, ouvindo os sons fracos de Addison do quarto e nada mais na casa.

Eu posso não ter sentido nada pelo homem que matei no andar de cima, nada além de ódio, e menos do que pelo outro homem com o mesmo capuz preto que morreu hoje cedo, mas quando estou de pé sobre o cadáver de Eli no vestíbulo, choro.

Soluços pesados que me deixam de joelhos e roubam o calor do meu corpo.

Eu não posso respirar quando meus dedos trêmulos tocam sua garganta, procurando por um pulso, mas não encontrando nenhum.

Meus pés chutam para fora e eu rastejo para trás, longe de seu corpo até minhas costas baterem na parede.

Cobrindo meu rosto na dobra do meu braço, não consigo parar de chorar.

Sua vida foi desperdiçada pela minha. A vida de Cason foi desperdiçada pela minha.

Quanta morte eu posso ser responsável, antes que eu perca algum amor que eu poderia ter por mim mesma?

A abertura da porta dos fundos, a batida da maçaneta na parede me força a ficar em silêncio. Eu prendo a respiração e rastejo para o outro canto enquanto os passos se aceleram.

"Porra, não," a voz de Daniel entra no foyer quando ele chega a Eli. "Merda," ele inala a palavra com verdadeiro luto antes de seus passos pesados atingirem as escadas.

"Addison!" Ele grita o nome dela quando minha cabeça bate na parede e minha respiração entra em um puxão agudo.

A porta dos fundos ainda está aberta, o vento atravessa a casa e o ar frio me chama como uma sirene.

Eu estou entorpecida enquanto estou de pé e caminho até a porta, com árvores ao longo do quintal, é escuro, mas eu posso ver que não há ninguém aqui.

Não há nada aqui.

Nada além da escuridão e do silêncio enquanto dou um passo para fora. E então outro enquanto o frio flui sobre a minha pele. E outro.

Os pensamentos de como a vida tem descido desde que pus os olhos em Carter Cross percorreram minha mente. Ou talvez desde que ele colocou os olhos em mim. É difícil saber qual, realmente.

Os pensamentos me consomem enquanto respiro o ar frio.

Os pensamentos... e então o peito duro que bate nas minhas costas e a mão grande que cobre minha boca enquanto eu grito.

CARTER

Eu reconheço alguns desses rostos. Homens que me encararam de longe com ódio, mas não tiveram coragem de puxar o gatilho. Eu por passei muitos deles nas esquinas enquanto passava por Carlisle e às vezes em território de Talvery ao longo dos anos.

Bang!

Eu imaginei os buracos de bala em suas testas por anos.

Meu sangue está correndo com raiva quando eu aponto o gatilho para um homem encurvado atrás do carro e esperando de costas para mim por um dos meus homens entrar em sua visão. Ele nem vai ver isso chegando. *Bang!*

O iPad de Declan mostra cada uma das ruas, alinhadas com cadáveres e crivada de buracos de balas, vidro quebrado e os cartuchos de balas que roubaram dezenas de vidas esta noite.

A guerra vem com um custo pesado e é repugnante, mas alimenta minha necessidade de vingança.

"Mais quatro na Second Street," Declan fala em seu microfone.

Jase e eu o observamos atentamente e ficamos de olho em cada lado do prédio onde estamos estacionados. Declan trapaceia em guerra, usando vigilância que não deixa uma alma se esconder.

"Diretamente para baixo da placa de rua, suba o lado direito da rua e pegue-o pela parte de trás. Eles estão por trás do..."

Tiros soam e eu olho para a tela para ver cada um dos quatro se virar muito tarde. Suas armas estavam no ar, mirando, mas muito devagar para fazer qualquer coisa antes que seus corpos caíssem.

O ar da noite está quieto.

Não faz mais do que trinta minutos desde que eu parti, mas a percepção de quanto tempo se passou desde que eu ouvi uma palavra sobre Aria envia um tremor de terror me percorrendo como uma onda lenta.

"Nós ainda temos os dois," Jase me lembra e puxa meu braço para seguí-lo.

Apenas dois dos homens de Talvery são deixados. Mas ele não estava entre eles e nem Nikolai.

O pensamento me faz lembrar de Aria, chorando na cama enquanto ela confessou que nunca me perdoaria se eu os matasse. Quão fácil teria sido que os dois tivessem morrido esta noite nas mãos de outros homens.

Engolindo o arrependimento, eu verifico meu telefone e vejo a mensagem de Cason que eles estão protegidos e seguros. Ele enviou apenas dez minutos atrás. *Ela está segura.* E neste momento, ela ainda está ao meu alcance. Isso é tudo que importa.

Eu não percebi que estava prendendo a respiração até ler aquela mensagem e depois a seguinte, uma mensagem de Daniel dizendo que ele estava quase na casa segura.

Vá direto para elas, eu mando mensagem para ele e, em seguida, adiciono, *acabou. Há apenas uma mensagem para enviar.*

Jase está espiando por cima do meu ombro e seu lábio se contorce enquanto ele murmura, "mensagem para enviar," e depois chuta pela porta dos fundos, uma porta cheia de buracos de bala. Revela dois homens de joelhos com uma fileira de meus homens atrás deles.

"Quais são os seus nomes?" Minha voz soa na pequena sala que parece ter sido usada para entretenimento. Uma estante estilhaçada fica no canto traseiro esquerdo, jogos de tabuleiro derramando-se pelo chão e a tela do projetor à frente está cheia de pequenos buracos.

Quase todas as casas neste bloco e as próximas estarão assim. As pessoas foram retiradas há dois dias, subornadas ou ameaçadas de sair, seja qual for o método mais eficaz.

Jase se agacha na frente de um dos dois homens e diz: "Se eu fosse você, eu responderia ao meu irmão." O homem atrás dele, aquele apontando uma arma para o nosso prisioneiro, solta uma risada grosseira e o homem ao lado dele segue.

"Foda-se," diz o velho. Ele está de joelhos e inclinado assim faz seu estômago parecer ainda maior. Ele tem que ter quarenta e poucos anos e, enquanto cuspia nos pés de Jase, as rugas de seu rosto se contraem. Ele quase cai sem poder colocar as mãos na frente dele. Eles estão algemados atrás das costas, assim como seu amigo à direita dele.

Jase se levanta e se move para o próximo homem, mas quando ele faz, meu coração cai e um sentimento doentio se espalha pelas minhas veias. "Onde você conseguiu esse moletom?" Eu pergunto a ele e chego mais perto dele, perto o suficiente para pegar o colarinho dele e puxá-lo para olhar seu rosto.

Ele é mais jovem com olhos redondos e lábios finos. Ele não diz nada, mas há uma sugestão de um sorriso em seus lábios como se ele soubesse um segredo que eu não sei.

"Você," minha voz sai dura quando eu solto o babaca no capuz preto e o deixo cair no chão. Ele solta uma risada e eu agarro a camisa do velho, enroscando-a e a parte de trás de sua cabeça com a outra mão.

"Qual é o nome dele?" Eu resmungo a pergunta e agito o velho, repetindo-me em um grito que rasga minha garganta quando ele não responde. "Qual o nome dele"

"Porra, eu não sei!" O velho olha para mim como se eu tivesse enlouquecido enquanto eu respirava pesadamente, meus pulmões arfando.

"Este aqui é Talvery," eu solto o velho e passo para o do capuz, aquele cujos olhos não passam de um poço de negrume.

"Este é contratado," falo enquanto me agacho na frente dele, sentindo meu coração disparar.

"Talvery não precisa contratar ninguém." O velho fala até que seu carrasco chame uma rodada e o clique o cala.

"Onde você achou este aqui?" Eu pergunto ao homem de pé atrás dele. Quando eu olho para cima, vejo que é Logan.

Ele olha para a esquerda e depois para a direita, gaguejando para responder.

"Logan," eu fico devagar, "De onde veio esse?"

"Ele estava dentro da linha, atirando no alvo, senhor," outro homem fala.

"O alvo?" Meu coração bate forte, mas eu me lembro de que Daniel deveria estar lá.

"A casa segura," o soldado esclarece.

Um frio entorpecimento percorre meu corpo enquanto o homem de capuz preto, quase de joelhos, diz: "Meu parceiro entrou e terminou o que eu comecei."

Eu me volto para meu irmão, que já está em seu telefone. "Onde está Daniel?" Eu pergunto a ele enquanto meu peito arfa por ar. Eu aperto a arma com mais força e quando o filho da puta ri de mim, uma risada profunda que arrepia a medula nos meus ossos e enche o quarto, eu o soco em seu rosto, sentindo a força dele se partindo na minha mão.

"Confirmado homem morto na casa segura, vestindo um capuz preto," a resposta de Jase acalma o medo, fazendo minha raiva ferver.

"Ele está morto?" Peço a Jase que me diga de novo quando o alívio me provoca.

"Addison disse que Aria atirou nele."

"Ela nunca deixa de me surpreender." Tanto quanto o orgulho me enche, não há nada além de raiva. Raiva que eles chegaram perto dela. Do meu passarinho. Eles chegaram perto o suficiente para machucá-la. Meus punhos apertam com força, espalhando a pele fina sobre meus dedos enquanto eu respiro devagar, profundamente, vendo nada além de vermelho.

"Daniel veio pelo lado sul, onde havia menos ação e agora ele está com Addison."

Eu ouço as palavras de Jase, sei que sim, mas elas não se registram.

Este homem com o sorriso doente de joelhos na minha frente, ele conspirou para machucá-la. Meu estômago se agita com a ideia de

quão estreitamente Addison e Aria escaparam de serem feridas, ou pior.

O primeiro soco na sua mandíbula, eu nem percebo veio de mim. Nem mesmo quando a pele do outro lado da minha articulação envia uma dor no meu braço. De novo e de novo, dou socos em seu rosto, ouvindo o estalo de ossos no silêncio ensurdecedor que enche a sala.

O sangue acelerando pelo meu pulso é tudo que eu posso ouvir. Isso e o som do homem cuspindo sangue pelo chão enquanto eu o agarro pelo colarinho e o rolo de costas para me agachar em cima dele. Com as mãos algemadas atrás dele, suas costas se arqueiam e ele tenta voltar para o lado, apertando e me enviando punhais através de seus olhos apertados.

"Quem contratou você?" Eu faço a pergunta e uma batida passa, depois outra. Ele solta um suspiro pelo nariz e os cantos de seus lábios captam um sorriso assimétrico, exibindo um anel de sangue carmesim em volta dos dentes.

Os dedos da minha mão direita esmagam sua garganta, forçando-a para o chão e sentindo seu sangue correr sob o meu aperto quando eu bato meu punho em seu rosto novamente. Seus olhos estão inchados e quando eu soco ele de novo, ouço seu nariz estalar e vejo sangue escorrer em torno de seus olhos, tornando-os negros, embora não tão negros quanto a profundidade de suas íris.

"Como você passou pelos meus homens?" Eu grito a pergunta, trazendo meu rosto perto do dele. As palavras rasgam minha garganta, rangendo enquanto vão e deixando uma dor lancinante. Tudo que eu posso ver é Aria, cercada por homens de capuz preto e

antes que ele possa responder, eu bato minha cabeça na sua, ouvindo o ruído repugnante de seus ossos quebrados esmagando um ao outro pelo impacto.

Tenho que libertá-lo, levantar-me e andar ao redor dele, olhando para o homem no chão e imaginando Aria em pé em cima de outro como ele.

Eles chegaram muito perto. Demasiado perto.

"Aquele... aquele que eu adoraria responder." Eu mal percebo as palavras, elas são faladas tão suavemente. Ele tosse o sangue, mas depois descansa a cabeça no chão, olhando para o teto. O homem balança, quase sem coerência, mas o sorriso ainda deseja permanecer em seus lábios. Ele vacila quando ele pisca lentamente, sua consciência falhando.

Lambendo meu lábio inferior, eu fico firme e me inclino para me aproximar dele, segurando a parte de trás de sua cabeça. Eu agarro seu crânio enquanto puxo seu cabelo e o forço a olhar para mim.

"Diga-me," eu expresso a demanda gravemente e seus olhos brilham com alguma coisa. Um olhar de contentamento delicioso. É só então que eu percebo o quanto eu mostrei a ele. Quanto eu mostrei a todos.

Aria é meu tudo. Só ela pode me transformar em um louco.

"Diga-me," eu empurro as palavras através dos dentes cerrados e sinto meus músculos se enrolarem, prontos para atacá-lo novamente, mas ele responde rapidamente desta vez.

"Toda saída é uma entrada."

Meus olhos procuram os dele, tentando registrar o significado de suas palavras. "Eu não tenho tempo para..."

"Sua pequena rota de fuga subterrânea... foi o nosso caminho. Meu trabalho foi fácil, sair e causar tumulto, então meu parceiro poderia fazer o trabalho dele." Ele responde a minha pergunta não formulada e parece resolver, então eu aperto seu cabelo mais apertado, não dando a ele um momento de conforto.

"E qual era o seu trabalho?"

Meu coração bate mais rápido, sabendo que eles queriam Addison, mas não tinham certeza de onde Aria estava.

"Você não gostaria de saber," ele resmunga baixinho enquanto seus olhos rolam para a parte de trás de seu crânio. Eu sacudo o filho da puta, o acordo e olho em seu olhar frio.

"Conte-me." Meu comando sai baixo e vicioso, meu rosto se aproximando dele quando a vida escapa dele.

"Eu vou te dizer uma coisa. Era apenas uma garota há um mês, mas depois aumentou para duas."

Bastardos! Minha garganta se fecha e eu luto para ficar onde estou, meus músculos queimando para ir até ela. Para Aria e para manter todos longe dela para sempre. Ninguém nunca vai chegar até ela. Nunca!

"Quem fez?" Não sei como posso fazer a pergunta ou ficar parado enquanto espero a resposta dele.

"Eu vou morrer antes de te contar," ele responde, mas depois sua cabeça cai para trás. Ele está perto da morte já. Próximo, mas ainda não chegou lá.

"Logan," eu digo e levanto a minha voz, mas eu não olho para longe do homem ao meu alcance. Ele logo estará morto.

"Senhor?" Ele pergunta hesitante de algum lugar à minha direita. Eu posso ouvir seus pés se arrastando de novo no chão quando ele se aproxima. "Soco inglês?" Eu questiono ele e depois o som de outros homens se movendo registram.

"Alguém," eu digo enquanto olho diretamente para o olhar gelado de minha vítima, "me dê soco inglês."

"Carter!" Jase grita meu nome e chama minha atenção. O calor do sangue respinga no meu antebraço e o homem tosse ao meu alcance.

"O que?" Minha pergunta é zombadora, puto que ele ousou interromper isso. "Ele veio atrás de Aria!" Eu grito tão alto, seu nome reverbera nas paredes enquanto eu olho para Jase.

Meu peito sobe e desce, minha respiração fica irregular e mais rápida.

"Carter," a voz de Jase é baixa, mas acompanhada pelo som do homem ao meu alcance falando ao mesmo tempo.

"Eu não podia esperar para pegá-las," ele resmunga baixinho.

"Carter!" Meu irmão grita para mim enquanto eu bato meu punho em sua mandíbula, ouvindo-o rachar quando se desloca. Ela balança em seu rosto e a visão só me alimenta para tirar mais da minha raiva dele.

Meus ombros estão apertados, precisando de mais um alívio quando o idiota cai para frente e Jase grita meu nome de novo. "Carter!"

"Eu não terminei com ele," eu grito as palavras enquanto empurro Jase para longe de mim, recusando-me a olhar para ele e não o homem que ousou ameaçar minha Aria. O homem balança no ombro, o rosto deformado e coberto de sangue. Ele tem que rolar para evitar sufocá-lo ou se afogar em seu próprio sangue enquanto se esforça para cuspi-lo, mas seus movimentos são fracos e lentos. Ele está perto. Demasiado perto. Eu quero que ele viva para ver o que a verdadeira dor realmente é.

"Senhor," a voz de Logan é ouvida quando um bloco de metal é colocado na minha periferia. Eu nunca sorri de forma tão sádica quanto agora.

"Devo fazer-lhe o favor de matá-lo?" Não pergunto a ninguém em particular quando me agacho na frente dele e escorrego o polegar da mão direita sobre o latão que cobre as juntas da minha mão esquerda.

"Carter!" Meu olhar se estreita quando olho para o meu irmão que está me alcançando, estendendo a mão com um olhar que me implora para ouví-lo.

Eu não pego a mão dele, mas procuro sua expressão. Ele está preocupado, seus olhos são um poço de perda e desespero. Todo o calor do meu corpo de repente se enche de gelo. Um calafrio corre através de mim quando eu pergunto a ele com o último suspiro que eu tenho, "O quê?"

Eu mal registro o gemido doloroso que o homem, ainda quase morto, diz aos meus pés.

"E quanto a Aria?" Jase me pergunta com um olhar de desespero e finalmente ouço os outros homens na sala. A guerra não acabou, e este lugar não é seguro agora que foi violado.

"Eu vou levá-la para casa." Eu dou a ele a única resposta que posso. Não importa o que ela quer, um homem chegou até ela e isso é inaceitável. Porra! Eu trinco meus dentes e jogo as juntas de metal na tela rasgada do projetor quando lembro que a casa foi atingida.

Meu corpo está tremendo, vibrando com a necessidade de protegê-la ainda tendo minhas opções limitadas. *Eu vou protegê-la.* O próprio pensamento me acalma. Ela é minha e ninguém vai machucá-la. Eu nunca vou deixar ninguém perto dela novamente.

"Eu vou levá-la onde quer que eu vá." Eu dou a ele a minha resposta em um tom que não deixa mais discussões, escondendo a agonia do que está devorando cada pensamento meu, mas isso não muda o olhar em seu rosto. Não remove nem um pouco o medo em sua expressão.

"Onde ela está?" Jase pergunta, e meu pulso diminui, a adrenalina me deixando no mesmo pensamento de estar com Aria esta noite. Mesmo que ela me odeie amanhã.

"Daniel tem ela." Eu sinto minha testa sulcar quando olho para ele, e tudo fica mais lento. Ele diminui e o mundo ao nosso redor se transforma em uma imagem desbotada e turva. Meu coração bate uma vez. Ele estava conversando com Daniel. Meu coração bate novamente. "Ele a tem," eu repito quando Jase não faz nada além de visivelmente engolir e a sala já silenciosa fica completamente silenciosa.

"Não, ele não tem." Não vejo nada além de vermelho e tudo se transforma em ruído branco, quando Jase me diz: "Aria se foi."

CONTIN

NOTAS

[←1]

Gíria britânica para xícara de chá (cup of tea)